

MANUEL CARVALHO

À beira-Main

**Montreal
2003**

Título:

À beira-Main

Autor:

Manuel Carvalho

Éditions Luso

1719 de Sienne

Laval, Québec

H7M 3K9

Canada

Capa:

Mapa do Plateau Mont-Royal

ISBN 2-9804056-2-0

Dépôt Légal:

Bibliothèque Nacional du Canada – 2003

Bibliothèque Nacional du Québec – 2003

Reservados todos os direitos de edição e tradução

MANUEL CARVALHO

À beira-Main

Éditions Luso

Do autor:

Saga – Editora Peregrinação-1989

Um poeta no paraíso – Éditions Luso-1994

Parc du Portugal – Éditions Luso -1997

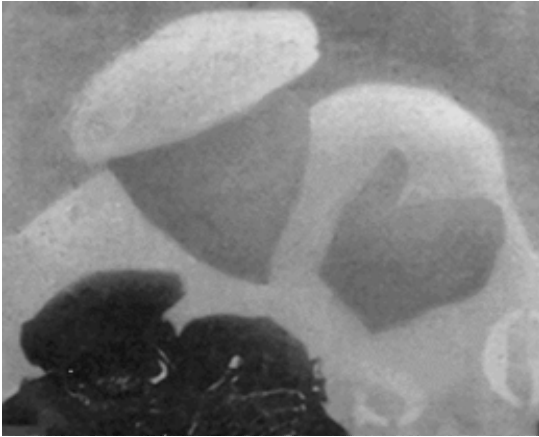
O autor nasceu em Cicouro, Miranda do Douro, em 1946.
Reside em Montreal, Canadá, desde 1980.
Tem colaboração espalhada por diversos jornais e revistas.
É o coordenador da Satúrnia-Letras e Estudos Luso-
Canadianos - <http://manuelcarvalho.8m.com/>

Aos pioneiros do Satúrnia 1953 –2003

Povo errante, foi a 13 de Maio de 1953 que, a bordo do Satúrnia, chegámos a estas paragens à descoberta de nova vida e mais rasgados horizontes.

SAGA

LIVRO PRIMEIRO



Se visitarem Montreal, passem pelo "quartier St-Louis". Lá encontrarão correntezas inteiras de prédios garridos, com tomateiros e alfaces a crescer nos jardinzitos roubados ao asfalto.

Podem bater sem receio. É gente portuguesa.

O CANTO DA SEREIA

Na tarde mansa, moído de trabalho, o Luís Negro sobe a St.- Laurent. Lá no alto, na zona dos portugueses, a rua explode em festa: bandeiras, música, bancas de rouparia, petiscos, quinquilharias, carripanas de *pop-corn*, profusão de feira “das mil e uma noites”.

Foi quando o altifalante lhe berrou na cara a cantiga. Cantina esganiçada que falava dum amor qualquer, ao luar .. na praia ... lá em baixo ... em Portugal.

Engoliu em seco, as pernas cheias de tremuras. E aquilo que não lhe acontecia há anos, desde a morte da mãe, aconteceu: duas gordas lágrimas saltaram-lhe aos olhos. Envergonhado, raivoso, enxugou-as às costas da mão encordoada.

“Porra, Luís, és algum garoto?”

A cantiga, endiabrada, sibilante, continuava a verrumar-lhe o cérebro.

“Raio de cantiga.”

Pensamentos, durante anos adormecidos, acordavam indomáveis: a sua Vieira, o mar e a praia, os copos de tinto emborcados na tasca do Palaurdo, os barcos e as pescarias e, sobretudo, os camaradas de campanha, o Tonho, o Rijo, o Coxo, tantos, tantos...

“E a fome que passavas, Luís, e a fome?” — rebatia, a afastar os engodos. — “Aqui podes juntar umas *dólas* e lá? Lá roías a ponta dum corno. E olha que não trabalhavas menos. Na pesca, na lavoura, puxavas pelo canastro como um mouro”.

E os pensamentos com os freios nos dentes: nos entardeceres ensanguentados de verão, qual deus de bronze a puxar as redes, os músculos quase a rebentar, trespassado pelo olhar admirativo da turistada toda, os pulmões esbraseavam-se: ôoh ... ôoh ... ôoh ... e as sardinhas a saltar como prata! E o mar manso como um rafeiro! E ...e ... e...!

Mal chegou a casa, disparou:

— Este ano vamos a Portugal.

A mulher levantou o nariz do tacho a ferver no fogão.

— Tás maluco?!

Ele queria falar da cantiga, de tudo o que lhe corria em tropel na cabeça, mas ela não lhe deu azo.

— Tás maluco, home? Íamos gastar um dinheirão. E os nossos planos? E o campo, e a casa nova? Atão não combinámos que íamos lá só pró ano?

O Luís sentiu-se envergonhado por ser o mais fraco. Mais fraco do que ela. Ela que chorara baba e ranho ao deixar a terra.

“Mas, porra, ela não ouviu a cantiga!”.

Saiu porta fora. Para a rua. Para a multidão.

Mesmo assim andou oito dias sem quase falar à mulher, entre envergonhado e raivoso. Depois passou-lhe e continuou a amealhar dólares, para o campo e para a casa nova.

HISTÓRIA DE NATAL

A Teresa está feliz. Radiante.

O bacalhau com batatas e grelos ferve na panela. À volta da mesa farta, o seu Luís, o Jaime, a Maria Cândida, a criançada. Petiscam e bebericam numa algazarra festiva.

Na televisão não se fartam de dizer que lá fora está um frio de rachar. Vinte e oito ou vinte e nove graus negativos. A consoada mais fria dos últimos anos.

— Aqui tá quentinho — encolhe os ombros o Luís, esvaziando mais um cálice de porto.

Com a colher de pau, Teresa acalma a fervura da panela.

“Que rico bacalhau! Graças a Deus é uma farturinha.”

De chofre:

— Nossa Senhora! Ai que desgraça! — Abafou os gritos com o avental.—Santo Deus!

Esquecera-se de comprar azeite, O santo azeitinho para os grelos. Os grelos precisam de azeite como o corpo de sangue, sempre ouvira dizer. E logo naquela noite santa!

Resoluta, enfiou o casaco e as botas de neve. Os outros, quando a viram naquele preparo, ficaram pasmados:

— Onde vais, alma do diabo?

— Tás maluca?

— Vou ali à loja do açoriano comprar umas coisas

de que me esqueci. Só vos peço o favor de olharem pelo bacalhau. Daqui a dez minutos, desliguem o fogão. Não se esqueçam, pel'amor de Deus!

— Esta mulher é o diabo. Ainda é capaz de ficar tesa como um carapau, aí para algum canto.

— Na noite de hoje Nosso Senhor ajuda toda a gente. Não se esqueçam do bacalhau, é só o que vos peço.

*

O Zé Biana está estirado sobre a cama. Os olhos pregado no tecto. A telefonia enche o quarto com canções de Natal. Engole, mais uma vez, o suspiro que o sufoca. Sensação igual só em Angola, na tropa, nas consoadas no mato. Mas lá havia os camaradas, qualquer chalaça, um mar de cerveja para afogar tudo. Não havia a mulher, a filha. A espera. À espera que ele abrisse caminho na vida.

Apagou a telefonia e foi à janela. O gelo espalmava-se contra as vidraças como mão gelada e ameaçadora. Raspou o vidro com as unhas. O pedaço de rua estava deserto e branco, numa quietude polar.

“Que noite!”

Sentou-se na cama e tornou a ligar a telefonia. As mesmas cantigas de Natal. As mesmas cantigas de esperança. Afinal era essa mesma esperança que o mantinha de pé. Esperança de arranjar um emprego melhor, poder mandar vir a mulher e a filha.

— Tudo se há-de arranjar, rapaz — encorajou-se em voz alta. — Não sejas fracalhote. Já passaste bocados piores e não morreste. Estás é a precisar duma bebedeira. Amanhã acordas sem esses macaquinhos na cabeça. Mesmo na noite de hoje deves encontrar praí qualquer buraco onde comprar uma garrafa de vinho.

*

— Boa noite — saudou Teresa.

O *depanneur* estava praticamente deserto. Apenas

um freguês de ar taciturno esperava que o Açoriano lhe fizesse a conta. Mas este não estava muito apressado, mais disposto a cavaquear do que a outra coisa.

— Que noite! Há dezoito anos que estou em Montreal e nunca vi uma consoada tão fria. — A máquina pôs-se a cantarolar números. — Quatro *dólas* e meia. O senhor é novo por cá?

— Estou cá há sete meses.

— Já tem emprego?

— Por agora lavo pratos aí num restaurante. Em Portugal era serralheiro.

— Ainda vai ter muito que amargar — profetizou o Açoriano, arrancando uma gorda e pestilente baforada do enorme charuto pendurado dos beiços.

Teresa apanhou a garrafa de azeite da prateleira e aproximou-se do balcão, a tempo de compartilhar da conversa. Olhou, de soslaio, a garrafa de vinho.

— O senhor vai consoar com alguém? — perguntou.

O Zé Biana corou, sob a barba de dois dias.

— Não, senhora. Este ano lá terá que ser assim. Ainda por aqui ando sem a família.

Teresa estava rouca de emoção:

— Coitado! Numa noite destas! O senhor vai consoar lá a casa, tá dito. O meu Luís não vai dizer o contrário.

— Mas...

— Não há mas nem meio mas. Afinal o senhor também é português. É feito do mesmo barro que nós. Tá dito e não há mais discussão. Ia beber esse vinho sozinho? O vinho assim sabe a veneno. Ora venha daí!

*

— Trago este senhor pra consoar co' a gente. Ainda tem a família em Portugal e não...

— Sente-se, homem — interrompeu-a o marido. — Cabe sempre mais um pobre à mesa doutro.

— Eh, Luís, até pode ser Nosso Senhor Jesus Cristo a tentar-nos. Na noite de hoje nunca se sabe — segredou a Maria Cândida.

— Tu tás é já com um copo a mais — gargalhou o Luís. Mas, pelo sim pelo não, reservou a melhor posta de bacalhau para o desconhecido.

SÁBADO À NOITE

As salsichas com ovos grudavam-se à garganta ressequida. Deitou a garrafa à boca e deixou o vinho escorrer longamente. Ganhou fôlego e tornou a beber. Mas nem mesmo assim o nó desapareceu. O nó crónico dos sábados à noite, quando as paredes do apartamento o espremiavam contra os seus pesadelos.

“O que precisas é dum bocado de ar nas trombas”.

A St. Laurent era um deserto. Somente ele, as montras, carros apressados, um céu gelado. E o gelo a estalar sob as botas.

“Em vez d’andar práqui feito parvo, vou é até ali à Casa Minhota tomar uma bica e um bagaço.”

Estugou o passo. Sentia os pêlos do nariz tesos como arames, o queixo encortiçado.

“Raio de frio.”

Estacou defronte da agência do banco português.

“Deixa lá ver a como tá o câmbio. Pra quê? Não mando dinheiro para Portugal.”

Mas olhou. Como sempre. Aqueles números gordos tinham visco.

“Porra, o escudo cada vez vale menos.”

Um cartaz, colado à vitrina, despertou-lhe a atenção. Devia ser outro baileco português. Grandioso, diziam sempre os cartazes.

“Deixa lá ver onde é.”

Igreja St. Louis de France.

“Mas para que quero eu saber de bailes? Já não

estou em idade de bailações.”

Bebidas, petiscos, engodava o cartaz.

“Até pode ser um bocado bem passado. Sempre hei-de encontrar qualquer gajo conhecido.”

*

Quando entrou, o conjunto esfarrapava-se todo às voltas com um malhão. Furou até ao bar e pediu uma cerveja.

— Aqui tá mais quente do que lá fora, eh amigo?

O Algarvio olhou o seu interlocutor. Um fulano de cara avermelhada, a rondar os cinquenta.

— É verdade — aquiesceu.

— O Canadá só tem de bom as *dólas* — tornou o outro. — Vim há dias de Portugal e aquilo sim, amigo, aquilo é que é clima.

— Por que não ficou por lá?

— A família, amigo, os filhos na escola. O amigo tem filhos?

— Nem mulher!

— E anda nestas terras a fazer o quê?! Hoje em dia só não ganha lá bom dinheiro quem é malandro. E pelas suas mãos vê-se que não é malandro nenhum. E aquele sol! Até no inverno! Um sol assim é uma riqueza.

O conjunto atacava um vira. Os pares rodopiavam, entregues a apelos profundos.

— Não há nada como a nossa terra, amigo.

O calor subia dos corpos e das almas.

— Não perca tempo, amigo. Ai se eu pudesse!

O conjunto atirava-se agora a uma marcha.

— Que céu azul, amigo!

Quando saiu dali o Algarvio ia com a barriga cheia de cerveja, música e decisões feitas.

“Segunda-feira compro um bilhete de avião e raspo-me para Portugal.”

Como mil vezes anteriormente, aliás.
Geralmente, nos sábados à noite.

A FRAUDE

— **P**ai, tente compreender, por favor!

Estavam a almoçar. O Manuel Transmontano, a mulher, a filha. Num domingo de Maio.

O Manuel Transmontano encarou de raspão os olhos garços e límpidos da filha. Baixou a cabeça para o prato, as batatas atravessadas na garganta. As palavras saíram-lhe enferrujadas:

— Tu é que sabes da tua vida. Mas se saíres daquela porta para fora, para te ires juntar com esse estrangeiro, nunca mais tornas a cá entrar.

— Eu e o Michel gostamos um do outro. Tente compreender, por favor. Por favor!

Minutos de silêncio. O sol a jorrar da janela.

— Vou dar uma volta.

— Onde vais, Manuel? - alarmou-se a mulher, chorosa.

— Descansa que não me vou enforcar.

Na rua, sentiu-se perdido. Os quinze anos de Canadá repartira-os entre o trabalho e a casa, para além duma ou outra saltada à loja do Açoriano para beber uma cerveja e dar dois dedos de conversa. Com duas viagens a Portugal, de permeio, para matar saudades, para preparar o amanhã.

Foi dar ao jardim. Um jardim a cobrir-se vertiginosamente de sol e verde. Sentou-se num banco. Um esquilo desceu duma árvore e aproximou-se em avanços e recuos inquietos.

As perguntas, acusações, da aldeia em peso não lhe davam tréguas:

“E a tua filha? O quê?! Deixaste-a naquelas terras? Com um estrangeiro? Nem sequer casada?! Que raio de homem és tu? Não te saís ao teu pai, não! Com esse ela vinha nem que fosse morta. Andaste tantos anos por lá para quê? Todas as terras que compraste vão ser para os lobos. Mais valia teres ficado por lá, desgraçado.”

— Hei-de morrer nestas terras, enterrado num buraco de gelo?

O esquilo amaranhou árvore acima, amedrontado com os gritos dos homens. Lá no alto, ficou imóvel, a espiar. Como o homem não desse mais sinais de vida, tornou a descer e continuou a cabriolar sobre a erva tenra.

O SONHO

— Chega bem eu deixar o coiro na fábrica de plásticos. Não te quero ouvir mais.

— Se eu trabalhasse já podias fazer menos horas, levavas outra vida. E o dinheiro que estamos a perder com a tua teimosia? Ao menos deixa-me ir fazer uma *aplicação* numa companhia de limpezas.

— Basta!

A chicotada da voz de Jaime estancou a nova ofensiva de Maria Cândida. Rixa de anos. Cerrada.

— Eu sei por que não me deixas ir trabalhar.

— Ainda bem que começas a abrir os olhos.

— Não te faças desentendido. Isto é tudo culpa do 25 de Abril. Desde esse dia nada presta para ti no Canadá. Tens o corpo aqui e a alma em Portugal. Bem te vejo quando alguém vem de lá. Até pareces uma criança de olhos arregalados para o que contam. Mas não penses que agora são tudo rosas. Olha se as pessoas não continuam a emigrar! Só não vêm mais porque não as deixam.

— As coisas não se mudam do pé para a mão.

— Conversa! Só conversa! Os ricos acabam sempre por dar a volta à coisa. Se não é duma maneira é doutra.

— Pelo menos agora há liberdade.

— Os pobres não enchem a barriga com palavras bonitas.

A mostarda chegou ao nariz de Jaime:

— Que sabes tu dessas coisas? Que sabes tu dos sonhos dos trabalhadores?

— Calculas tu que eu também não tenho sonhos?

Havia pegos profundos nos olhos de Maria Cândida. Tão profundos que Jaime desviou o olhar, deitou água na fervura:

— Afinal a guardar crianças pouco menos ganhas do que numa fábrica. Estás em tua casa, não dás contas a ninguém, para mais agora que o inverno está à porta. O dinheiro não é tudo, mulher! Não viemos para o Canadá para rebentares o canastro a trabalhar para esses exploradores.

— Lá tás tu!

Jaime ensaiou uma carícia. Maria Cândida sorriu. A rixa adiada.

RESSACA

Encontravam-se invariavelmente na loja do Açoriano. Nos sábados à tarde. Para beber umas cervejas. Para falar, falar. Porque falar não custa *dólas*, como filosofeia o Luís Negro.

São três: o Luís Negro, o Jaime Reis, o Zé Biana. Eram quatro mas no último inverno o Pedro Algarvio, num inesperado assomo de coragem, comprou um bilhete de avião e cavou para Portugal. Pela Páscoa, mandou um postal, que estava bem, sim senhor, ao sol do seu querido Algarve, entretido a escorropichar belos copos de medronho.

Cerveja na mão, sentados regaladamente nos degraus de acesso à loja, a conversa escorre mole e lenta como a tarde de Agosto.

— Bem fazes tu, Biana, em teres a família na terra. Não estás preso, quando quiseres cavar, cavas — disse Jaime, limpando com a mão o suor do pescoço.

— É mesmo! — concordou o Luís. — Os filhos são uma prisão. Começam na escola e um gajo fica amarrado.

— E para quê? Ainda ontem um gajo que aí vem às vezes, vocês conhecem-no, o Manel Transmontano, me esteve a contar que quer regressar à terra e a serigaita da filha anda aí embeçada por um *quebecois* qualquer e quer cá ficar. Coitado, até anda meio avariado dos cornos.

— São problemas do caraças. Tu é que tens juízo, Biana.

— Custa muito! Há mais de um ano que não vejo a

família.

— Há praí muita saia, rapaz.

— E cada traçalhão!

— Estas canadianas têm fogo entre as pernas.

— Vocês falam assim porque não estão longe da família. O que eu queria era arranjar um emprego na minha profissão e mandar vir a mulher e a filha. Já estou farto de lavar pratos no restaurante daquele filho da mãe do grego.

— Isto tá mal, Biana. Dá-te por felizardo porque há praí gajos que nem isso arranjam.

— O Canadá já foi chão que deu uvas.

*

O Zé Biana regressou a casa com meia dúzia de cervejas no bucho. Os copos davam-lhe sempre para a tristeza. As paredes do quarto ficavam mais nuas, os trastes mais escanzelados, a solidão mais gritante, Portugal mais longe. A memória em carne viva: “Estou farto de ser escravo, Adelaide. Farto até à ponta dos cabelos de aturar patrões. No Canadá pagam bem a um operário especializado como eu. Vão ser cinco anos, Adelaide. Só cinco anos. Depois regressamos, compro umas máquinas, monto uma oficinazita e nunca mais aturo patrões.”

Despiu o casaco. Deu pontapés na cama. Praguejou. Vestiu o casaco e foi bater à porta do Reis, dois quarteirões adiante.

— Deixas-me telefonar para Portugal?

— Vais gastar um dinheirão.

— Os dólares que se lixem. Vou mandar vir a família

A GRANDE AVENTURA

Desde há cinco anos, quantos ela tem de Canadá, que a Teresa, nas quintas-feiras à tarde, mal sai da fábrica, percorre as lojas de St. Laurent. Nesta compra cenouras, naquela manteiga, na outra batatas e por aí fora, a farejar os *especiais* com os seus argutos olhos de camponesa, desde criança habituada a comer o pão que o diabo amassou. O que ela se ri, com o seu Zé, das tapadas das canadianas que gastam um dinheirão em enlatados que não valem a ponta dum chavelho. Com o dinheiro que elas gastam numa semana, enche ela a dispensa para um mês. Bem gostaria de ir a uns grandes *magasins* de que lhe falaram. Mas ficam fora de mão, para isso só de carro. Vai para dois anos que o seu Luís esteve tentado a comprá-lo mas, após longas noites de discussão e insónia, acharam melhor comprar um terreno lá na terra.

Compras feitas, Teresa estava radiante. No porta-moedas ainda lhe restavam seis dólares. Um nota de cinco dólares e quatro reluzentes moedas de vinte e cinco cêntimos. Despejou o dinheiro para a palma da mão e, babosa, apertou-o, com a ternura com que, nas noites de boa disposição, afaga o seu Luís.

Foi quando uma ideia malíflua se lhe enroscou no cérebro. Ideia que lhe encheu as pernas de tremuras e lhe perlou a testa de suores frios. Com dedos trémulos encafou a nota no porta-moedas e pasmou para a reverberação das moedas.

— Poça, hoje é que é!

Virou a esquina da Pins e abeirou-se resoluta do quiosque.

— *Un trio, s'il vous plaît.*

A unha raspava nervosamente o papel:

Rei ... dama ... nove ... oito ... nove ... nove.

— Ai, Jesus — gritou a segurar o coração que saltava doido do peito. — Ai, Virgem Maria, ganhei cinco dólares!

Ia entregar o bilhete premiado, reclamar o dinheiro, quando a voz do diabo falou pela sua boca:

— *Cinq trios, s'il vous plaît.*

Ás .. rei ... ás ... dama ... dama.

Nada!

Rei ... ás ... oito ... oito ... nove.

Nada!

A unha raspava, raspava, vertiginosa.

Nada, nada, nada. NADA.

Custava-lhe a acreditar. Não, não era possível. Tudo branco. Parva. Nem parecia coisa de mulher de trinta anos.

À noite, o Luís encontrou-a acabrunhada.

— Saudades da família — desculpou-se ela.

Ia lá contar ao seu homem aquela aventura !

A SUECADA

O Manuel Transmontano olhou as nuvens pardas acasteladas sobre a montanha e levantou a gola do casaco contra o vento de agulhas geladas em riste.

“Mais quinze dias e temos a *snow* em riba.”

Desde que a filha abalara de casa que os domingos lhe eram insuportáveis, longos, longos de morrer. Tinha de sair para a rua, quando não era capaz de rebentar. Calcorreava ruas e vielas até já não sentir as pernas, até já não pensar e só então, esfalfado, vazio, regressava a casa, pronto para mais uma semana de trabalho.

Desta vez, o passeio sem norte encaminhara-o para ali, para o parque já semi-deserto, onde um bando de rapazes, aos pontapés a uma bola, porfiavam em domar o inverno. Um pouco mais à frente, na abrigada dum barracão, três fulanos, portugueses pela pinta, batiam cartas sobre uma mesa de piquenique.

— Boas tardes — saudou-os.

— Boas tardes. — E continuaram a batê-las, mudos, sobre a mesa.

Passados uns bons cinco minutos, o mais novo, de cara enfarruscada por um par de patilhas selvagens, lançou-lhe por cima do ombro:

— O amigo quer fazer uma perna numa suecada? Tamos para aqui a jogar à bisca de nove mas isto não aquece nem arrefece.

Colhido de surpresa, até corou. Há quanto tempo não pegava numas cartas! Para mais de quinze anos, desde

que abalara de Portugal. E se era bom jogador! Lá na taberna do Luís, ele e o Casimiro vergavam os mais pintados. Tinham cá um jogo de sinais mais ensaiado do que a banda da música. Aquilo era só aviar neles.

— Baralhe o amigo.

Aceitou o baralho e os dedos enferrujados até tremiam, um calor tremendo a subir-lhe à cara.

— Podem partir.

A princípio a medo, cada vez mais afoito, o ritmo a emergir, a mão começou a bater as cartas, sobre a mesa, com a gana de vinte anos atrás. E c'os diabos, lá para a terceira ou quarta partida, quase lhe apeteceu voltar a cabeça e berrar pró Luís:

— Bota aí um *penalty* do pipo novo.

VORAGEM

A Adelaide e a filha chegaram a Montreal quando as primeiras nevadas enlamearam as ruas.

— Que terra tão feia — disse Adelaide, observando os edifícios sombrios.

A filha enchia os olhos daquela paisagem inédita.

— Achas que vou encontrar trabalho decente?

— Que pergunta! Isto aqui é só preciso querer trabalhar.

— Mas tu ainda não arranjaste nada na tua profissão! — insistiu a Adelaide.

O Zé Biana lançou uma gargalhada.

— As coisas aqui não são como lá, mulher. O que é preciso é que os dólares escurram para dentro do bolso. Há para aí gajos que até a apanhar minhocas se enchem dele. Olha, o primeiro gajo que me estendeu a mão, o Luís Negro, na terra dele era pescador e aqui faz limpezas. E não há homem mais feliz do que ele.

Em Viana, a Adelaide trabalhava num escritório. Tinha tremuras na voz quando insistiu:

— Se calhar não vou arranjar um emprego como lá.

— O que é preciso é querer trabalhar, mulher. Isto é uma terra de futuro.

— Só não quero é ir parar a uma fábrica — desabafou, com as lágrimas a saltarem-lhe aos olhos.

Mas foi. Passados meses de frustração e desencanto. Para a fábrica onde trabalha a Teresa. Mas mesmo assim foi difícil.

— Cada vez há mais desemprego, o que valeu é que a *bossa* é minha amiga — esclareceu Teresa, com uma ponta de vaidade.

A *bossa* era uma minhota mal encarada:

— Aqui as pessoas ou dão rendimento ou vão para o olho da rua. Fica a trabalhar nesta *machin* de cortar pontas. Quando tiver mais prática, passa a ganhar à peça.

Adelaide sentou-se à máquina e começou a trabalhar. De dentes cerrados. Sem levantar a cabeça.

— É pouco — comentou a *bossa*, passados dias. — É preciso dar mais rendimento. Os patrões não estão para sustentar ninguém.

Há protestos que sobem à boca de Adelaide. Protestos que morrem inarticulados. Faz das tripas coração e redobra a cadência.

— Mais ... mais ... mais...

A meio da manhã, os rolos de cortinados pesam arrobas. A meio da tarde, toneladas.

— Mais ... mais ... mais...

— E teve muita sorte. Se a *bossa* a põe a passar a ferro é que vai ver como elas mordem — encoraja-a Teresa.

À noite, Adelaide nem afagos tem para a filha. Quando se apanha na cama, sonha. Sonha muito. Com a sua Viana perdida. Com a infância remotas. Com coisas talvez nunca vividas.

— Então gostas do Canadá? — pergunta o marido.

— Eu gosto — antecipa-se a filha. — Há muitos baloiços.

Adelaide olha a criança, enternecida. E sorri. Um sorriso que lhe adoça as faces cavadas.

SORTILÉGIO

Desde há muito tempo que a Teresa anda para comprar uma *cafeteira-expresso*. Só que há sempre qualquer coisa mais urgente e a cafeteira vai ficando para trás. O Luís até já troça:

— Se estiver a contar beber café dessa cafeteira tou bem arranjado.

— Tudo tem o seu tempo. Não me vou atirar à tôa, as *dólas* custam a ganhar.

Até que, por fim, em plena St. Laurent, Teresa deparou com uma loja a abarrotar de cafeteiras em saldo.

— É uma pechincha, acredite — encorajou a empregada portuguesa. — Olhe, aquelas, que fazem as mesmas seis chávenas, custam dezoito *dólas*.

Intrigada, Teresa examinou uma das cafeteiras mais caras. O mesmo peso, o material parecia o mesmo, só a asa um tudo nada diferente.

— Se aquelas custam menos algum defeito devem ter — desconfiou Teresa.

— É por estarem em saldo, acredite. Ainda ontem custavam as mesmas dezoito *dólas*.

Uma cafeteira em cada mão, Teresa não se rendia à primeira. E, ao virar a mais cara de pernas para o ar, aquele *Made in Portugal* saltou-lhe aos olhos.

— Que graça, esta é da nossa terra.

Virou a outra e o *Made in Italy* até parecia envergonhado.

— Levo a portuguesa — decidiu-se Teresa.

— Faz mal — discordou a empregada. — A qualidade é a mesma, são três *dólas* que deita ao ar.

— Eu é que sei.

Só em casa, quando reparou na reverberação trocista da cafeteira, é que viu a asneira que tinha feito.

— Faço cada uma. Deixá-lo, antes nisto do que na farmácia.

INTEGRAÇÃO

Quando o Luís Negro entrou em casa, estranhou que os braços sôfregos do filho não lhe saltassem ao pescoço.

Onde diabo tá metido o cachopo? — berrou ainda antes de descalçar as botas da neve.

Teresa apareceu-lhe de cara reluzente.

— Que raio é isso, mulher? Tás corada como quando te espetei o primeiro beijo.

A mulher retorcia o avental, um risinho cacarejado a estremecer-lhe os peitos fartos.

— O menino? Tá em casa das vizinhos.

— Quais vizinhos? —perguntou distraído o Luís, entrando na casa de banho.

Teresa foi-lhe no encalço.

— Os franceses.

— Que raio de história é essa?

Agora, Teresa, era uma enxurrada de palavras:

— Caiu uma camisola das crianças deles na nossa varanda ... fui lá ... Afinal é gente como nós ... simples... vieram aí do norte ... não têm cá ninguém ... quiseram que o nosso filho ficasse a brincar com os meninos deles

A incomunicabilidade com a vizinhança era um espinho na vida de Teresa. Lá nos Milagres ou na Vieira depois de casada, conhecia todo o bicho careto, bastava chegar à janela para falar pelos cotovelos com toda a

gente.

Aqui era diferente. Cada qual na sua toca. Anos a fio sem uma palavra trocada. Nem uma simples saudação nas escadas.

— Nem bichos! — desabafava de coração arrepelado.

Pelo prédio desfilavam franceses, italianos, gregos, gente de toda a raça, como ela nunca pensara que existisse. Tudo menos portugueses, para mágoa dela.

— Vamos viver para junto dos portugueses, Luís — implorava. — Não aguento mais!

O Luís dizia que sim, talvez para o ano, mas os anos corriam e continuavam entre a estrangeirada.

— Pelo menos assim ninguém fala na nossa vida — justificava ele aquela inércia.

Por tudo isto, hoje a Teresa está nesta euforia:

— Vamos convidá-los para jantar no fim de semana, Luís. Faço cozido à portuguesa, ou feijoada, ou uma bacalhoadada, ou ... — e, delirante, perde-se em fantasias, como numa bela tarde de Maio se perdera pelo seu Luís, no pinhal, lá na aldeia.

OÁSIS

Aquele dia tinha sido horrível. Os miúdos até pareciam ter o diabo no corpo, tinham-lhe feito a cabeça em água.

“E ainda há quem diga que isto de guardar crianças é bom! Mais valia quantas vezes andar na fábrica, pelo menos tinha com quem falar. Mas vá lá alguém dizer isto ao teimoso do meu homem ...”

Quando o último miúdo partiu, pôs-se logo a pratos ao jantar, deu banho aos filhos, enfiou-lhes a comida pela boca abaixo e, depois de lavar a loiça, arranjou-se e entreteve-se a passar uma peúgas, à espera do marido.

Já passava das seis horas da tarde quando Jaime chegou, sobraçando um grosso molho de jornais.

— Hoje não querias vir para casa?

— Bem sabes que às terças-feiras vou sempre ao *quiosque* buscar os jornais portugueses.

— E tu sabias muito bem que hoje tenho consulta marcada para os garotos. Olha, se quiseres comer, aquece o guisado que tá em cima do fogão. Mas, às terças-feiras, nem precisas de jantar. Chegam-te os jornais.

Jaime já não a escutava, enterrado no sofá, o jornal aberto a toda a largura.

— É o que eu digo, já não houve ninguém. Podia arder a casa que ele nem sentia. Venham, miúdos, que já tamos atrasados.

A sala de espera da clínica Luso ainda fervilhava de gente quando a Maria Cândida e os miúdos entraram.

— Vocês tenham juízo. Não andem para aí a correr feitos doidos.

Cumpridas as formalidades na recepção, a Maria Cândida vasculhou a sala com o olhar. Lá para o fundo, uma mulher gorda e quarentona enchia a sala com uma história da breca que metia amantes, facadas e almas penadas.

Maria Cândida sentou-se ao lado dela, orelhas abertas, a língua engatilhada. E quando a outra se deteve para retomar fôlego, não perdeu a oportunidade.

— Na minha terra, em Pias, deu-se um caso parecido... — e foi por ali fora, até que a voz da empregada a chamou para a consulta, para a crua realidade da vida.

MEDO

Aquilo que escarafunchava nas tripas e lhe apertava a garganta era medo. Era, sem sombra de dúvidas, medo. Igualzinho, mesmo igualzinho àquele que em garoto o devorava quando, ao anoitecer, atravessava o pinhal, de regresso da escola. Naquele tempo cantava, cantava até quase rebentar os pulmões e os fantasmas e os lobisomens se refugiarem para os confins da mata.

— Vamos ou não, homem? Decide-te duma vez por todas.

Medo! Medo do seu francês atravessado. Medo de muralhas invisíveis.

— Vamos, pois — implorou o filho. — Vão os pais dos meninos todos, vai ser tão bonito!

— Lá bonito deve ser — ajudou a Teresa. — Já viste o que é cada qual levar um petisco do seu país? Se nós formos, vou levar uns pastéis de bacalhau, até se vão lamber todos.

— Que raio de ideia a daqueles professores — insurgiu-se o Luís Negro. — O papel deles é ensinar os garotos. Agora fazer festas! É só para desassossegar uma criatura.

— Ó homem, aquilo é tudo imigrantes como nós!. Mas se não quiseres ir, não vamos. É um desgosto que das ao teu filho mas se tens medo... !

— Claro que vamos. Medo, eu?

Uma ladaínha com cheiro a árabe subia do gira-discos. A mesa, no centro da sala, repleta de petiscos, era mapa-mundo gastronómico. Ao redor, rostos de todas as cores e formas, as bocas a trincar a medo, os olhos a ensaiar diálogos. A garotada num tropel de correrias e gritos a escaqueirar barreiras.

O Luís levou à boca uma pequena bola castanha.

— É bom.

— Sabe a quê?

— Prova.

Teresa cacarejou.

— Credo! Ia lá comer uma coisa que não sei o que é!

— *C'est de mon pays* — disse ao lado um homenzinho atento, dentes muito brancos na cara castanha.

— *A été ma femme.* — Apontou a mulher com o queixo. Tinham ambos os cabelos muitos negros e lisos e um sorriso suspenso dos olhos negros como carvões.

— *Nous sommes du Portugal* — afoitou-se a dizer o Luís.

— *Du Portugal?*

Os dois pares de olhos negros arderam de adoração. E, num francês sincopado, o homem pôs-se a desfiar uma história estranha e maravilhosa. No Sri Lanka. Um missionário português a arrebatat multidões. Martirizado. O cristianismo alimentado séculos fora. Contra mil barreiras.

No peito do Luís crescia uma maré-cheia.

Sabia lá ele onde ficava o Sri-Lanka! Mas, pelo nome arresado devia ser lá para o fim do mundo.

Agora, o peito estoirava a camisa.

— Dá cá esse disco, cachopa! Já vão ver como se canta na nossa terra.

Grandioso, dirigiu-se para o gira-discos. Pouco depois, a voz da Amália enchia a sala.

LABIRINTO

Os filhos deitados, a mulher a lavar a loiça na cozinha, o Jaime Reis enterrou-se no sofá e preparou-se voluptuosamente para manejar o comando da televisão. Aquele era um dos grandes prazeres da sua vida. Sentia-se o centro de qualquer coisa. Deus capaz de mudar o rumo dos acontecimentos com um simples carregar num botão.

— Lá tás tu outra vez a brincar com a televisão — admoestou-o a Maria Cândida, com uma espreitadela da cozinha. — Nunca vês nada até ao fim . És pior que os miúdos. Apaga mas é isso e liga o rádio que está na hora da emissão portuguesa.

Jaime encolheu os ombros e calçou a tecla do serviço metereológico.

— Olha, amanhã estão vinte negativos — vingou-se.

— Se estivessem vinte positivos é que me admirava.

De chofre, o telefone pôs-se a retinir.

— Quem será a estas horas?

Estendeu o braço.

— Alô?

Do outro lado do fio soou uma voz jovial:

— Boas noites, rapaz. Não reconhecês a voz? ãnh.. ãnh... fala o Pedro ...o Pedro Algarvio, rapaz!

Jaime gaguejou de espanto:

— Estás ... estás a falar de Portugal?

— De Portugal uma ova. De Montreal, rapaz.

Cheguei hoje.

— Mas ... mas...

— Olha, rapaz, resolvi regressar . — A jovialidade da voz murchava a olhos vistos. — Olha, não me dava lá na terra. Perguntava por este e por aquele, nada! Este estava em França, aquele morrera, o outro desaparecera. Não havia um velho camarada com quem beber um medronho. E um gajo andar a beber sozinho é uma merda, mais vale ir logo para o manicómio.

— Mas tu, no postal que mandaste, dizias que estavas porreiro!

— Ora, o que podia dizer? Um homem não pode dar parte de fraco logo à primeira. Palavra, aquilo já não é a minha Tavira. Até me parecia que o rio corria ao contrário e que a ilha já não estava no mesmo sítio. Quase que me sentia estrangeiro na minha própria terra. Olha, cá estou. O que me valeu foi estar naturalizado canadiano senão já não me deixavam cá entrar. Ainda continuam a ir à loja do Açoriano beber umas cervejas? No sábado, contem comigo. Tás a ouvir? Tás a ouvir?

— Sim, estou.

— Boa noite. Até sábado.

Jaime desligou o telefone. Enterrou-se ainda mais no sofá. Esquecido o comando da televisão. Uma ruga enorme cavada na testa.

Até que, por fim, a Maria Cândida o chamou à vida:

— Vai-te deitar, homem. Amanhã é dia de trabalho.

A FESTA

De regresso a casa, o Luís abraçou-se à mulher.

— Olha este, tá-lhe a dar!

— Quando te conheci não eras tão arisca. Bem te metias debaixo da minha asa — riu-se o homem.

— Era uma ceguinha.

Vinham da festa do Senhor Santo Cristo. Felizes. O filho, dois passos à frente, pendurado de dois enormes balões. A Teresa abraçada a uma jarra de loiça que lhe saíra numa rifa.

As barracas de comes e bebes, a procissão, as bandas de música, a carnesse, o leilão, as famílias endomingadas, tudo isso entrou peito adentro do Luís Negro. Verdade, verdadinha, só faltaram umas pipas de carrascão e um fogo preso para aquilo parecer mesmo a festa da Nossa Senhora dos Milagres.

— Quando é a festa de Nossa Senhora dos Milagres? — perguntou o Luís.

— A meados de Setembro, sabes muito bem.

— Vai fazer quinze anos que começámos a namorar. Tive que beber uns valentes copos para meter conversa contigo.

Coisas ditas e reditas, gastas, mas que nesta noite tépida de Maio renovam o viço em fontes profundas. O Negro tornou a abraçar a mulher.

— Tem juízo, homem. Já não és nenhum rapaz.

— Tás mais esquisita do que nesse dia.

— E ele a dar-lhe — cacarejou a Teresa,

ruborizada.

*

Pela primeira vez desde há muitos anos, ao acordar pela manhã seguinte, o Negro pespegou um beijo na companheira.

— Se vier praí outro herdeiro vamos entregá-lo ao padre. Ele é que foi o culpado.

— Credo, homem!

ERUPÇÃO

Mal as noites começam a amornar, o Jaime Reis e a família adoram ir apanhar o fresco. St. Laurent acima, St. Laurent abaixo, no passeio dos tesos, graceja o Jaime. Os garotos brincam ao *cache-cache*, como agora dizem. A Maria Cândida é toda olhos para montras e gentes.

—Ai que blusa tão linda! ... Olha aquela tão novinha agarrada a um velho ... podia ser pai dela! Que sapatos amorosos! ... Olha, olha aqueles dois ... têm cara de maricas! ... Que combinação tão bonita! ... Olha aquela mulher, Jaime, que figura!

— Cala-te, mulher, aqui há muito português. Não dês barraca.

Estavam defronte de um dos vários restaurantes portugueses da artéria. Jaime espreitou para dentro.

— Está a abarrotar. Isto é que dá dinheiro como milho. Assim vale a pena emigrar. Dizem que o proprietário andava de calças rotas quando cá chegou.

A porta abriu-se. Saiu um casal na casa dos quarenta. Ela com uns grandes olhos azuis sob o gorro de pele branca. Ele grandalhão, esgargalado, um grande charuto espetado na cara reluzente.

“Este mamou pelo menos duas *Mateus*”, pensou Jaime.

Os garotos, cegos na correria, foram esbarrar no casal.

— *Doesn't matter* — riu-se o homem. Passou o charuto para o canto da boca e rebuscou os bolsos do

casaco.

— *It's for you.*

Desapareceram no *Mercedes* estacionado ali a dois passos, envoltos nas gargalhadas gordas do homem. Os miúdos ficaram de olhos pasmados para as notas, esquecido o *cache-cache*.

Uma vaga de suor cegou Jaime. Arrancou as notas das mãos dos miúdos e rasgou-as com raiva. Os fragmentos esvoaçaram por todo o lado.

— Tás doido, Jaime?

— Isto é dinheiro porco.

Os garotos começaram a choramingar.

— Qual dinheiro porco?! Rasgaste duas notas de cinco *dólas*, Jaime!

— É o mesmo que escarrar na cara da gente — berrou Jaime. — Para eles os imigrantes são todos uns mendigos a quem se dá esmolas e pontapés quando é preciso.

— Quais esmolas, quais pontapés?! Tu lá conheces o senhor? Tás maluco?!

Jaime recaiu em si.

— Toca a girar para casa. Estamos a dar espectáculo à borla.

A HORTA

À terceira cerveja, Jaime alvitrou:

— E se fôssemos dar uma mão ao Negro?

O Algarvio limpou os lábios às costas da mão e grunhiu um assentimento. Na verdade, já estava chateado de estar para ali a emborcar cerveja atrás de cerveja e a ouvir a boca amarga do Jaime vomitar filosofadas sobre a vida que até azedavam o estômago.

— Vou telefonar — disse Jaime. — Éh Açoriano, posso dar uma apitadela ao Luís Negro?

— Esse gajo não aparece cá hoje? — estranhou o Açoriano.

— Mudou-se esta semana ali para a Coloniale. Nem deve ter tempo para ir à retrete — esclareceu Jaime, discando os números.

Quando respondeu, a Teresa estava alterada:

— Vejam lá que temos as mobílias praqui a monte e ele saiu logo de manhã para comprar uma enxada e está prali a estragar o jardinzito todo. Tá doido varrido, digo-te eu!

— Nós vamos já aí — acalmou-a Jaime.

Mal dobraram a esquina, avistaram logo o amigo no minúsculo jardim. Esfomeada, a enxada mordida a terra com raiva. Os músculos dançavam no dorso nu do Negro.

— Tás a achar petróleo? — gracejou o Algarvio.

O Luís interrompeu a tarefa e endireitou-se, com

um sorriso na cara enfarruscada de pó e suor.

— São vocês? Olhem, vou fazer disto uma rica horta. — A mão possante apontava: — Aqui planto cebolas, naquele canteiro alfaces e naquele canto ainda me cabe uma carreira de tomateiros. A Teresa tá raivosa por eu lhe ter arrancado as flores. — Cuspiu nas mãos e a enxada tornou a rasgar a terra. — Porventura há jardim mais bonito do que uma horta?

PAIXONETA

Há um ror de tempo que o Algarvio não aparece. A tal ponto que os amigos já começam a ficar preocupados.

— É capaz de lhe ter acontecido alguma coisa.

— Quando um gajo vive sozinho como ele, com tanta malandragem que praí há...

— Ou então bebeu uns copos a mais e...

— Em vez de estarem praí com agoiros por que não pegam no telefone e já ficam a saber tudo? —sugeri o Açoriano. — Parecem um bando de galinhas chocas.

— Vejam lá, pensava que aquela boca era só para segurar o charuto mas não — riu-se o Luís Negro. — De vez em quando, também serve para dizer uma acertada. Tens aí o número do gajo?

O Biana discou o número e corou de espanto quando uma voz feminina respondeu.

— *Mais... c'est de la maison de monsieur Pedro?*

O grupo acotovelou-se, a curiosidade aguçada.

— Foi uma mulher — ciciou o Biana. — Querem ver que o malandro ...! És tu, Pedro? Mas então, que história é essa?

Agora eram quatro orelhas coladas ao telefone.

— É a vida, rapazes — respondeu o Algarvio, com uma gargalhada que lhes arranhou os tímpanos. — A vida não pode ser só copos. Também faz falta uma mulher para nos aquecer os pés. Qualquer dia pareço por aí para falarmos um bocado. Talvez leve a Gisele para vocês a conhecerem.

O telefone desligado, ficaram uns segundos mudos a ganhar fôlego para a gargalhada que ribombou pelos quatro cantos da loja.

— O malandro!

— Quem haveria de dizer!

— Um sonsinho daqueles, ãnh!

— Não lhe tornamos a ver as trombas tão cedo.

*

Contra todos os prognósticos, o Algarvio apareceu passados quinze dias. Fizeram-lhe uma grande festa.

— Isto é que é um amigo dos fixos — galhofou o Negro, moendo-lhe as costas de palmadas. — Lá arranjou coragem para enfiar as calças e vir até cá abraçar os amigos.

— Como ele está chupado das carochas! — ajudou o Biana.

— Então essa famosa *blonde*? Deste-lhe folga hoje? — acrescentou Jaime.

Mas ao repararem na cara crispada do amigo sustiveram-se.

— Atão, problemas? — ajudou o Negro, pondo-lhe na mão uma cerveja.

O Algarvio pousou a cerveja no balcão e passou a mão mole pelo rosto amarrotado.

— Acabou tudo. Foi sol de pouca dura.

— Desembucha, corisco. Morto por isso estás tu — disse o Açoriano, empestando o ar com uma fumaça arrancada gulosamente ao charuto.

—Tens razão. — Pedro tornou a levar o gargalo da cerveja à boca. — A princípio era tudo muito bonito. Beijos para aqui, beijos para ali, era só amor. Mas depois... ela não sabia passar uma camisa a ferro, não sabia cozer umas batatas. Só se sentia feliz quando íamos jantar fora. Mas isso ainda era o menos. Eu não quero os dólares para

forrar as paredes do apartamento. Ontem à noite é que a coisa aqueceu. Sem mais nem menos, disse-me que ia sair com umas amigas. Estão a ver isto? Sei lá se eram amigas ou amigos. Vocês sabem como são estas *quebecoises*. Proibi-a de sair. E ela não me ligou nada. Disse que saía e saiu mesmo. Pus-lhe as malas à porta do apartamento. Vocês estão a imaginar o Algarvio a andar praí com um par de cornos maiores do que os arranha-céus da *vila*? Pelo menos fica a saber que os portugueses são homens com eles no sítio. Que eu, francamente, gostava dela. Gostava a valer dela.

CRISE

O filho mais novo do Jaime Reis fez hoje anos. A Maria Cândida fez um bolo de banana que lhe saiu uma beleza. A mesa, coberta com aquela toalha comprada nos chineses, que até parece da Madeira, está repleta de iguarias, nem mesmo falta uma garrafa de vinho do Porto.

Mal o Luís Negro e a família chegaram, o garoto não se susteve mais:

— Quero o meu *cadeau*, quero o meu *cadeau*!

— Estas crianças estão estragadas — franziu o nariz Jaime.

— São os tempos, Jaime — contrapôs Luís, abrindo uma cerveja. — Quando eu era garoto os meus pais davam-me a ponta dum corno. Coitados, nem dinheiro tinham prá cêdea de pão. Minto! Um dia deram-me um cavalito de lata. Acho que foi o dia mais feliz da minha vida. Nessa noite dormi abraçado a ele.

A Maria Cândida foi buscar o presente. Um pacote enlaçarado, a desafiar a imaginação.

O garoto, sôfrego, arrebatou-o das mãos da mãe, mergulhou os dedos, puxou o sonho à tona da realidade. Fitou atentamente os cubos coloridos do *puzzle*, depois um esgar de decepção rasgou-lhe a boca:

— Não quero isto, bem sabes que eu queria aquele avião que vôa ... aquele que dá na televisão. Não quero isto!

— Este jogo é melhor, filho!

— Não quero, já disse! — gritou o garoto, lívido.

Num repente, lançou o pacote esventrado ao chão.

— Pega já nisso — gritou Jaime.

— Não!

A bofetada explodiu na cara do garoto.

— Ó homem, logo hoje — desfez-se em lágrimas a Maria Cândida.

As palavras saíam em cachão, envenenadas, da boca do homem:

— Tudo uma porcaria... esta publicidade... a televisão... sociedade podre... corrupta.

— Acalma-te, homem. — atalhou o Luís Negro.

Jaime, fulo, ridículo, escorraçado por olhares perplexos, voltou as costas e fugiu para a rua, com um bater estrondoso da porta.

O Luís Negro quebrou o silêncio:

— Se esse parvo não quer comer essa maravilha de carne de porco à alentejana que fizeste, isso é lá com ele, ó Maria Cândida. Trás mas é isso prá mesa que eu já lhe trato da saúde. Quando lhe der o cheiro, o Jaime vai voltar depressa como um raio.

MUDAR DE VIDA

— Vai buscar o lápis, rapaz.

De lápis em punho, dirigiu-se solene para o calendário pendurado sob o relógio da cozinha. O lápis percorreu, nervoso, as carreiras de algarismos e acabou por se deter sobre o 27.

— Cá tá. — O lápis descreveu um círculo veloz e artístico. — Tá confirmado. Venho de passar pela agência de viagens. Abalamos a 27 de Julho.

O Luís Negro voltou-se à espera das reacções.

A Teresa, muda, os olhos cravados no círculo de fogo sorvia e expelia o ar da cozinha em golfadas ardentes, um mar de vermelhão a derramar-se-lhe pela cara. O garoto, alheado, pregava os olhos no ecrã da televisão.

— Este já não é português — riu o Luís, apontando o filho com o queixo.

— Mas ... é verdade, Luís? — conseguiu articular a Teresa.

O Luís Negro sentou-se à mesa da cozinha, a descascar uma laranja.

— No avião da Tap, às dez da noite. Tão certo como eu estar aqui a descascar esta laranja.

Os pensamentos de Teresa começavam a dispersar-se:

— Não nos podemos esquecer de levar alguns presentes para a família. Não é que precisem mas fica sempre bem. Ontem vi umas saias em saldo numa loja de chineses, vou comprar uma para a minha mãe. Gostava

também de levar uma lembrança aos padrinhos.

Derreada de emoções, Teresa sentou-se defronte do marido, as mãos vencidas sobre o regaço.

— Há mais de seis anos que não vemos a nossa terra, Luís! Tanto tempo!

A cozinha enchia-se de reminiscências. As lágrimas corriam felizes pelo rosto da mulher.

—Tantos anos!

O Negro olhou enternecido o rosto em pranto da mulher.

— Tu andas sempre a poupá-lo, nunca queres comprar nada de jeito para ti, mas desta vez vais fazer o que eu mando — ameaçou-a de dedo em riste. — Vais comprar um vestido a preceito, dos bons.

— Mas pensas que eu sou alguma dessas senhoritas que praí andam?

As gargalhadas a rolar gordas da cozinha, acabaram por incomodar o garoto que resingou:

—Nem me deixam ver o filme sossegado. Têm de comprar uma televisão para o meu quarto, é o que é.

RUPTURA

As discussões com a Maria Cândida são cada vez mais frequentes, alastram como fogo em palha de centeio.

— Tu tens é de ir à bruxa, homem! — lamuriava-se a Maria Cândida. — Isso é coisa ruim que trazes contigo.

Jaime, sem palavras, estonteado de remorsos, perde-se no bulício das ruas, vai, cada vez mais, procurar refúgio na cavaqueira do café Portugal, ali a dois passos de casa.

Nessa noite, a freguesia tinha o nariz levantado para a partida de hóquei no gelo a correr na televisão. Os comentários saltavam de mesa para mesa, os cigarros ardiam nos dedos, as bicas ficavam a meia-viagem.

— Grande jogada, ainda dizem que o Lafleur está velho!

— Os *Canadianos* arreiam a valer. Vê lá a foirada que o Tremblay espetou no Gratsby.

— Olha que os *Nórdiques* também não são pêra doce.

Jaime sacudiu o frio da gola do sobretudo e foi-se encostar ao balcão.

— Uma bica a esaldar.

O jogo prosseguia empolgante, taco a taco. A uma jogada mais virtuosa o parceiro do lado assentou-lhe uma cotovelada.

— Grande jogada aquela! O amigo viu?

Jaime deitou-lhe um olhar sobranceiro.

— Está a tomar-me por quem? Na minha terra joga-se à bola. Eu sou português.

O outro ficou enxofrado:

— Se é português eu também o sou, ora essa!

— Pois não parece. —E indiferente ao olhar fúlo do compatriota, Jaime voltou deliberadamente as costas à televisão, tirou a *Bola* do bolso do sobretudo e abriu-a ostensivamente, a toda a largura, muito concentrado na tabela classificativa do campeonato de futebol da primeira divisão nacional.

RENASCER

— **P**assa pelo escritório, por causa da papelada do desemprego.

Antigamente, a resposta estava sempre pronta, ativa, raivosa, na ponta da língua:

— Não preciso de *chômages* pra nada. Tenho duas ricas mãos para trabalhar, não é para andarem enterradas nos bolsos. Graças a Deus sei tocar quase todos os instrumentos, não tenho medo de me agarrar a nada.

E agarrava-se! Como um touro a investir contra a muralha da vida. Já fizera de tudo, só nunca fôra doutor.

Mas desta vez não havia altivez nem raiva, somente uma mescla de resignação e fadiga, que crescia das entranhas e se esparramava pelos membros, entorpecente como droga.

“Razão tinha o Jaime quando, lá na loja do Açoriano, dizia que neste país não há respeito pelo trabalho dum homem. Quando não precisam de nós, rua. Sem contemplos. Dá vontade de deixar a água correr. Sim, o Jaime tinha razão, embora eu estivesse sempre a dar-lhe para trás.”

Na manhã seguinte levantou-se perto das onze horas. Esqueceu-se de se barbear. Esqueceu-se de ir à lavandaria. Esqueceu-se de ir ter com os amigos à loja do Açoriano.

Refugiou-se no jardim prenhe de sol e vagabundos. Sentou-se num banco a saborear o sol morno. Num banco ao lado, um vagabundo ressonava tranquilamente. Lá mais

para a frente, uma criança solitária cavalgava um baloiço. Fez-lhe um aceno amigável mas o miúdo refugiou-se para mais longe, para a segurança do mais afastado baloiço.

Ficou o tempo parado, o sol a morder a cara do vagabundo que acordou contrafeito, a piscar os olhos estranhamente azuis e limpos no carão barbudo e requemado. Tacteu os bolsos até encontrar o coto de charuto que acendeu cuidadosamente. Puxou três fumaças longas e saboreadas e só então reparou no Pedro Algarvio. Piscou-lhe um olho compincha e estendeu-lhe o charuto na pinça das unhas estercadas.

A camaradagem daquele gesto esmurrou o Algarvio no alto da cabeça. A caminho do apartamento até espumava:

“Aquele malandro! A oferecer-me uma pirisca! Pensa que sou algum miserável como ele!”

A mente efervescente traçava planos sobre planos:

“Eu não seja mais o Pedro Algarvio se segunda-feira não arranjo trabalho. O malandro!”

RAÍZES

Finalmente, após longos avanços e recuos, é que estas coisas não se decidem do pé prá mão, o Luís Negro comprou carro. Novo, como não podia deixar de ser. Nisto de carros o Negro é como com as mulheres: só em primeira mão.

O primeiro passeio vai ser já no próximo domingo ali ao Parque Paul Sauvé, onde lhe disseram que o rio é largo como o mar, a areia escorre por entre os dedos e os pinheiros até lembram Portugal.

— Vai ser uma sardinhada, cachopa. Levamos o Biana e a família co'a gente, coitados, nunca vão a lado nenhum — diz o Negro desarrolhando a garrafa de medronho que o Algarvio lhe trouxe de Portugal. Vazou um cálice farto e foi-se sentar ao lado da mulher, afundada em roupa para passajar. — Tás de acordo?

— Desde que não seja para trabalhar tou sempre de acordo. Se não estiver a chover. Bem sabes que o Verão aqui não é de fiar.

— Se não for este é pró outro.

— Esqueces-te que tás quase em Setembro. O verão são só mais uns dias, não tarda nada tá aí o frio.

— Tou a ver que te fez mal ir de férias a Portugal. Desde que viemos ainda não te secou a lágrima ao rabo do olho, sem uma conversa escorreita, sempre a dar pró torto.

— E tu, pensas que eu não sei que também andas preocupado por causa do teu pai? Desde que a tua mãe morreu, é preocupação que não te sai da cabeça, conheço-

te de ginjeira. O melhor é mandá-lo vir pró pé da gente e pronto.

— Deves ter razão.

— Claro que tenho. Só os vadios é que esquecem a família e a terra onde nasceram.

— Lá tás tu outra vez! O que mais queres? Tamos há seis anos por cá e já temos carro, comprámos o terreno lá na terra, temos uns dinheiritos, já fomos a Portugal, o que mais queres?

— Não é a nossa terra — suspirou a Teresa.

— Lá tás tu com a telha! Não é a nossa terra, não é a nossa terra. Sempre ouvi dizer que a nossa terra é onde ganhamos o pão que comemos. Agora só peço a Deus que com a crise que por aí vai não me despeçam lá das limpezas. Será o que Deus quiser. Mas que não há terra como o Canadá isso te garanto eu.

— Isso não são dizeres do coração — obstinou-se a Teresa, cerzindo um par de meias.

Arreliado, Luís emborcou mais um cálice de me dronho.

— Nunca to tinha dito mas vou dizer-to agora. Sabes qual é a única coisa que talvez me faça um dia regressar à terra? É não ter aqui o mar. Faz-me falta respirar a maresia e ouvir as ondas a bater na rocha. Só isso e mais nada. E um pedaço de terra para amanha. Sim, também um pedaço de terra!

O NETO

O Manuel Transmontano regressou a casa com um sorriso atravessado nos olhos. E não era para menos, dez partidas ali esfoladas com toda a categoria, para mais com um parceiro fracalhote, coitado, que sabia tanto da sueca como ele de pesca. Ah, duma tarde assim nem em Portugal se recordava. Dez partidas, com um capote pelo meio para compor a festa, não era todos os dias.

Franqueou a porta a assobiar uma cantilena arrançada á memória mas quando viu a criança nos braços da mulher até as tripas lhe deram uma volta.

— Que raio é isso?!

— É o teu neto, Manuel. — E num assomo de coragem: — Já fez seis meses e ainda não conhecia o avô, coitadinho.

Quase que ia estorcegando o pescoço para olhar para o outro lado.

— Esse jantar ainda não está na mesa?

Mas a Alzira já não lhe farejava a fraqueza, conhecia-o como às palmas das mãos.

— O menino é a tua cara sem tirar nem pôr. Chama-se Pierre, coitadinho. Olha o avô, Pierre.

— Trata do jantar, carago. — E desarvorou para a sala, para abafar o palrar que lhe escaldava os miolos.

“Àh malditas tripas que nem o deixavam sossegar no sofá. Ainda eram capazes de lhe dar um nó que o levava o catano.”

— Vem jantar, Manel.

Amarrou a cabeça no prato e sabia lá o que estava a comer, garfada atrás de garfada, os copos de tinto a empurrarem tudo para as tripas, para ver se o nó se desfazia.

Esfregou a boca à borda da toalha e atirou um «vou dar uma volta, para desbastar o comer», ele que nunca saía depois do jantar, bicho caseiro, um bocado de televisão e toca a deitar. Mas o rabo do olho traíu-o: «carago, é mesmo a minha cara». Já estava com um pé na rua quando as tripas se desataram:

— Se quiseres, diz à tua filha que venha cá almoçar no domingo.

— E... e... ele?

— Já alguma vez viste convidar a mulher sem o homem? Parece parva! — E o rabo do olho voltou a traí-lo: «Carago, é mesmo a minha cara.»

PIQUENIQUE

O Luís Negro agarrou um punhado de areia e deixou-a escorrer lentamente por entre os dedos, num réverbero de poalha dourada.

— Ó Biana, isto é bem como me diziam, até parece Portugal.

O Zé Biana esprou o olhar pelo azul das águas do rio, até lá longe, à outra margem debruada pelas pinceladas escuras da mata.

— Tens razão, isto é lindo a valer.

— E já viste essas febras praí estendidas ao sol que nem lagartos? — riu-se o Negro.

— Já tu comesas com as tuas parvoíces — enciumou a Teresa.

— Ó cachopa, se Deus deu olhos aos homens para alguma coisa foi.

— Credo, homem, acaba com essas blasfémias que podes ser castigado. Vai mas é acender o fogareiro que já não é sem tempo.

— Lá nisso tens razão — aquiesceu o Luís, bem humorado. — Vamos lá preparar a sardinhada.

— Eu não quero sardinhas — protestou o filho.

— Eu também não — solidarizou-se a filha do Biana.

— Raios vos partam, cachopos. Não tarda nada tão como esses parvalhães dos canadianos que só sabem comer

hamburguers e saladas.

— Vocês tenham cuidado com o fumo — aconselhou a Adelaide, um pouco apreensiva. — Se os canadianos sentem o cheiro das sardinhas, fogem a sete pés.

— Àh, é? — fez o Luís, congestionado de soprar as brasas. E sacana, os olhitos gordos de malícia, calculou matreiramente o golpe de vento de forma a que a fumarada fosse mesmo esbarrar no casal de canadianos-ingleses que, amodorrados nas suas cadeiras reclináveis, ruminavam assépticas sanduiches de tomate e alface.

O SEGREDO

Os últimos tempos tinham sido um amontoado de sensações mal digeridas a chocalhar-lhe na cabeça.

Tudo começara com a enxurrada de cartas do filho:

“Venha daí! O que faz aí sozinho? Qualquer dia morre aí no buraco como um bicho!” — Aquilo eram mais do que as sardinhas na rede duma boa pescaria: “Nós tratamos de tudo. Pagamos-lhe a viagem. Venha daí à experiência.”

Acabaram por convencê-lo. Mal desceu do avião o Luís não o largou mais. Levava-o a todo o lado. Metia-lhe Montreal pelos olhos dentro.

“Então, pai, gosta disto? Quer cá ficar? Eu trato da papelada.” — Enleavam-no nas algemas do sangue:

“Vocemecê não gosta é de nós! Não quer ficar ao pé dos seus netos!”

Calava-se. Desentendido.

“Falta-lhe alguma coisa?”

Agora, no avião, de regresso a casa, largou um suspiro bem puxado e resfastelou-se no banco, com tempo para arrumar a cabeça.

Na verdade, a decisão de regressar a Portugal tomara-a logo no primeiro dia, mal o sentaram à mesa farta de tudo e o seu Luís lhe estendeu um cerveja:

“Nós, aqui, habituámo-nos à cerveja. O vinho custa uma fortuna. O pai quer que lhe vá buscar um garrafão de vinho? Veja lá, não se acanhe. Já me lembrei de fazer vinho, agora que temos uma cavezita mas ainda

não me resolvi a comprar os apetrechos. Há por aí muito português, quase todos a bem dizer, que fazem uma rica pinga com uvas da Califórnia. Até bagaço fazem!”

E quando soube que não havia tabernas onde beber um copo saído da pipa? Então, sim, era irremediável o seu regresso a Portugal. Não havia engodo que o demovesse.

Até sentia pena dos esforços baldados do filho. Só que não podia dizer as suas razões. Eram capazes de lhe chamarem doido.

“Fartura aquilo? Antes quero a minha pobreza.”

E a praia da Vieira instalou-se-lhe nos olhos, a rebentar de sol, pescarias, copos de tinto e vida. Porque os maus bocados e a miséria punha ele, por agora, para trás das costas.

NUVENS

Desde há muito tempo que a Adelaide anda soturna, esquiva, a gritar com a filha por dá-cá-aquela-palha.

— Andas doente? — desconfia o Zé.

— Qual doente qual carapuça! — riposta ela, agreste.

Nessa noite o Zé apanhou-a a lavar a loiça na cozinha e segurou-a firmemente pelos ombros.

—Hoje é que me vais dizer o que raio te anda a morder por dentro.

A Adelaide voltou-se, rosto terroso, olhos atarantados, a espuma do detergente a escorrer-lhe das mãos. Quis esquivar-se mas, por fim, a boca rasgou-se num lamento saído das entranhas:

— Isto é vida, Zé?! Estamos para aqui desterrados, sempre metidos no buraco, sem ir a lado nenhum. Vejo os outros comprar carros, mobílias, e nós? Nada! Só a aferrolhar. Tu ainda tens os teus amigos, quando queres ainda vais beber com eles. E eu? A minha vida é casa, fábrica, casa. Trabalho, trabalho, trabalho! Isto é vida, Zé? Eu...eu...

As palavras fundiram-se em lágrimas grossas e ardentes.

O Zé Biana ciciou, emperrado:

— Tu sabes ... são só alguns anos...só juntar o di

nheiro suficiente para montar a oficinazita em Portugal e... tu sabes ... já falámos tantas vezes disto. Agora que encontrei um emprego de serralheiro já podemos pôr mais algum de lado. Talvez mais seis ou sete anos o máximo oito, garanto-te. Tu sabes..! — Argumentos frouxos, gastos.

Adelaide atirou-se a um tacho esturrado, O Zé refugiou-se no ecrã da televisão.

*

Às tantas da madrugada:

— Estás acordado?

— Estou.

— Olha .. não ligués ao que eu disse ... ando um bocinho nervosa.

O Zé acendeu um cigarro.

— Adelaide ... tu também tens razão. Se não puder ser em oito é em dez anos. Vou ver se consigo encontrar um escritório ou dois para limpar aos sábados e vou passar a ir menos vezes para a cerveja. E vamos começar a dar uns passeios.

— Dorme.

A ponta do cigarro errou longamente na noite do quarto, até que, por fim, se esborrachou contra o cinzeiro. Amanhecia.

RECICLAGEM

Para mais de dois meses que o Luis Negro estava na *chômage* e já começava a ver o caso mal parado.

Não é que ele gostasse de andar nas limpezas, verdade seja dita. Aquilo de andar ali de vassoura na mão não era vida para ele, mas um homem no Canadá não pode ser esquisito de dente, tem de se agarrar a tudo, vergonha é não gostar de trabalhar. Mas passar os dias com o rabo metido em casa também não era vida, já andava com os nervos à flôr da pele e quem pagava as favas era a família, punha-se a disparatar por tudo e por nada.

Por isso, quando o Zé Peixeiro lhe disse que lhe arranjava emprego na peixaria *Waldman* pouco faltou para começar aos saltos.

— O Zé, tu és o gajo mais porreiro de Montreal!

O Zé Peixeiro olhou-o de soslaio.

— Olha que eu disse ao *bossa* que tu eras peixeiro em Portugal, vê lá se não me deixas ficar mal visto.

— Qual peixeiro qual carapuça, rapaz. Eu era pescador, pescador do mar alto, trato os peixes por tu des de cachopo. Há gajos que são uns grandes sabichões, sabem tudo e mais alguma coisa mas cá o rapaz basta pôr os olhos em cima dum peixe para ver com o que tá a lidar.

— Amanhã é que a gente vê.

*

Manhã formigante de sábado, o Luís Negro enfiou o avental branco pela cabeça abaixo e espraiou o olhar pelas bancadas de peixe. Aquele cheiro intenso, penetrante,

punha-lhe ondas a marulhar nos ouvidos e quando a primeira freguesa se lhe dirigiu até tremia.

— A pescada é boa, senhor?

Deitou o rabo do olho às pessoas e franziu o nariz. As palavras saltaram-lhe à boca:

— Volte cá prá semana, senhora. Está a ver-lhe os olhos mortos? E apalpe-lhe a barriga, quando tá mole não presta.

Sentiu-se sacudido pela manga. Era a cara atónita do Zé Peixeiro.

— Tu és maluco, pá?! Que parvoíces eram aquelas prá freguesa? Queres que o *bossa* te ponha no olho da rua logo no primeiro dia?

— Mas á Zé, eu era pescador e ...

— Tu és é um valente parvo, não voltes a fazer aquilo e vai mas é trabalhar que o *bossa* já tá com o nariz no ar.

O Luís Negro compôs o avental e enfrentou a muralha de freguesia.

— A pescada é boa, senhor?

As palavras que se formavam morreram no deserto da garganta. Acenou afirmativamente com a cabeça mas os olhos gritavam:

“Volte cá prá semana, senhora. Está a ver-lhes os olhos mortos? E apalpe-lhes a barriga, quando...”

À CARGA

— Já fizeste os deveres da escola portuguesa? — perguntou o Jaime ao filho mais velho.

O garoto encolheu-se todo pela cadeira abaixo.

— Ainda tenho tempo até sexta-feira

— Em acabando de jantar vai mas é pegar-te aos livros.

— Logo agora que ia dar um filme tão bom na televisão!

— Se não vires esse filme não perdes nada. Aposto que é mais uma dessas séries de violência que só te fazem mal à cabeça.

— Lá estás tu outra vez ... — mordiscou-o a Maria Cândida, com um sorriso trocista, levantando a mesa.

Jantar acabado, a mulher a lavar a loiça, Jaime voltou à carga:

— Anda, trata mas é de te pegares aos deveres. O português agora é muito mais importante do que esse *quebecois*, que nem francês chega a ser, que andas para aí a aprender. É só perder tempo. Quando regressarmos a Portugal, se souberes bem o português, é meio caminho andado na escola. Vais ver que não terás nenhum problema de adaptação. Um ambiente são é tudo. Lá vão poder brincar livremente na rua sem medo, como cá, de que algum desses malucos, que por aí infestam a cidade, vos faça alguma. Uma tranquilidade assim vale ouro, não há dólares que a paguem. Como é que vocês poderiam um dia ser homens equilibrados se desde crianças têm de desconfiar de tudo e todos? Vais ver como em Portugal é

diferente.

— Pois sim! Mas eu lá não tenho amigos, não conheço ninguém.

Jaime assentou uma palmada nas costas do filho.

— Não estás bom do miolo. É o que eu digo, este Canadá já te começa a afectar. Então não tens lá os teus primos? E na tua idade um rapaz tem os amigos que quer. E amigas. Olha que o sol alentejano faz as raparigas crescer depressa como as searas.

— Não digas essas coisas à criança — recriminou-o a Maria Cândida, com uma espreitadela da cozinha.

— Uma criança? Há muito tempo que não olhas a preceito para o teu filho. O rapaz já vai a caminho dos treze anos, mulher.

— Calem-se com isso — implorou o garoto, orelhas a arder.

Jaime largou uma gargalhada e acariciou os cabelos encaracolados do filho.

— Acredita no teu pai. Tu nasceste lá, é a tua terra, não se podem esquecer as raízes. Olha se o teu irmão se rala. E esse nasceu cá. Ouve cá, Paulo, tu queres ir para Portugal?

A criança ergueu os olhos cândidos da televisão e perguntou desprendido, num fio de voz:

— E lá há McDonalds?

O VINHO

Ainda a manhã de sábado mal clareava os *blinds* e já o Luís Negro andava às reviravoltas na cama.

— Que raio tens tu, home? — resmungou Teresa, ensonada. — Nem aos fins de semana uma criatura pode descansar em termos. Raio de home, quanto mais velho pior, deves andar com alguma fígada, é o teu costume.

O Luís sorriu sorratamente na penumbra, divertido com a perspicácia resingona da mulher .

À medida que a luz da manhã. ia invadindo o quarto, arrancando os objectos familiares à quietude da noite, o Negro sentia crescer nas entranhas aquele frenesim incontrolável que sempre o acometia quando andava com alguma a moer-lhe a cabeça. A um raio de sol mais afoito, que se esgueirou pela fresta entre o *blind* e o lintel da janela e que foi explodir contra o espelho da cômoda, numa miríade de fogaréus multicolores, saltou levemente da cama e, ainda a enfiar as calças pernas acima, abandonou o quarto nas pontas dos pés para não acordar a Teresa que finalmente dormia a sono solto.

*

O Açoriano acabara de abrir a porta quando o Negro lhe entrou loja adentro.

— Gaivistas em terra ... — estranhou o Açoriano, esfregando os olhos bêbados de sono.

— De manhã é que se começa o dia — riu-se o Luís, esfregando vigorosamente as mãos, como que a

amestrá-las para a ciclópica tarefa que as aguardava.

— Afinal o que é que queres? — interessou-se o Açoriano. — Agora és tu que fazes as compras?

O Negro assentou-lhe uma vigorosa palmada no cação.

— Estas são umas compras especiais. Vais-me mostrar o que aí tens para fazer vinho, rapaz. Preciso de tudo, pipo, balseiro, prensa, essa cangalhada toda. E umas caixas de uvas. Mas das melhores, ouviste? A mim não me enganas tu como a esses labrêgos a quem vendes gato por lebre e que nem sabem distinguir uma alicante duma moscatel. Já que me decidi a isso, vou fazer a melhor pinga de Montreal.

— Lá prôa tens tu — engelhou o nariz o Açoriano, arrancando uma gorda nuvem de fumo do charuto que já tinha encravado entre os beiços.

*

À tarde, os apetrechos arrumados na cave e o perfume do mosto a encher a casa, quando o Luís se sentou à mesa da cozinha para engolir uma bucha apressada e escrevinhar duas letras ao velhote, as palavras jorraram alegremente da esferográfica: “Quando cá voltar outra vez para nos ver, já tem à sua espera um pipito de vinho de estalo. Não precisará de ir praí dizer, como da outra vez, que aqui um homem morre à sede...”

REVIRAVOLTA

Pela primeira vez, desde os tempos de Viana, a Adelaide veio recebê-lo à entrada da porta, com um abraço sôfrego e duas labaredas nos olhos.

A perplexidade que lavrava a cara do marido fê-la soltar uma gargalhada do fundo do peito.

— Adivinha o que me aconteceu hoje.

— Sei lá! Ganhaste, o loto, não? — retorquiu o Zé, meio recobrado da surpresa.

— Melhor do que isso. Muito melhor. Calcula tu que estava para ali, esta manhã, na fábrica, agarrada àquela estúpida máquina, a magicar no que haveria de fazer para o jantar, quando a encarregada me bateu no ombro: «vai ao escritório que o *bossa* quer-te falar.» Senti um calafrio pela espinha abaixo. “Mau, lá vou eu para o olho da rua”, foi o meu primeiro pensamento. E sabes tu o que ele me queria?

— Vai-te dar sociedade na fábrica — ainda galhofou o Biana.

— Não sejas parvo. Pois olha que não é pior. Quando eu estava à espera de um raspanete ou coisa parecida, zás: “Tenho um emprego para ti no escritório.” Assim, sem mais nem menos. Só mesmo à americana.

Pelo serão adentro, a garrafa de Dão esvaziada:

— Assim sei lá se a gente deve pensar em regressar a Portugal, Zé. Agora que tu e eu temos empregos ao nosso gosto, é caso para pensar duas vezes. Aqui podemos sonhar com um futuro, abrir outras

perspectivas para a nossa filha.

— Tu és doida ou quê?! — atalhou o Zé. — Cinco ou seis anos e ... Querem lá ver esta!

A Adelaide não estava para altercações. Atirou os braços ao redor do pescoço do marido e beijou-o ternamente.

— Não te irrites, querido. Vou-te preparar um café e uma bagaceira.

FECHO DO LIVRO PRIMEIRO

Os sábados à tarde, na loja do Açoriano, morreram de vez.

Inesperadamente para alguns, o Jaime Reis regressou com a família a Portugal, à procura da sua alma, porque um homem não pode viver toda a vida sem alma, como compreendeu nas últimas cervejas da despedida o Luís Negro. Este anda com a cabeça a ferver de sonhos que crescem, uns após outros, com a harmonia das figuras dum *puzzle* entre as mãos duma criança. Agora o seu fito é comprar uma *bungalow* nos arredores de Montreal, com um bom pedaço de terra à volta para fecundar com a poesia das suas mãos. Já diz, meio a sério meio a brincar, que ainda por cá vai deixar os ossos e, o mais estranho, a Teresa já nem resmunga.

— Mas, pelo menos, de cinco em cinco anos vamos a Portugal — é a sua única objecção.

O Zé Biana há muito que deixou de aparecer. É um homem cheio de urgências, em luta, talvez inglória, contra o tempo e as tramas em crescendo da Adelaide.

Quanto ao Pedro Algarvio, é um caso perdido, dizem dele. Consta que vive da *chômage*, talvez do *bien-être* e já não enjeita a camaradagem dos vagabundos crónicos pelos jardins dos ócios.

Por último, o Manuel Trasmontano reparte agora os seus tempos livres entre as suecadas e o palrar do neto e, embora pareça inverosímil, chega a ser um homem feliz.

O Açoriano estranhou a ausência do grupo mas a

experiência diz-lhe que outras revoadas virão.

Ciclicamente. Enquanto houver céus e infernos,
dentro e fora dos homens.

PARC DU PORTUGAL

LIVRO SEGUNDO



Coisa estranha: apesar de se acharem no seu país, a nostalgia não morreu e esse murmúrio subterrâneo, tenaz, invencível, continua a lavar no fundo das suas almas.

Yolanda Foldes
A rua do gato que pesca

Discretos, como vivem, os portugueses vão, aos poucos, desertando o *quartier St-Louis* e no conforto dos subúrbios provam o pão que a integração amassou.

BUNGALOW

O agente imobiliário, um português com mais de vinte anos de tarimba, paciente como uma múmia, com artes para impingir uma casa a um morto, nunca deparara com um caso assim. Ajeitou os óculos no nariz protuberante picado de transpiração e, incapaz de aceitar a derrota, respirou fundo, disposto a recorrer à sua artilharia mais pesada.

- Olhe meu amigo, os tempos estão excepcionais para os compradores, não há memória de coisa assim - malhava, mais uma vez, o ferro. - Esta situação não pode durar eternamente. Quando a recessão acabar, os preços vão disparar por aí acima. Decida-se antes que o vento mude, já me constou que os juros vão subir brevemente. Se quer um conselho de amigo, não perca esta oportunidade. Isto é falar de português para português.

Até mesmo a Teresa, toda prudências e esquisitices, já ficara a morrer de amores por três ou quatro *bungalows* que eram um sonho e, se não fosse o travão do marido, já há muito que teria embarcado, levada pela lábia do homem.

Quanto ao filho nem é bom falar, o agente cheirara-lhe o fraco e cortava-lhe o fôlego com os irresistíveis abraços que as águas refulgentes das piscinas lhe lançavam dos *back-yards*.

- Quando comprar terá que ser coisa a meu gosto - obstinava-se o Luís Negro, cego aos mais aliciantes engodos.

Lareiras, quartos frios para vinho, amplas garagens, verdejantes relvados, enormes *drive-ways*, nada o decidia.

- Afinal, você quer ou não quer comprar? - exasperou-se o vendedor.

- Claro que quero - abespinhou-se o Luís. - Pensa que sou homem de brincadeiras?

O vendedor, desamparado, esgotadas todas as habilidades, já disposto a baixar os braços, fez das tripas coração, numa derradeira tentativa, por descargo de consciência.

- A casa que hoje lhe vou mostrar, em Laval, é uma pechincha. Se não comprar esta, não compra mais nenhuma. Pertencia a um senhor italiano, infelizmente recentemente falecido, e a viúva vai regressar à Itália. Está um autêntico brinco, o senhor sabe, nisso de conservar as casas, os italianos são como os portugueses.

*

Perante a incrédula indiferença da Teresa, farta até à ponta dos cabelos de correr seca-e-meca, e o desinteresse do filho frustrado pela falta de piscina, o Luís estendeu lentamente os olhos pelo vasto quintal: o renque de macieiras bem alinhadas, a horta de terra negra e promissória à espera da fecundação, o forno de tijoleira, os tufos verdes das framboeseiras e dos morangueiros, as lajes dos passeios a rasgar o relvado, impecavelmente niveladas, a vedação bem tratada, braçados de flores por todo o lado, por entre a verdura pássaros a cantar, abelhas numa lufa-lufa. Tudo respirava o trato de mãos amorosas e sonhadoras.

Por instantes, Luís examinou as próprias mãos, fortes e amestradas para prosseguir a obra encetada. Depois, sem pressas, poisou o olhar no atarantado vendedor.

- É esta - disse, simplesmente.

E qualquer coisa lhe segredava que, fosse lá onde estivesse, o velho italiano devia esfregar as mãos de contente.

SARDINHADA

Diligente como uma formiga, durante três ou quatro tardes, o Luís Negro cavou , arroteou, extirpou vestígios de raízes e pedras, adubou, a terra úbere finalmente pronta para engravidar da poesia que lhe escorria das mãos ansiosas. Só então sorriu: à sua frente, os canteiros de salsa e hortelã, as leiras de tomateiros e pimenteiros, as carreiras de cebolo arrebitado, os cômoros das alfaces, os pés de couve, a esquadria dos regos, via-se que ali andara mão inspirada de mestre.

Mas uma obra sem elogios é como um dia sem sol. O Luís tem fome de palavras de apreço e admiração. Mas onde procurá-las?

Já se tinham mudado havia quase um mês e ainda quase mal vira as ventas aos vizinhos, ciosamente refugiados nas prisões douradas da privacidade. Quanto aos amigos, andavam todos dispersos pelas rafadas da vida. O Jaime Reis regressara a Portugal, ao Pedro Algarvio parecia que lhe dera o sumiço, nunca mais lhe pusera a vista em cima. Restava-lhe o Zé Biana mas esse, coitado, às vezes andava com uma cara de triste que até dava pena, como se carregasse o peso do mundo às costas, cada vez mais brumoso o sonho de montar uma oficinazita lá na terra, para mais agora que o dólar andava pelas ruas da amargura e a vida em Portugal estava pela hora da morte. Por esse andar, o dinheiro que o pobre ganhava numa semana mal chegaria para comprar um parafuso em Portugal, muito teria que esperar aquela serralharia para ver a luz do dia.

- Éh Teresa, liga aí à Adelaide, convida essa gente para virem até cá, amanhã, comer uma sardinhada.

- Mas ainda não temos nada arrumado -protestou a mulher. - Ó homem, deixa isso para outra altura.

- Deixa-te de cerimónias, essa gente é como se fosse da família, não vão reparar.

*

Com um sol de verão espreguiçado pela relva cortada de fresco, em tronco nu, uma cerveja na mão, enquanto espalha as sardinhas sobre a grelha, o Luís fala pelos cotovelos, as palavras em chorilho. Esmaga o Biana com a sua omnisciência hortícola, avança previsões irrefutáveis.

- Daqui a um mês, vou ter ali carradas de tomates mais grossos do que o meu punho. E alfaces? Acho que vou poder abastecer o mercado de Jean Talon durante todo o verão, estas mãos sabem o que fazem.

Já espessa nuvem de fumo sobe do *barbecue* e, levada pela brisa, paira pesada sobre a ramaria das macieiras, estende tentáculos odorosos pelos quintais da vizinhança.

E, de súbito, o Luís dá com um par de olhos perscrutadores pousados sobre a vedação.

- Querem lá ver que a este já lhe deu o cheiro das sardinhas e vem para aí armar banzé! Ele que não se faça parvo. Era o que me faltava já não fazer o que me apetece naquilo que é meu. Deixa-o comigo que a este já lhe trato da saúde ou eu não me chame Luís.

- *Bonjour, voisin* - interpelou-o, de peito feito. - Não queres provar uma sardinha? Garanto-te que nunca comeste nada tão gostoso em toda a tua vida.

Do outro lado, os olhos animaram-se, aguados, no coiro escuro do rosto surrado pela vida.

- Depois que saí de Marrocos, nunca mais comi sardinhas.

O Negro ficou aparvalhado, de boca aberta mas logo se recompôs, sem mostrar a fraqueza.

- Então, é aproveitar hoje. Estão gordas e gostosas que é um regalo. Olha aqui, tão loirinhas, estão mesmo a pedir que as comam. Vem daí e chama também a família, há aqui sardinhas que chegam para todos ou não seja eu peixeiro.

Enquanto o marroquino, lépido, dava a volta à vedação, o Luís Negro ria às gargalhadas, os olhos marejados de lágrimas, talvez do fumo, talvez doutra coisa qualquer.

- Tás a ver isto, ó Biana? Acontece-nos cada uma na puta da vida.

CAMPEONATO

Adversários daqueles, assim fracalhotes, sem chama, começavam a tirar-lhe o gosto pelas suecadas. Uma suecada a valer, queria-se renhida, transpirada, disputada palmo a palmo, o coração a bater como um cavalo, o sangue a saltar nas veias, a latejar nas têmporas.

Ultimamente, a meio duma partida, já chegara a dar conta de si completamente alheado do jogo, distraído com a vida da montanha, com os pares que passavam, com as correrias das crianças, com a batucada cada vez mais endiabrada lá para ao pé da estátua.

- É Manel, hoje tás com a cabeça nas nuvens - queixava-se o parceiro. - Andas com algum problema?

- Qual problema, qual carapuça! Não sei do que tás à espera para jogar essa bisca.

A vida corria-lhe num mar de rosas, assim sempre fosse, trabalho continuava a tê-lo, graças a Deus, carpinteiros com umas mãos de ouro como as suas não se encontravam aos pontapés, o neto, palrador, sempre atrás dele, cada vez mais a sua cara chapada, enchia-lhe a casa de alegria e até mesmo o Michel, agora que o começava a conhecer melhor, estava a sair-lhe um gajo porreirão, sempre com boa cara, já começava a acreditar que a filha tivera carradas de sorte em tê-lo encontrado, com cada estafermo de homem que por aí havia. Se Deus lhe desse saúde e sorte, pró ano estava a contar levar a família toda a Portugal, por altura da festa do Nazo, aí é que o Michel iria saber o que era o regalo duma boa posta mirandesa assada na brasa, que o dianho tinha boa boca, nada biqueiro, nem

parecia *quebecois*, regalava-se todo com sardinhas e boas febras bem à portuguesa.

Mas, por aquele andar, as suecadas ali na montanha tinham os dias contados, não havia nada que as salvasse, para mais agora que um grupo de velhotes polacos lhes andava a cobiçar a mesa, a rondar, sornas e solertes, com aqueles narizes vermelhudos das garrafadas de *vodka*.

- Qualquer dia ficamos sem a mesa - rosnava o Abílio, com aquele par de patilhas cada vez mais selvagens, meio grisalhotas, a comer-lhe a cor da cara.

Estava tudo pois nestes termos, quando um sábado, já o verão começava a dar a alma ao diabo, o frio a descer da montanha em rafadas aguçadas, o Abílio apareceu todo excitado, os olhitos atçados como carvões em brasa.

- Éh pessoal, hoje trago uma notícia do caraças.

De pronto, o baralho de cartas esquecido sobre a mesa, falou-lhes do campeonato de sueca que o Benfica estava a organizar, coisa para breve, não havia tempo a perder.

- O meu cunhado é lá da direcção, aquilo vai ser em grande. E se a malta entrasse na coisa?

A excitação a repintar as caras gastas, logo ali escolheram parceiros, desdobraram estratégias, jogos de sinais, mil artimanhas para arrumar aquela malta do Benfica enquanto o diabo esfrega um olho.

E c'os diabos, no ardor do momento, o Manuel Transmontano voltou-se para o grupo de polacos, que os mediam meio desconfiados, e, por entre mil gargalhadas, atirou-lhes, num manguito bem puxado:

- A mesa é vossa. A nossa música agora é outra.

REVIRAVOLTA

A Adelaide anda outra vez com uma neura desgraçada. Sem apetite, com insónias, cheia de olheiras, o médico diz-lhe que é um princípio de depressão nervosa e, para justificar os honorários, pergunta-lhe se fuma, discorre sobre o *stress* da vida moderna, aconselha-lhe exercício, moderação na alimentação, enfim, a receita do costume, parece que lêem todos pela mesma cartilha.

Ela só não se lhe ri na cara porque a situação não é para graças. A razão da sua crónica prostração identifica-a ela melhor do que ninguém, do médico dispensa bem o palavreado tonto, dele só precisa a receita dos tranquilizantes, mais nada, para ser reembolsada pelo seguro. O grande e único mal dela é ter um banana de marido, completamente chanfrado, agarrado como uma lapa àquele sonho de um dia montar uma serralharia lá na terra.

Arrancar-lhe um cêntimo da conta bancária é como tirar-lhe um litro de sangue ou arrancar-lhe o coração do peito. Ainda recentemente, para comprarem o carro fora uma luta alto lá com ela, longa de meses, arrasante, o que lhe valia é que a filha começava a crescer, quase uma mulher feita, e também já batia o pé, firme do lado dela, já não se sentia tão desamparada. “O que tu devias era fazer uma promessa ao Senhor Santo Cristo para ver se lhe sai essa doideira da cabeça”, aconselhava-a a boa da Teresa, compadecida, quando a via mais deprimida. Então nos últimos dias tem sido uma desgraça, o raio do homem tem andado macambúzio, sem uma palavra, capaz de virar da cabeça, esse era o seu maior receio. Isso, é claro, se não

fosse ela a primeira a dar em chalupa, esgotada até à última gota por mil batalhas quotidianas.

Mas, para falar francamente, a última sardinhada na casa nova da Teresa, fora a gota d'água que lhe fizera entornar a resignação. Como toda a boa portuguesa, a Teresa gostava de apresentar a mesa farta, de mostrar as suas coisas e enquanto lhe fazia visitar os cómodos da casa, tagarela como sempre, nem se apercebia do mal que lhe estava a fazer. Não é que invejasse os amigos, eram boa gente, mereciam o que a vida lhes dava, mas não podia deixar de fazer comparações, de pensar mais uma vez, numa obsessão crescente, no apartamento escabroso em que viviam, onde até apareciam ratos e baratas.

Era nisto que reflectia quando recebeu o telefonema da Teresa. Uma Teresa eufórica, cheia de risinhos cacarejados, como é costume dela nos momentos de alegria, as palavras a atropelarem-se umas às outras com a pressa de saltar da boca:

Olha, Adelaide, estou tão contente, sabes que puseram à venda a casa em frente da nossa? E estão a pedir um preço muito baixo. É melhor do que a nossa, com piscina, só o quintal é que é mais pequeno mas o teu Zé não tem a maluquice do meu Luís. Se vocês comprassem, ficávamos vizinhos, era tão bom!

- Sabes como é o Zé. Nem quer ouvir falar numa coisa dessas mas, mesmo assim, posso-lhe falar, mas já sei que não vai adiantar nada.

- Fala, fala, nunca se sabe e, se for preciso, agarra-te ao Senhor Santo Cristo.

*

Mal sabe a Adelaide a razão da recente macambuzice do Zé. Depois da sardinhada, não lhe sai da cabeça a oficinazita do Luís no canto da garagem. Rasca, quase sem ferramentas, pouco mais do que um berbequim

e três ou quatro chaves de fendas por ali espalhadas, à balda, porque se o Luís sabia muito de agricultura, naquilo era um tapado, incapaz de diferenciar um parafuso dum prego. Para fazer dali uma oficina a sério faziam falta umas mãos sabidas como as dele, deitava uma parede abaixo, ali havia espaço para tudo e para mais alguma coisa, instalava prateleiras, montava um torno, uma fresa, uma boa bancada, aquele parvo do Luís não sabia a riqueza que tinha ali, bem diz o ditado que Deus só dá nozes a quem não tem dentes.

Foi pois neste delírio, num atordoamento amolecedor dos sentidos, que a Adelaide o apanhou quando, meio a medo, lhe veio falar da casa.

- Porque não? Podemos ir vê-la, é um passeio que damos.

MAR

Agora, quando aos domingos de manhã vai à missa, o Luís já não mendiga favores a Deus. Os seus lábios, quando se abrem, é para agradecer todas as bênçãos com que a vida, no seu entender, o tem cumulado.

Repassado duma serenidade rente à natureza, às tardes, depois do trabalho, refugia-se no quintal, a horta é a minha taberna, já torna a dizer como nos tempos da Vieira quando, enxada ao ombro, rilhava os dentes para resistir aos apelos madraços e enleantes que os compinchas dos copos lhe lançavam do umbral das tabernas.

Encontra sempre qualquer tarefa para cumprir, a horta para regar, algum arbusto para podar, um buxo para aparar, o quintal é um ser vivo e sensível carenciado de carinhos que só mãos tocadas pela graça telúrica sabem prodigalizar.

Mas desde há uns tempos, anda qualquer indecifrável enguiço a perturbar-lhe a paz, torna a apoquentá-lo aquele frenesim que lhe remexe as entranhas quando alguma lhe começa a moer a cabeça. E, coisa estranha, desta vez, por mais que esprema os miolos, não consegue atinar com as raízes desta angústia crescente.

Inesperadamente, foi o filho que, ao jantar, lhe abriu as portas da razão.

- Ó pai, agora que temos uma *cour* é que a gente podia comprar um cão.

Num transbordo, do fundo dos anos, dum outro tempo, reminiscência dum mundo paralelo, subiu-lhe à tona da memória um quadro familiar: quintal de

pescadores pobres com roupa surrada estendida na corda, galinhas a depenicar por aqui e por ali e, lá no canto, junto à coelheira, do fundo da casota de tábuas carcomidas, os olhos infinitamente doces dum cãozito de rabito a abanar.

Desde essa noite, foi uma guerra pegada naquela casa. O Mário, em rompantes de adolescente, exige um pastor alemão, pelo menos um labrador, cão que se veja e que o prestigie perante a garotada da redondeza. A Teresa inclina-se para um caniche, género *bibelot*, para enfeitar a casa. O Luís, num mutismo alarmante, alhea-se da discussão, ruma sabe Deus o quê, nada de bom pelo certo, desconfia a família que já conhece de ginjeira o significado daqueles silêncios casmurros onde não entram outras vozes para além da que lhe sobe das tripas.

E, mais uma vez, tinham razão para desconfiar. O Mário quase que ia morrendo de raiva quando o Luís chegou a casa com aquele cachorro preto de orelhas caídas, um vara-latas sem pinga de raça. Só a Teresa, ao reparar nos olhos infinitamente doces do bicho, é que teve um baque.

- Mas parece o nosso Mar! Recordas-te, Luís, do nosso Mar, na Vieira? Tive tanta pena de deixá-lo, será que ainda é vivo?

O Luís encarou-a nos olhos.

- Este cachorrinho é o Mar.

NAZO

O automóvel rasgava os campos pardos e pedregosos, acachapados pela canícula de Setembro.

- Esta viagem de Cicouro ao Nazo - explicava o Manuel Transmontano, com uma ponta de exaltação na voz -, fazia-a eu todos os anos a pé, eram cinco horas bem medidas a dar às canelas por esses caminhos de cabras. Desde que comecei a ter barba na cara, não me lembro de ter faltado a uma festa do Nazo. Aquilo sim, eram bons tempos. E aqui, nesta encruzilhada, foi onde me saiu ao caminho um lobo, quando eu, altas horas da noite, regressava a casa da festa da Nossa Senhora da Luz...

- Ó pai, já lhe ouvimos essa história vezes sem conta, e sempre com uma versão diferente - repreendeu-o a filha, piscando o olho ao Michel.

- Mas é a pura verdade. O que me valeu foi que nesse tempo eu era só pele e osso e o lobo, com certeza, não me achou grande fartura, deu meia volta ao rabo e foi à procura de presa mais gorda.

Rabugento, afligido pelo calor, faces rosadas em brasa, o Pierre saltava duns braços para os outros.

- Se te portares bem, prometo mostrar-te os burros na feira

Logo o petiz se aninhou, sem tugar, no regaço da avó. Doido por burros, num alvoroço, durante aqueles primeiros oito dias de férias, arrastara sem descanso o avó aldeia fora, por cortinhas e currais, no encalço das pachorrentas alimárias.

- Éh Michel, no próximo Natal, dá um burro ao teu filho. É o melhor presente que lhe podes oferecer.

*

Foi entre risadas que chegaram ao Nazo. No alto do monte escalvado, a capelita de talha austera desafiava o tempo, os sinos num repique festivo.

- Está como há vinte anos - murmurou o Manuel Transmontano.

E logo, os olhos carregados de evocações com o freio nos dentes, esquecido da família que fazia das tripas coração para o não perder de vista, misturou-se ao povoléu. Perdeu-se por entre as barracas de feirantes. mercou encarniçadamente um cinto de cabedal, abeirou-se dos negociantes de gado, escutou a lábria dos ciganos que procuravam, tal como no seu tempo, vender burro velho por cavalo, juntou-se às famílias que, no adro, à sombra dos choupos, abriam os farnéis imensos e desenrolhavam os garrafões de vinho. Já o sol dardejante ia alto e o ar vibrante, carregado de odores pesados, mal se podia respirar, o suor a abrir-lhe regos pelas costas abaixo, arrastou a família esfalfada até às barracas de comes-e-bebes.

- Aqui, Michel,- voltou-se para o genro - vais-te regalar com o melhor petisco do mundo. No Canadá não encontras nada disto, acredita em mim.

O Michel, a enxugar o suor do rosto com as costas da mão, ria meio aturdido pelas pinceladas fortes do quadro: as vitelas suspensas do travejamento do telhado dos barracões, a fumarada acre que subia dos braseiros onde a carne rechinava, as mesas de madeira corridas a abarrotar de comensais folgazões.

- *Bien sûr*, Manuel. *Allons-y*.

Abancaram numa das mesas que acabara, por milagre, de vagar.

- Há tantas moscas por aqui - queixou-se a filha

.- Já não é como dantes - engelhou o nariz a mulher, olhando de esguelha os pratos de esmalte enbeijados e limpando disfarçadamente o talher à fímbria da saia.

Mesmo o Michel, sempre tão delicado e esforçado por lhe ser agradável, também não o enganava, bem lhe sentia os olhos inquietos cravados nas mãos encardidas da velha que virava a carne no lume.

Só o neto é que parecia divertir-se, aos pontapés a um cãozarrão cheio de carraças que, debaixo da mesa, enxotava as moscas e o calor com o rabo.

- Claro que isto está como antigamente, vocês é que estão mais fidalgas. Mas se não quiserem, não comam que a mim não me faz grande diferença. Olhem, talvez encontrem para aí perdido algum *McDonald's* onde matar a fome.

E, quando a vitela veio para a mesa, enterrou vigorosamente a faca na carne succulenta. Levou um naco à boca e, lábios besuntados, a mastigar, regalado, deixou os pensamentos vogarem tranquilamente à tona da memória, até aos longínquos tempos em que, rapazote quase imberbe, depois de se banquetear com uma avantajada posta à mirandesa, à sombra daquele carvalho que dali avistava, estava em crer ser o mesmo, atrás dumas touças, perdera a inocência entre as coxas morenas duma cigana generosa.

Em que estás a pensar? - estranhou-lhe a mulher o olhar vidrado.

A cara do Manuel Transmontano estilhaçou-se num sorriso avelhacado.

- Logo à noite, conto-te.

PRESÉPIO

Maldito nó na garganta! Sobre a banca da cozinha, entre restos de comida, a garrafa de vinho, mais espremida do que um limão, lampejava de troça. Raivoso, rebuscou os bolsos e contou as moedas reunidas: sete dólares e vinte cêntimos, o suficiente para comprar o remédio de mais uma garrafa de vinhaça rasca.

A sobrevivência até ao próximo cheque do *bien-être* não o preocupava por aí além. A quadra do ano exacerbava a compaixão humana e bastava andar de olhos abertos para topar por todo o lado com generosas distribuições de *cabazes de natal* gordos de vitualhas.

*

Nem parecia noite de consoada. Aqui e ali, esparsos monturos de neve. O frio, fracionalhote, mal beliscava a pele, sem exigências de grandes agasalhos.

O *depanneur* da esquina era um buraco negro, o reclame do topo da porta, geralmente ofuscante como um clarão, pingava uma luzinha amarelenta, fraco como uma candeia minguada de azeite. Cem metros adiante, as portas da loja do Açoriano arreganharam-lhe umas ventas hostis. Foi então que o Pedro Algarvio compreendeu que não valia a pena continuar a procurar. Nessa noite, todas as forças ocultas do mundo reuniam a sua hostilidade, açuladas às canelas dos destroços humanos das cidades.

Das ruas ao redor da Igreja Santa Cruz, desembocavam vultos de crentes atraídos pela missa do galo, ao apelo do enigma vindo do fundo dos tempos.

Subiram-lhe à garganta saudades dos tempos na loja do Açoriano, das longas cavaqueiras entre um par de cervejas. Porque falar não custava dólares, como filosofava o Luís. Bons tempos aqueles em que ainda sentia forças para deitar as mãos aos cornos da vida e vergá-la ao seu jeito.

Sem se dar conta, os passos conduziram-no para a rua Laval. Lá no alto dum *triplex*, uma janela coava uma luz baça. A Gisele ainda lá moraria? De que cor estariam os olhos dela nessa noite? O azul dos dias de bonança ou o verdacho das horas de borrasca?

Uma dor intensa rasgou-lhe as carnes do peito. Perdera-a por uma ninharia. Numa fanfarronada de português cabeça dura, pusera-lhe as malas à porta da rua. Só por ela, numa teima de *quebecoise* arbitrária, ter embirrado em sair, num sábado à noite, com umas amigas. Já lá iam oito meses esgotados, dia a dia, na ampulheta do arrependimento calado pela soberba e pela vergonha do descalabro.

Quando lhe abriu a porta e o reconheceu, os olhos dela continuaram azuis. Dum azul mais sereno do que outrora.

- Entra. Na luz quebrada da sala, uma criança dormia serena numa alfofa de palha. Os olhos do Algarvio saltaram para os olhos azuis.

- Chama-se Manuel.

Ficaram os dois, as cabeças aflorando-se, debruçados sobre a alfofa. Só então ele sentiu a razão da nova luz nos olhos azuis

CARTA DE PORTUGAL

Amigo Luís

Desculpa o habitual atraso.

Na tua última carta, perguntavas-me como, no regresso, encontrara Portugal.

Olha, amigo, se queres que te fale com franqueza, penso que os países começam a ficar todos parecidos uns com os outros. Um aldrabão é sempre um aldrabão, fale-me ele inglês, francês ou português. Os patrões só pensam em ter mais lucros com menos empregados. Aos empregados só lhes interessa ganhar mais dinheiro para comprar melhores carros. E, tal como aí, já ninguém estende a mão a um pobre diabo a morrer na rua. É a lei do desenrasca, quem tem unhas é que toca guitarra.

Como vês pelas minhas palavras, eu é que continuo sempre na mesma, rezingão, à procura do tal paraíso terrestre que, começo a desconfiar, só existe na minha imaginação, mas o que queres?, nasci assim, assim hei-de morrer, burro velho não ganha andadura.

Perguntavas-me também se ainda nos recordamos do Canadá. Olha, para te falar com o coração nas mãos, desconfio que todos nós, até mesmo os rapazes, à medida que o tempo passa, cada vez ficamos mais presos aos anos que aí passámos. Como se nos tivessem marcado a fogo.

Para que vejas, no Natal passado, na noite de consoada, a família toda reunida à volta da mesa cheia de comida, fui dar com a Maria Cândida com o nariz encontado à vidraça da janela, a contemplar, muito absorta, a chuva miudinha, irritante, molha-parvos, que não cessava

de cair desde a véspera. "Isto sem neve, nem parece Natal", acabou por dizer, muito triste.

Foi como se estivéssemos todos à espera que alguém tivesse a coragem de abrir a conversa, desatámos a falar da neve, do frio, das noites de consoada com vocês, todos tínhamos uma história encravada na garganta para contar, se queres saber, estávamos todos, quase de lágrimas nos olhos, a rebentar com saudades de Montreal.

Uma vez li um livro que rezava assim: "Coisa estranha: apesar de se acharem no seu país, a nostalgia não morreu, e esse murmúrio subterrâneo, tenaz, invencível, continua a lavrar no fundo das suas almas".

Pois é exactamente o que se passou nessa noite. És capaz de compreender esta desgraça?

Não te quero entristecer mais com os meus dramas. Tu, melhor do que ninguém, conheces este meu vício para conspirar contra tudo e contra todos. Não lrigues. No fundo, não há melhor país do que este nosso Portugal, farto de neve fiquei eu até à ponta dos cabelos.

Ficámos muito satisfeitos por terem comprado casa e por sabermos que a vida vos continua a correr bem. Na próxima vez, manda-me uma saca de batatas do teu quintal.

Um abraço.

Jaime

SÃO VALENTIM

Primero, foi o campeonato de sueca, seguiu-se um torneio de malha, depois passou a dar uma mão no bar ou na cozinha, às vezes até lavava a loiça das jantaradas, vejam bem, ele que em casa não tocava numa palha, sabia lá Deus o que ia naquela cabeça para se sujeitar a tais canseiras, o certo é que o seu Manuel não tirava os pés do Benfica, contavam-se pelos dedos das mãos as horas dos fins-de-semana que nos últimos tempos passara em casa.

- Vai também até lá, desta vez - tentava ele cortar-lhe os maus humores. - No próximo sábado, é o baile de *St- Valentin*.

Tu pensas que tenho vida para ir a bailes? A minha dança é outra.

Os homens são uns fidalgos, sabem lá eles o que custa trazer a casa limpa e a roupa lavada e engomada, a comida a horas na mesa. Durante a semana, nem pensar em fazer alguma coisa, chegava a casa arrasada do trabalho na fábrica, ou aqueles estupores dos casacos de inverno cada vez pesavam mais ou era ela que começava a ficar velha, já sem forças para pegar numa gata pelo rabo. Os fins de semana não davam para nada, passavam enquanto o diabo esfrega um olho, ainda vinha agora o maluco do seu homem falar-lhe em bailes. Além disso, geralmente nos sábados à noite, a filha e o Michel saíam, iam jantar fora, que a vida não é só escravidão, que se divertissem enquanto eram novos, faziam muito bem, e deixavam-lhe o neto para cuidar. A criança estava cada vez mais esperta, enchia-lhe a casa de alegria. Antes de lhe dar aquela

maluqueira do Benfica, o divertimento do seu Manuel, nos sábados à noite, era ensinar português ao Pierre, o que eles riam com aquilo, seria uma vergonha se um dia chegassem à terra, lá em Trás-os-Montes, e a criança nem soubesse falar direito.

Mas hoje, mais do que nunca, sente a solidão da casa vazia ferrada na garganta. A filha recebia amigos e não lhe levava o neto, nem a televisão aos berros conseguia encher a enormidade do apartamento orfão do palrar da criança.

Através da janela, contempla uma neve, muito leve e branca, que polvilha a noite de mãos-cheias de farinha. Onze, meia-noite, duas horas da manhã, o que lhe vale, para entreter o tempo, é que o trabalho não falta, o monte de roupa para engomar parece não ter fim.

Mas que desta vez, ele vai ouvi-las lá isso vai, já estava pelos cabelos, saturada da tantas ausências, e, ainda por cima, o salafrário, uma vez por outra, já chegava a casa meio tocado dos copos, pensava ele que lhe tapava os olhos, não era só a lavar loiça que passava as noites, não senhor, ainda lhe sobrava tempo para molhar o bico, disso não tinha ela dúvidas.

Eram três horas da madrugada quando o Manuel Transmontano meteu a chave à fechadura. Furiosa, meio tonta pelo sono, as varizes das pernas assanhadas, disposta a armar sarrabulho, mal lhe deu tempo para descalçar as botas da neve.

-Isto é que são horas de chegar?

Foi detida a meio da investida pela enormidade da surpresa. O seu Manuel, que ela geralmente ainda via como nos tempos de namoro, camponês esgalgado, vestido de sarja e socos de madeira nos pés, ali, num quadro irreal, na silente intimidade da madrugada, oferecia-lhe uma rosa vermelha resplandecente de fragilidade na mão nodosa e castigada pelo trabalho.

Sem saber se devia rir se chorar, a esfregar os olhos para disfarçar, num esforço, acabou por dizer:

- Quando houver outro baile, vou contigo.

PETIT ALGARVE

Nestes tempos negros que correm, é mais fácil achar uma agulha num palheiro do que encontrar trabalho.

Assim o comprovou o Pedro Algarvio que, durante mais de três meses, passou Montreal e arredores a pente fino, na vã esperança de descobrir o tal emprego que está sempre à espera dos mais perseverantes, como reza o catecismo do *american dream*.

Foi o achas! E olhem que o Alvarvio não é biqueiro nenhum, homem de sete ofícios, com arcaboço para se atirar ao trabalho mais duro de roer, versátil e flexível no dizer dos malabaristas das terminologias profissionais, mas nenhuma destas qualidades lhe tem valido de nada. Já pronto a remergulhar na descrença e a mandar tudo às malvas, só os olhos inocentes e confiantes do filho, que o seguem fielmente por toda a casa, o retêm e fazem obstinar na procura. Mas tudo tem um preço, os nervos num feixe, prontos a explodir, recomeçou a beber. À socapa, longe dos olhares da Gisele que já se apercebeu da recaída embora se faça despercebida, refugiada num mutismo ainda mais machucante do que as palavras

Embora faça das tripas coração, é-lhe cada dia que passa mais insuportável aquele viver, numa dependência económica da Gisele que o põe fora de si. Um chulo, um chulo é o que ele é. Da mesma raça degenerada do Barão. Aquele Barão! Já lá iam quase vinte anos e vinham-lhe agora, assim, à lembrança, com tanta nitidez, as baboseiras do sacana, lá na tropa, em Angola. Com que arrogância de pavão alfacinha ele se vangloriava, sem ponta de vergonha

na cara, para a roda da saloiada das berças, de viver às custas das putas do Bairro Alto. Mas o Barão tinha a desculpa da flor da idade e ali, na guerra, aquelas basófiãs ajudavam a passar o tempo e a esquecer os cagaços e a solidão, no fundo era quase um herói.

Derreado pelo peso dos pensamentos, estava, mais uma vez, prestes a ceder à tentação e a franquear a porta do bar quando, por acaso, a atenção atraída por desgarrada buzina, pousou o olhar naquela vidraça. À *Louer-Forrent*. Era uma espelunca sórdida de *fast-food*, ali na esquina da St-Laurent com a Rachel, que exalava, pela bocarra da porta, aquele ranço repugnante dos *hot-dogs* e *hamburguers* de miserável qualidade.

Galgou a rua e pôs-se a rondar, disfarçadamente, a sordidez do lugar frequentado por três ou quatro fregueses de má pinta. Do lado de lá do balcão, o patrão, um sul-americano atarrecado, de olhos turvos e melena negra, lavava, sem pressas, a loiça suja, um cigarro esquecido nos lábios roxos.

O Algarvio sentiu a cabeça a trabalhar a todo o vapor. Pelo andamento do barco, o sul-americano não deveria pedir uma fortuna pelo trespasse e com um balcão novo e umas demãos de tinta tudo mudava logo de cara, ele próprio, se arregaçasse as mangas, transformaria aquilo de alto a baixo, enquanto o diabo esfrega um olho.

Rabiscou o número do telefone e, esquecido do bar, a caminho de casa, já via o sólido balcão de carvalho repleto de saborosos petiscos bem portugueses e um esplendoroso sol algarvio a iluminar os sorrisos da clientela saciada. O quadro era tão real, tão tangível que já nenhum obstáculo o poderia extirpar da sua alma de fura-vidas a renascer das cinzas. Ele não fosse mais o Pedro Algarvio se brevemente não pusesse Montreal inteira a mastigar bifanas e pastéis de bacalhau no *Petit Algarve*, o

restaurante mais badalado da cidade, ali mesmo no coração do bairro português.

PIRATAS

Há dias em que um homem não pode sair de casa, todos os demónios do universo prontos a saltar-lhe ao pescoço. Assim o sentiu o Luís Negro, nesse sábado de manhã.

A neve caía do céu em catadupas, aquilo não era uma tempestade, era um imenso manto branco pesadamente pousado sobre o mundo. Mas isso ainda era o menos, neve estava ele habituado a apanhá-la pelas trombas todos os invernos, já não lhe metia medo, além disso, nos sábados de manhã, o tráfico era fracalhote, com cuidado, bons pneus e a ajuda de Deus haveria de chegar inteiro.

Praguejou como um possesso quando viu a intransponível muralha de neve que lhe bloqueava o *drive-way*, mesmo em frente do abrigo do carro. Um bonito presente da máquina de limpar as estradas que desde a madrugada não o deixara mais pregar olho, para cá e para lá a guinchar e a silvar por toda a ferraria.

Agarrou-se à pá e, os músculos retesados pela raiva, em meia-hora desbloqueou a passagem. O corpo inundado de suor, sob o casaco da neve, finalmente sentou-se no carro e ligou a ignição. Nada. A bateria, meio-morta de frio, engasgava-se toda, sem coragem para pôr o motor em marcha. Uma, duas, três tentativas, a bateria cada vez mais fracalhota, pronta a dar a alma ao criador, um perigoso cheiro a gasolina já a chegar-lhe às narinas.

Turvado pela raiva crescente, lá se resignou a sair do carro. Abriu o tampão do depósito da gasolina e meteu-

lhe goelas abaixo um boião de anti-congelante, não se fosse dar o azar da gasolina estar congelada. Levantou a capota do bicho, verificou os bornes da bateria e distribuiu umas esguichadelas de óleo por aqui e por ali nos cabos eléctricos, para afugentar a humidade.

O frio a subir-lhe lentamente pelos dedos engadanhados, tornou a ligar a ignição. Nada. Merda. O tempo a passar. Já estava disposto a verificar as velas, com certeza encharcadas, quando, numa última tentativa, o motor, meio engasgado, lá começou a tossicar. Ansioso, deu uma sapatada no acelerador e o ronco ganhou mais alma, encorpou, finalmente a respiração quase normalizada, pulverizado o coágulo de gelo que obstruía as artérias do bicho.

Mesmo assim, com a brincadeira ainda perdera quase uma hora, adivinhava já no cachaço o olhar lorpa e acusador do *bossa*, à chegada. Que se lixasse. Engatou a mudança e fez-se ao caminho.

Emparedado na solidão polar, quase sem ver um palmo à frente do nariz, ligou a companhia do rádio. Nem mesmo a propósito. O animador falava, sarcástico, do problema das pescas na Terra-Nova. Do barco espanhol aprisionado pelas autoridades canadianas. Chamava, com letras redondas, sem papas na língua, piratas aos pescadores espanhóis e portugueses.

O cornudo! Logo o seu sangue solidário de pescador lhe ferveu nas veias. Chamar piratas a homens que comiam o pão que o diabo amassou, longe das famílias, entregues à fúria do mar e aos ventos glaciais. Apertou o volante como se fosse o pescoço daquele maldito gralhador confortavelmente repimpado no seu estúdio onde não chegava a mais leve brisa. E já que não podia estrangulá-lo, cortou-lhe o pio bruscamente, concentrado na condução cada vez mais perigosa.

Já as nove horas iam longe quando chegou à peixaria e, evitando o olhar recriminatório do *bossa*, escapuliu-se para o seu canto. Mal lhe dando tempo para enfiar o avental, logo o Zé, com aquela sua cara redonda e avermelhada de amante da boa pinga, lhe veio cochichar a desgraça ao ouvido:

-Vai haver bronca, pá. Parece que o *bossa* quer reduzir o pessoal.

Era só o que lhe faltava. Agora com a casa para pagar, seria o bom e o bonito se o pusessem no olho da rua. Uma tremura incontrollável formou-se em qualquer parte das tripas, cresceu e trepou pelas paredes do estômago, abriu caminho peito acima e ferrou-se-lhe na garganta.

Foi quando a palmada nas costas o fez engasgar.

- *Éh voleur de poissons.*

Apertou com força a faca e voltou-se de olhos ensanguentados. Mas logo o riso franco do Bala, com aquela magnífica carreira de dentes brancos, entremeados de dois dentes de ouro, toda à mostra, os olhos enormes e negros de indiano brilhantes com a alegria da *joke*, lhe cortou o veneno. Limpou demoradamente o facalhão ao avental e acabou por esboçar um sorriso.

- Não brinques com coisas sérias.

E ia falar-lhe das fainas do mar, das pescarias, das privações passadas, todo um mundo a marulhar-lhe no peito, quando a punhalada do olhar do encarregado o fez regressar às tarefas normais da peixaria, não fosse o gajo tomá-lo de ponta, principalmente agora com o cutelo dos despedimentos a pairar sobre as cabeças.

RECAIDA

A Adelaide tem razão quando afirma que o Zé está um homem diferente, para melhor é claro. E o Zé sabe reconhecer a verdade das palavras dela. Não é parvo nenhum e desde há muito tempo que compreendia que o seu sonho da serralharia em Portugal era uma completa loucura.

Não precisava de ninguém para lhe explicar as coisas, mas não é fácil para um homem reconhecer o fracasso dos seus sonhos mesmo que a teimosia o faça cair no ridículo. Também tinha dois olhos na cara para descobrir os sorrisos dissimulados, as trocas de olhar meio trocistas, as conversas a meia-voz que morriam com a sua presença. E como isso o magoava.

Não é pois de estranhar que quando uma pessoa se consegue libertar da camisa de sete-forças em que se enfiou a ela mesma, reencontre uma alegria de viver há muito perdida. Mas que a convalescença é difícil lá isso é, cheia de recaídas e armadilhas. Parece que vai tudo num mar-de-rosas, quando de repente, pumba, a vida, ou lá o que é, espeta-nos uma rasteira e lá estamos outra vez de ventas no chão.

Como esta manhã de sábado. Manhã de tempestade. Uma tempestade a sério. A neve batida por fortes rajadas de vento que assobiava nos braços nus das árvores e ameaçava levar pelos ares o abrigo do carro. Todas as forças destruidoras à solta pelo mundo.

Forças que fizeram o Zé saltar da cama e correr o *blind*.

- A garota já está preparada para ir à escola?

A Adelaide estremunhada, ofuscada pelo jorro de luz baça, resingou.

- Ó homem! Com esta tempestade, hoje não deve haver escola. Quem é que se vai meter à estrada com um tempo destes? Deixa a criança dormir e vem-te deitar.

- Ela que se prepare que já estamos atrasados.

O Zé continuava com o nariz colado à vidraça, sorvendo do exterior a força das palavras.

A Adelaide sentiu a mostarda subir-lhe ao nariz, a voz alterada.

- Estás maluco ou quê? Queres ir esborrachar o carro aí nalgum canto? Mesmo que haja escola, não é por faltar um dia que o mundo vai acabar. Aponta-me uma boa razão para essa tua teimosia. Uma só e não abro mais a boca.

Razões tem o Zé de sobra. Só que não tem palavras para explicá-las.

- A garota que se prepare.

Foi quando o gongo do telefone veio salvar a situação. A voz que, gasta pela repetição da mensagem, anunciava o cancelamento das aulas da escola portuguesa, nessa manhã, nem se apercebeu de que acabava de salvar, por uma unha negra, a harmonia familiar do fim-de-semana naquela casa.

INAUGURAÇÃO

Durante semanas a fio, sem tréguas, o Pedro Algarvio labutou como um mouro, dia e noite, para restaurar aquele buraco. Dentes cerrados, num apelo a todas as suas forças a princípio meio enferrujadas pelo ócio, carpinteirou, martelou, pintou, poliu, aquele lugar sórdido a metamorfosear-se, num crescendo, a olhos vistos, num recanto aberto, aprazível e acolhedor.

A Gisele passava às vezes para lhe transmitir a força dum encorajamento, dum conselho. Lá mais para o fim, quando tudo começava a ganhar jeito, surpreendia-o frequentemente com o nariz enfiado na lista telefónica.

- Procuras alguma coisa? - ficava intrigada.

- É uma surpresa.

Foi assim, numa busca meticulosa, consultando pacientemente a lista, através de informações colhidas da boca de velhos conhecidos, por portas travessas, que os foi localizando a todos. Seriam eles, numa resolução há muito tomada, os seus convidados de honra. A ponte de retorno ao mundo. O nó final nos fios da vida.

No dia da inauguração, ao vê-los reunidos, lá na mesa do fundo, bando inveterado de gralhas, a emborcar copo atrás de copo, a reviver histórias antigas, como que vindos dum outro mundo, dum outro tempo, o Pedro enxugou uma lágrima traiçoeira. Lá estava o Luís, com aquela juba negra já mais rala, entremeada de alguns fios brancos, mas sempre com aquele vozeirão de fala-barato; o Zé, mais reservado, continuava com aqueles olhos meio aturdidos de quem acaba de chegar ao mundo; o Manuel

Transmontano, diabo do velho, parecia que os anos não lhe faziam moosa, com umas cores rosadas de meter inveja; O Açoriano, que fechara propositadamente o *dépanneur* para estar presente, empestava tudo com o seu eterno charuto espetado na boca. Só faltava ali o Jaime, esse lunático resmungão que, pelo que lhe falaram, nunca mais compreenderia, por mais que a vida lhe martelasse os miolos, que o mundo não é nenhum paraíso.

Ao ver-se surpreendido pelos olhos azuis da Gisele que o observava enternecida, num rompante, para encobrir a fraqueza dos sentimentos assanhados, ergueu alto o copo.

- Ao nosso Jaime.

E, num tilintar de copos, com o pano de fundo dum fado, os cheiros bons dos petiscos no nariz, num instante-ternidade, tiveram a ilusão que o emigrante era o Jaime, lá longe em Portugal.

CERCO

O murro na mesa cortou cerce a lengalenga da mulher.

- Chega! Já disse, mais de mil vezes, não! És surda ou fazes-te?

- Mas, ó Manel...

- Porra, que mal fiz eu a Deus para ter este castigo?

Era assim, invariavelmente, todas as noites, depois das férias. Engolida a última colherada do jantar, logo a mulher se lhe agarrava às orelhas, como uma carraça:

Sabes, Manuel, as terras, lá em Cicouro, não enchem a barriga a ninguém. A maior parte delas estão abandonadas, cheias de cardos, ninguém as quer tratar. O maior sonho da nossa filha é comprar um *bungalow* onde possa criar o nosso netinho com largueza e tranquilidade. Seria tão bonito se lhes dessemos uma ajuda. Agora é que agradecem, enquanto são novos, não é, sei lá daqui a quantos anos, quando já tiverem a vida organizada e não precisarem do nosso dinheiro para nada. E a nós, mais terra menos terra não nos aquece nem nos arrefece, não ficamos nem mais ricos nem mais pobres, nem verás a diferença.

Nessa noite, o cerco cada vez mais apertado, a conversa melosa dela estava insuportável, entrava-lhe pelos buracos todos do corpo, a rasgar por ali adentro, nem calculava ela o mal que lhe fazia, se lhe arrancasse o coração talvez lhe desse menos.

- Não! - berrou.

Cego, aos sacões, enfiou o casaco e as botas e saiu para a rua, com um bater estrondoso da porta.

*

Era Janeiro e logo o frio lhe arreganhou as dentuças aguçadas. O que lhe valeu foi que o *Petit Algarve* ficava ali a dois passos e que o Algarvio, quando lhe viu as estalactites de gelo suspensas do bigode, lhe pôs logo à frente uma chávena de café a escaldar.

Reconfortado, agarrou-se, com unhas e dentes, à sua ninhada de razões:

"E aquela! Vender as terras que lhe tinham custado tanto sangue a ganhar! Só se estivesse virado do miolo. Quando o cunhado lhe escrevia: está à venda o lameiro de urrieta cuba, a cortinha da raia, a horta da eira...a sua resposta era fulminante, em letras rasgadas com fúria no papel: compra...compra...compra.

- Estás melhor?- perguntou-lhe o Algarvio.

A pachorrice dos olhos bovinos do amigo, encorajou-o a vazar a alma.

O Algarvio, cotovelos apoiados no balcão, ouviu-o sem pestanejar.

- O que dizes a isto?

- A tua mulher tem toda a razão.- E sem lhe dar tempo para reagir, voltou-lhe as costas para atender um cliente.

O Manuel Transmontano sentiu ganas de lhe atirar com a chávena à cabeça.

"Tudo uma corja"

Saiu sem se despedir. Mas logo o frio, que o espreitava à porta, lhe tornou a enterrar as dentuças no pescoço. Inferno por inferno, o melhor era regressar a casa, ainda era homem capaz de tapar a boca à mulher com um bom berro.

*

Ficou agradecido a Deus quando, ao dobrar a

esquina, viu as luzes da casa apagadas. No escuro, com passos de ladrão, despiu-se e deitou-se às apalpadelas, mas bem sentia o arfar da mulher, de olhos arregalados, quieta como uma estátua, a fingir que dormia, como se o conseguisse enganar depois de tantos anos de casados.

Deitou-se de costas e ficaram assim, lado a lado, sem se tocarem, pela noite adentro, até que, por fim, ele pigarreou para aclarar a voz:

- Vou escrever ao meu cunhado para pôr dois ou três lameiros à venda. - Com uma reviravolta, voltou-se para a parede. - E agora, deixa-me dormir que amanhã é dia de trabalho.

ANDORINHAS NO BEIRAL

Aquela ameaça dos despedimentos estava a dar com ele em doido. Bem que tentava esquecer, atirar tudo para trás das costas, como se não fosse nada com ele, mas, por mais voltas que desse, não havia artimanhas que o livrassem daquele pesadelo.

Um fala-barato como ele era habitualmente, catrapus, quando menos se precavia, lá caía, outra vez, cabeça abaixo, naquele poço negro dos pensamentos sem fundo que logo punham a Teresa cheia de comichões.

- O que tens, homem? Tu andas a esconder-me alguma. Desabafa comigo.

Desabafar, o caraças! Não serviria para nada afligir a família. Já que alguém tinha que alombar com aquela cruz que fosse ele, tinha bons costados, graças a Deus. Mas que custava, lá isso custava, de dia para dia mais nervoso, cheio de tiques. Nos últimos tempos, dera-lhe para começar a arrancar os pêlos do nariz que nem um maluco, a Teresa e o rapaz fartavam-se de ralar com ele, mas não havia emenda, mal se descuidava lá estava ele outra vez a escarafunchar, o nariz já meio abatado da colheita sem parança.

Mas lá diz o ditado, uma desgraça nunca vem só. Com os degelos da primavera, começou-lhe a chover em casa, o telhado mais esburacado do que um crivo. Não havia outro remédio senão agarrar nuns milhares de dólares e mandar instalar um telhado novo que o actual já

tinha os dias contados, derreado por tantos anos de neve em cima.

E, como sempre, foi uma santa guerra naquela casa. A Teresa, a ver o dinheiro escorrer por entre os dedos desde que compraram o *bungalow*, apavorada por tanta despesa inesperada, queria um telhado normal de *bardeaux* de asfalto, o mais barato possível, que os tempos não estavam propícios para esbanjamentos. O Mário, esse apontava o exemplo do vizinho Ahmed que instalara um vistoso telhado vermelho, de estilo europeu.

E o Luís, mais uma vez com aquele sorriso das grandes decisões nos lábios, sentenciou:

- Já que assim é, se queres um telhado vermelho, vai ser coisa de jeito, de telha a valer.

- Mas isso vai custar uma fortuna - afligiu-se a Teresa. - Além disso, ouvi dizer que, com este clima, as telhas racham todas.

- Parvoíces.

E para não ouvir as resmunguices da família, o Luís foi-se sentar ao sol da varanda, o Mar, agora já um cãozarrão de olhos doces, deitado aos pés. Espevitadas pelo ameaço de calor, a relva arrebitava a olhos vistos, as hastes dos lilases já estremeciam cheias de borbotos, as tulipas rompiam com bravura a terra ainda gelada. Mas duas semanas quanto muito e seria uma explosão de vida por aquele quintal fora. Com a mornidão a amolecer-lhe o corpo, levantou os olhos para o telhado e já podia imaginar um beiral tipicamente português onde, com um pouco de sorte, talvez este ano as andorinhas fossem pendurar os cachos dos ninhos.

ADEUS FLÓRIDA

Sexta-feira à tarde. Na viagem de regresso a casa, vencida mais uma semana de trabalho, a Adelaide deita contas à vida, a cabeça já posta nas tarefas domésticas que a esperam no fim- de-semana. A casa para limpar, o monte de roupa para lavar e engomar, o tempo já a fugir-lhe por entre os dedos, ladrão impiedoso dos momentos de descanso de que anda tão precisada.

Se já antes andava com as forças de rasto, a mudança de casa acabara de prostrá-la de vez. Não fora brincadeira nenhuma empacotar toda a tralha e tornar a esvaziar tudo outra vez na nova casa, uma pessoa pensa que não tem nada em casa mas só quando se mete num bico de obra desses é que se apercebe da quantidade de tarefas que saiem de todos os buracos.

Mas quem corre por gosto não cansa, a vida começava a entrar nos eixos e com umas boas férias ficaria outra vez como nova. O Zé, desde que se decidira a comprar a casa e a esquecer aquela maluqueira, sem ponta por onde se lhe pegar, de comprar a serralharia em Portugal, estava diferente, rejuvenescido, sem aquelas rugas na testa, já se lhe ouviam outra vez aquelas gargalhadas boas dos tempos antigos.

Quanto a ela, no escritório, mesmo com essa obsessão moderna dos patrões de quererem tudo racionalizar e rentabilizar, a cortar no pessoal a torto e a direito, até à data não se podia queixar. Tinham-na mandado fazer um curso de informática e cada dia que passava lhe delegavam mais responsabilidades, indícios de

que era apreciada e que a serenavam quanto ao futuro. E para segurar o lugar, não precisava, como aquela descarada da Julie, de andar sempre a fazer olhinhos aos patrões, pronta a deitar-se-lhes na cama ao mínimo sinal.

Aquela sabia vivê-la à grande e à francesa. Ainda esta semana chegara da Florida, bronzeada até à ponta das unhas, com a boca húmida e sensual atafalhada das maravilhas que vira, daquelas praias sem fim, orladas de palmeiras, de águas de turquesa e areias brancas. À força de lhe escutar o palavreado frívolo e inesgotável, a inveja ou lá o que era, começara a roê-la por dentro. Se aquela pelintra da Julie, sempre rafada, o ordenado logo derretido em roupas e cosméticos, sempre atrás de quem lhe pagasse os jantares dos fins-de-semana a troco dos seus maduros favores amorosos, podia ir estender o canastro já quarentão ao sol da Florida, também ela, que nos últimos anos se fartara de trabalhar como uma negra, não merecia esse prémio, pelo menos uma vez na vida?

Desceu do autocarro com a determinação ferrada na cabeça mas mal dobrou a esquina da rua e deu com aquele mamarracho da antena parabólica, de bocarra arreganhada para os espaços siderais, escarranchada sobre o telhado da casa, sentiu a fúria remexer-lhe as tripas. Abriu a porta num rompante e logo da cave a esbofeteou, em altos berros, a melodiosa língua portuguesa.

O Zé, em transe, abria os braços para a miragem da televisão:

- Já viste que bela imagem? Agora já podemos ver as emissões portuguesas vinte e quatro horas por dia. Não é fantástico? Reconhece que não contavas com esta surpresa. Não eras tu que dizias que o dinheiro no banco não serve para nada?

Nada a fazer frente àqueles olhos vidrados, febris, tocados por forças ocultas. Amparada à umbreira da porta, ficou a abanar a cabeça, sem pinga de forças, as paisagens

tropicais da Flórida refugiadas lá para o sótão dos projectos remetidos para melhor oportunidade.

CARTA DE PORTUGAL

Boa amiga Teresa

Finalmente, lá consegui sacudir a preguiça e sentar-me um pedaço para te escrever.

É domingo e estou sozinha em casa. O Jaime saiu para tomar café e os rapazes não param em casa, passam a vida por aí, na rua, com a cabeça no ar atrás do cheiro das raparigas.

Recordas-te do tempo, nas vésperas do nosso regresso a Portugal, em que a nossa maior preocupação eram os filhos, receosos que não aceitassem bem a mudança? Afinal, os rapazes estão que nem peixe na água, quem não há meio de se adaptar a isto somos nós, os velhos. Tenho cá uma desconfiança de que os pais passam a vida a desculpar-se com os filhos para esconder as suas próprias fraquezas e medos.

Se os rapazes não querem saber do Canadá para nada, já comigo e com o Jaime o caso muda de figura. Estamos sempre a fazer comparações, no Canadá era assim, no Canadá era assado, é uma palavra que, por mais que a gente a cuspa, nunca nos sai da boca, agarrada aos dentes como uma pastilha elástica, até parece bruxedo.

No domingo de Páscoa, o rádio acordou-nos com a notícia espantosa de que tinha nevado na serra da Estrela. Eu e o Jaime ficámos a olhar um para o outro, sorridentes como duas crianças, como se o locutor tivesse anunciado a coisa mais importante do mundo. E se fôssemos até lá ver? perguntou o Jaime, com os olhos a brilhar.

Metêmo-nos no carro e fomos por ali acima, estonteados como duas andorinhas. Mal avistámos a primeira neve, descemos do carro e, sem nos importar com a figura que fazíamos, ficámos a atirar bolas de neve um ao outro, a rir como uns perdidos. És capaz de imaginar o sisudo do meu Jaime, aí no Canadá sempre a resmungar contra a neve e o frio, ali, no alto da serra, a rebolar-se e aos pinotes como um potro? Vê lá tu como uma pessoa muda.

Por agora, aquele passeio louco à serra lá afogou as saudades mas se isto nos tornar a dar, eu já disse ao Jaime que o melhor é a gente meter-se num avião para vos tornar a ver a todos e tirar de vez estes macaquinhos da cabeça. Olha, se um belo dia ouvires tocar a campainha da porta, não fiques surpreendida, pode muito bem acontecer que sejam estes vossos amigos que nunca vos esquecem.

Isto agora também já está cheio de *pizzarias*, de artigos chineses, de cartões de crédito e de seitas religiosas, a tal ponto que o Jaime, quando lhe dá para resmungar, diz que fugiu do Canadá por causa dessas pragas e que veio esbarrar num país parecido ou ainda pior. Tu sabes como ele é, quando se põe com aqueles disparates, não há ninguém que o consiga calar.

Muitos beijos da tua amiga

Maria Cândida

PIZZARIA

O Pedro Algarvio não se pode queixar. O Petit Algarve faz bom negócio, a clientela é certa, gente de todos os cantos do mundo, sem biqueirices, rendida aos encantos da *fast-food*.

Evidentemente que depressa o Pedro Algarvio perdeu as ilusões e se apercebeu de que não se poderia dar ao luxo de só servir cozinha portuguesa e que teria de se diversificar rapidamente se não queria ver a vida ir por água abaixo. Mesmo se ainda agora, mais por teimosia do que por outra coisa, a ementa diária ainda anuncia as saborosas bifanas portuguesas, o grosso do negócio gira à volta dos *hot-dogs*, dos *amburguers*, das *pizzas* e, cada vez mais, dos *souvlakis*. Até a música ambiente, que no princípio era do mais genuinamente português que se podia arranjar, só de fado para cima, agora é uma salganhada maior do que a própria ementa.

Por vezes, com os amigos, no desabafo exaltado dos copos, o Pedro ainda mostra uns arremedos de integridade, promete que ainda há-de dar uma volta completa à situação, afiança que ainda não perdeu a esperança de impor a saborosa cozinha portuguesa ao paladar da ímpia Montreal, mas já ninguém o acredita.

- Cala-te lá com essas lérias - interrompe-o o Negro. - O dinheiro não tem raça quando te cai no bolso.

- Vocês ainda hão-de ver. A cozinha portuguesa é uma das melhores do mundo, só estes parvos é que não conseguem ver isso. Mas olhem que eu sou teimoso.

Enquanto não consegue levar o seu sonho avante, o Algarvio lá continua a servir, feliz da vida, os seus

souvlakis, que nisto de cozinha os gregos passam a palheta a todo o mundo, até mesmo aos italianos, têm a cidade rendida aos pés.

Há dias, foi o golpe de misericórdia. Um cliente grego ou lá o que raio era, já meio com os copos, pôs-se-lhe para ali a falar numa língua do mais áspera do que um cardo, uma interminável conversa de bebedolas, sabia lá o que o gajo estava a vomitar da bocarra, e ele, que a princípio teve vontade de pôr logo os pontos nos is e de lhe atirar à cara o seu nacionalismo português, deixou-se enredar e, às tantas, deu consigo a acenar a cabeça e a sorrir, como se tivesse a compreender tudo, incapaz de pôr um travão naquela confusão de malucos.

Só pedia a Deus que os amigos nunca soubessem daquela história do diabo. Nunca mais o deixariam em paz e seriam bem capazes, só para o arreliar, de lhe trocar a doce alcunha de Algarvio pelo ignominioso epíteto de Grego.

REGRESSO

O Manuel Transmontano acordou com o berreiro desenfreado dos galos.

Na cozinha, foi encontrar a irmã a tratar da lavadura dos porcos. Já o lume, num estralejar festivo, devorava um braçado de urzes.

- Está frio.- Sentou-se no escano e avançou as mãos para o lume. - Já parece o Canadá.

- Diz quem sabe que este ano vai nevar muito - respondeu a irmã. - Deixa-te ficar aí que eu vou levar a bianda aos cochinos. O café já está quase quente.

O Manuel apoiou as omoplatas na dureza do espaldar do escano. Embrulhado num manto de mil evocações com o freio nos dentes: aquele lume estralejante a saltar-lhe às mãos como um cachorro; o eterno caldeiro cachoante de água fumegante; os potes de ferro resquentando a sopa; aquele fumo acre que se acumulava em nuvens densas e azuladas, matizadas pela luz do dia nascente, lá junto às vigas escurecidas do telhado donde pendia a armação do fumeiro, as varas ansiosas pela próxima matança; aquele mocho de castanho polido onde uma fogaça e uma caneca esmaltada esperavam o café.

-Estavas a dormir? - Era outra vez a irmã. - Nem quero acreditar que desta vez vens para ficar. - O rosto curtido, enrolado no lenço negro, ensopou-se de lágrimas velhas. - E assim se nos foi a vida, Manuel, estamos acabados.

- Qual acabados, qual quê! Se tu visses aqueles canadianos! Quando se reformam é para viver, não é para se sentarem à espera da morte. Então as mulheres, se as

visses, velhotas de setenta anos e mais, parecem umas raparigas novas, bem trajadas, nada destes lutos de cá, cores claras, ricos penteados.

- Isso não é para estas terras. - O café escorria, num murmúrio bom, para a caneca.- Não sei se a tua mulher, a Alzira, se vai dar por cá. Isto é um cemitério de velhos.

A mulher atirou um capão ao lume que, quando se viu com forças, atirou os braços rubros ao redor do caldeiro.

Ela aceita de boa cara o regresso? Nas últimas férias, não me quis parecer.

- Que remédio tem ela.

Regresso! Palavra de mil alquimias. Nos primeiros tempos do Canadá fora abençoado remédio contra os males da saudade e do desenraizamento. Depois, à medida que novas raízes começaram a rasgar húmus imprevistos, transformara-se, sem se darem conta disso, num processo lento, num espinho cravado nas carnes, num agente perturbador da paz de espírito.

Para não lhe perder o sentido, o Manuel, de tempos a tempos, evocava-a: quando me reformar, regressamos a Portugal.

E semanas atrás, ao serão, num assomo de coragem, reunira as forças dispersas que lhe restavam, para falar:

"Dentro de seis meses, atinjo a reforma. Deveríamos ir a Portugal, preparar o regresso.

A lavar a loiça, de costas, o fio de voz da mulher era quase inaudível:

" Vai tu, sozinho. Agora, não posso deixar o nosso neto. Além disso, não precisas de mim para tratar do que há a tratar."

- A Alzira não se vai dar por cá. Cicouro já não é terra para ela. - tornou a irmã. - Vê lá se ela quis vir contigo!

- Cala-te, dianho de mulher.- exasperou-se. - Não veio porque não tinha com quem deixar o nosso netinho. Mas que raio de conversa esta!

- Mesmo tu estás diferente. Já não és homem para te enfiar neste buraco. - teimou ela.

- Vai lá tratar dos porcos, anda! Estás a ficar velha, é o que é. De muita paciência precisa o teu marido, para te aturar.

Meio apoquentado pelas palavras da irmã, nessa manhã, quando se sentou à mesa da cozinha para escrever à mulher, o Manuel Transmontano falou-lhe da casa que os esperava de braços abertos, da fidelidade do cunhado que tratara das terras com tanto zelo como se fossem dele, dos vivos e dos mortos, e, lá para a segunda página, num arroubo de coragem: "em todo o caso, ainda me sinto novo para trabalhar mais um ou dois anos, não é preciso apressar o regresso, não está nenhuma mulher para parir." Ficava assim aberta a porta para futuras negociações, no regresso a Montreal.

Depois, de coração liberto, saiu de casa e foi, rua abaixo, a falar a este e àquele, tão naturalmente como se nunca tivesse saído da terra.

STAR

- **O** teu filho é um predestinado. Seria um crime desperdiçar um talento destes.

Quem assim lhe fala, sem papas na língua, com a experiência de quem já peneirou muita ganga e se ufana de ter descoberto duas ou três boas pepitas que brilham ao sol das multidões por esses ringues fora, é o Serge, o *coach* da equipa de hóquei dos *pee-wees* de Laval. Apanhado desprevenido, a princípio custou-lhe a compreender, mas não havia dúvidas, era bem do seu rapaz que se tratava.

Foi como se tivesse apanhado uma bordoadada na cabeça. Gago, incapaz de falar, o francês ainda mais embrulhado do que o costume, mal conseguia sorrir, com um ar meio parvo que o enraivecia, o que o homem iria pensar dele.

Depois, foi uma subversão dos sentidos. A bolsa sempre aberta para comprar os melhores equipamentos, trata o filho como um rei, não quero que um dia te queixes de mim, diz-lhe. Negligênciadas as tarefas do quintal, não perde um treino ou um jogo em que o miúdo participa, já é uma presença notada, apontada a dedo, o mais fiel dos adeptos. Grita, gesticula, espuma, disposto a saltar para o *ringue* e estripar os adversários, capaz de arrancar o coração aos árbitros com as próprias mãos.

- Viraste do miolo - refila a Teresa, alarmada com a extensão do desastre.

Mas tal pai, tal filho. Naquelas duas cabeças não paira a mais pequena sombra de dúvida quanto à carreira gloriosa que espreita o Mário. O *Canadien*, a Liga,

esperam de braços abertos que este prodígio cresça e ganhe mais corpo, com um pouco de sorte está ali prestes a sair da forja outro Gratsby, outro Lemieux.

Nas noites de hóquei, um algar de pipocas à frente, a televisão de goelas abertas, são uma só alma que morre e revive pelo *Canadien*, uma só boca que chora, ri, pragueja, implora, em uníssimo, enquanto engolem mãos-cheias de pipocas.

Esta noite defrontam-se o *Canadien* e os *Panthers* de Miami. A assistência ulula. Os golos sucedem-se. Há bordoadas de criar bicho. Os *coachs* andam para trás e para diante, como cães raivosos. Há cânticos de morte no ar.

Lá para o meio da partida, num desvario, afinal quem ali vai, como um raio, sobre o gelo, já não é o Brisebois, é o Mário Negro esse fabuloso jogador português que acaba de assinar um chorudo contrato de milhões com o *Canadien* de Montreal. Rápido como um relâmpago, nada nem ninguém o detém, prestes a finalizar mais uma jogada de enciclopédia e a levantar em peso a assistência enlouquecida.

E, como sempre, é a Teresa que precisa de deixar as lides domésticas para descer à cave e pôr um pouco de ordem naquelas cabeças.

- Mário, já fizeste os deveres da escola? - E para o Luís: - Ainda és pior do que a criança.

Atiram-lhe olhares assassinos. Mas lá se resignam e acabam por reconhecer que ela tem mais uma vez razão e que afinal quem ali vai, num turbilhão de fogo, ainda não é o Mário Negro mas sim o Brisebois que acaba de marcar mais um golo para o *Canadien*.

ASSALTO

Sábado à tarde. O Açoriano acabou de arrumar umas garrafas de vinho na prateleira e sentou-se atrás do balcão, o charuto apagado na boca. Indício claro de que as coisas corriam mal. Como gracejaria o Luís Negro, quando a chaminé não vomita fumo, é sinal de que a fábrica não está a trabalhar em condições.

Que as coisas andavam meio descarriladas era verdade que se metia pelos olhos adentro do mais cego. Até a mulher farejava a moléstia.

- Sentes alguma coisa? Vai ver um médico.

- Cala-te, corisco. Querem lá ver o agoiro!

Cada vez lhe custava mais descer as escadas e abrir as portas do *dépanneur*. Para quê? Com todos esses grandes *magasins* que para aí havia, a antiga clientela tinha levado sumiço, havia dias em que pouco mais vendia do que uma ou duas grades de cerveja a um ou outro bebedolas desprevenido, o tédio a derramar-se como uma maré negra pela loja. Em vez de estar para ali a pastorear as moscas, mais valia fechar as portas e subir até ao *Petit Algarve*, lá na St. Laurent, para desenferrujar a língua com o Algarvio, até podia muito bem acontecer que a outra rapaziada por lá aparecesse.

Emaranhado nestas cogitações, mal prestou atenção ao rapazola frangalhode, com uma barbicha rala de adoentado que franqueou a porta e se deteve face à prateleira dos vinhos. Só quando sentiu a lâmina da faca a

picar-lhe a pele do pescoço, o bafo ardente do rapazote na cara, é que se apercebeu da cilada em que caíra.

Petrificado, branco como a cal da parede, os dedos engadanhados incapazes de empunhar o pau de basebol que, sob o balcão, lhe aflorava os joelhos trementes, o charuto caiu-lhe da boca e rolou envergonhado pelo soalho adiante. Depois, tudo se desenrolou num ápice. A mão enluvada apossou-se, destra, da magra receita da caixa. Logo, irreal, tal como entrara, o garoto volatizou-se, num passe mágico. Sem palavras. Ficou o arquejar do Açoriano a bolir na paz da tarde.

Quando a polícia chegou, a sirene do carro num estardalhaço, o Açoriano recebeu-os com uma alvoroçada descrição do perfil do assaltante.

-Era um calmeirão com quase dois metros, forte como um touro. E apontou-me logo o pistolão ao peito, sem me dar tempo para me defender.

E enquanto o polícia rabiscava, entediado, as notas da praxe, o Açoriano, de gatas, lá acabou por descobrir o charuto debaixo duma prateleira. Acendeu-o e soprou uma fumaça apaziguante.

- O cabrão que não tenha a infelicidade de alguma vez me aparecer à frente. Então é que ele ficaria a saber o que é um português com eles no sítio. - E o pau de *basebol* descreveu um círculo ameaçador sobre as cabeças.

PESADELO

Domingo à tarde. Dia lindo. A passarada canta por todo o lado. O parque entoia um apaixonado hino à vida.

O Manuel Transmontano, esquecida a ferrugem das articulações, não se farta de brincar com o neto, enebriados como dois cabritos descuidados.

De súbito, o neto estaca, de olhos abertos para o pássaro que, empoleirado no ramo dum arbusto, debica uma maçaroca dum vermelho vivo. É um pássaro dum negro metálico com listras carmesins nas asas.

- Como se chama este pássaro ?- perguntou o petiz, erguendo os olhos confiantes para o avó.

Ficou embatucado. Inesperadamente, um calafrio percorreu-lhe a espinha. Àquelas árvores, àquelas aves, àquelas flores, nem lhes suspeita o nome.

Sentiu-se um entruso, em terra alheia. E teve a terrível sensação que a natureza, em coro, o repudiava. Subitamente, havia uma hostilidade palpável, materializada no ar.

Nessa noite, teve o primeiro pesadelo. Viu-se morto. Sulcos de lágrimas de dor rasgavam os rostos desfeitos da família. O caixão descia lentamente à sepultura com um ranger áspero de cordas. Vermes asquerosos como cobras revolviam a terra soltando silvos horripilantes. E o seu cadáver nauseabundo, num terrível anátema, iria ficar para sempre na cova gelada, intacto, rejeitado pelos vermes, num mar de repulsa e ódio, rodeado por animalejos monstruosos que arreganhavam os

dentos ferozmente e que lhe rosnavam: o que fazes aqui? Esta terra não é tua, vai-te embora.

O pesadelo repetia-se, inexoravelmente, noite após noite. Acordava, alta madrugada, alagado em suores frios, olhos escancarados no escuro, o fôlego ardente.

Passadas semanas de noites brancas e pupilas queimadas pela insónia, a família, alheia ao drama que o devorava, reunida num almoço, o Manuel Transmontano, num repente, aproveitou uma brecha no tagarelar para falar: - Vocês sabem como eu tenho renunciado a muitos dos meus sonhos, por causa do bem estar da família. Vejam que já nem falo em regressar a Portugal, o que era o maior sonho da minha vida. Mas não me queixo, não tenho sido dos mais castigados. A vida é o que é, nem tudo corre como nós queremos. - Pigarreou para dar solenidade às palavras - Agora chegou a minha vez de vos pedir um favor. Olhem que estou a falar muito a sério. Quando eu morrer, quero ser enterrado em Portugal. Em Cicouro.

A mulher ia soltar uma gargalhada mas foi detida pelo brilho resolutivo dos olhos garçons da filha.

- Pode estar tranquilo, pai. Está prometido. Não se fala mais nisso.

E continuaram o tagarelar interrompido.

A partir desse dia, o pesadelo refugiado lá para os arcanos da memória, deixou de atormentar as noites do Manuel Transmontano que rapidamente recuperou a sua bela cor rosada e o gosto pela vida.

- Quanto mais velho está, melhor dorme, este dianho - inveja-o a mulher que começa, por sua vez, a padecer dos sonhos leves da velhice.

FECHO DO LIVRO SEGUNDO

Coisa estranha a vida dos emigrantes, sempre às reviravoltas.

Quem diria que o Jaime, regressado a Portugal, ainda haveria de sentir saudades do Canadá? E que o Manuel Transmontano acabaria por esquecer, de vez, a ideia de regressar a Portugal?

Para já não falar do Pedro Algarvio que começa a ser um caso sério de homem de negócios bem sucedido. Já abriu outro restaurante na Rue Duluth e a vida corre-lhe de vento em popa.

O Luís Negro, esse continua o homem simples de sempre. Afastada, por agora, a ameaça do desemprego, reencontrou a alegria de viver e as suas gargalhadas são tornam a fazer a felicidade da Teresa que já andava preocupada com o seu homem.

O que dizer do Zé Biana? Para falar francamente, é o caso mais imprevisível de todos. Muito enganada anda a Adelaide se pensa que o marido já assentou os pés em terra firme. Daquele lado ainda tudo se pode esperar.

O Açoriano, certo dia fez as contas à vida e acabou por trespassar a loja. Quando vai beber um copo ao restaurante do Algarvio, fala, por vezes, em retirar-se tranquilamente para sol da Flórida, onde tem um irmão.

Resumindo, a vida continua.

À beira-Main

LIVRO TERCEIRO



Quanto mais um imigrante sinta
a sua Cultura de origem respeitada,
mais ele se abrirá à Cultura
do país de acolhimento

Amim Malouf
Les Identités Meurtrières

O Boulevard St-Laurent, também conhecido pela Main, foi, em tempos idos, a fronteira que dividia (unia) as zonas inglesa e francesa de Montreal.

À sua beira, por entre saudades e esperanças, as gentes portuguesa recriaram o seu “jardim à **beira-mar** plantado”.

DERROCADA

O Manuel Transmontano sentiu ganas de agarrar o médico pelo pescoço de pita careca e de lhe tornar a enfiar pela boca abaixo as asneiras que o malandro acabara de soltar com o maior dos desplantes.

Podia lá ser? O dianho do homem não devia estar bom da cachimónia. Ou estava bêbado ou, então, pior, muito mais grave, porque com coisas sérias não se brinca, estava a mangar com eles.

- É grave, senhor doutor? - perguntou a Alzira, num fio de voz.

O médico tirou os óculos e passou a mão pelos olhos cansados de ver o mundo a nu.

- Infelizmente é . O cancro já está generalizado e não há grande coisa a fazer.

- Resta-me muito tempo de vida? – insistiu a Alzira.

Os olhos do médico fixaram-se num ponto qualquer, para além da janela.

- Como sabem, nestes casos é difícil avançar com previsões, tanto pode ser uma questão de meses como...

Querem lá ver que o homem estava a falar a sério? Podia lá ser! A sua mulher? A Alzira? A sua companhia para a merecida reforma lá na terra, em Cicouro? Doente? Moribunda? A sua Alzira!?

Uma vertigem pôs o consultório à roda. Já não viu mais nada. Nem o médico. Nem a mulher. Perdido num nevoeiro cerrado, povoado por uma zoeira esfarrapada.

Foi a mulher que, com mão firme, o levou dali, o encaminhou para casa, o sentou no sofá.

- Parece que és tu o doente. Algum dia temos de morrer. Ninguém fica cá para semente.

Olhou-a, aparvalhado. Nem sentia o fio de baba escorrer-lhe do canto da boca.

- Mas, ó Alzira...

Ela veio sentar-se ao seu lado. Abraçou-o. Ficaram assim, sem falas, imóveis, pela tarde adentro.

Por fim, o sol de Maio, que, finalmente após a modorra invernal, lá fora fazia crepitar a vida por todos os becos, cansou-se de alumiar o mundo e sombras densas rastejaram pelo soalho, treparam pelas paredes brancas.

- Vou preparar o jantar – anunciou a Alzira. – E arrebita, homem. Não és o primeiro nem serás o último a ficar viúvo.

PESADELO

Aqueles riscos vermelhos, em carne-viva, na parede da garagem começavam a aterrorizá-lo.

- Encosta-te lá à parede. E não te ponhas nos bicos dos pés. Deixa-te de batotas. Vamos lá medir bem essa altura.

Durante anos, gradualmente, os riscos iam grimpendo na parede branca. Um centímetro esta semana, dois, três meses mais à frente, o progresso era tangível e encorajador.

- Só quando chegares ao metro e oitenta é que fico descansado – sentenciava o Luís Negro. - Um bom jogador de hóquei precisa de corpo. Só a habilidade não chega para nada.

Mas, a certa altura, a progressão começou a fraquejar. Uma semana, um mês, três meses, o risco sem fôlego para ultrapassar o metro e setenta e cinco.

- O que é isso Mário? – alarmava-se o Luís Negro.
- Tu não andas a comer bem? Vê lá se queres estragar a tua vida! Toca a comer, vitaminas para a frente.

O Mário encolhia os ombros, desorientado.

- Eu farto-me de comer, pai.

Estava agora um belo rapaz. Alto, desempenado, com uma cabeleira negra e uns olhos castanhos pestanudos que faziam suspirar as raparigas. No ringue continuava a passear o seu talento inegável e a arrancar os aplausos das multidões maravilhadas.

- Precisas de crescer mais cinco centímetros – arreplava os cabelos o Luís.

- Como queres que o rapaz cresça mais? –
barafustava a Teresa. – Ele já é maior do que tu.

- Precisa de crescer mais cinco centímetros -
insistia o Luís. – Um bom jogador de hóquei....

- Eu vou crescer, pai, fique descansado.

Mas o risco vermelho na parede da garagem
perdera as forças, imóvel, começava a descorar de velho.

- Cinco centímetros é que irão decidir o teu futuro.
Entre ganhares milhões e não seres nada na vida. – E o
Luís dava exemplos irrefutáveis: Vê o Lafleur, o Gratsky,
o Lemieux....tudo calmeirões, tás a compreender, rapaz?

O Mário baixava a cabeça, atingido pela saraivada
de verdades.

- Eu sei, pai.

- Ou milhões ou a ponta dum corno. No hóquei é
assim, ou tudo ou nada.

A Teresa, cheia até à ponta dos cabelos daquelas
querelas, interpunha-se:

- Cala-te lá com isso, homem. Estás a ser cruel com
o rapaz.

O Luís Negro abespinhava-se:

- Eu, cruel?! Querem lá ver isto! Um homem ouve
cada coisa.

E saía para o quintal, seguido pelo Mar.

- Ouviste aquilo?

O cão abanava a cauda, encostava-lhe a cabeça fiel
às pernas dos dono.

- O mundo tá perdido.

CARTA DE PORTUGAL

Boa amiga Teresa

Lá arranjei mais um bocado de tempo para me sentar e para te escrever duas linhas.

E é como sempre ao domingo, depois do almoço. Os rapazes mal engoliram almoço, cada vez mais apressados e mais doidos com as raparigas. E falávamos nós das raparigas canadianas. Agora, estas aqui ainda são mais estouvadas, são elas que desafiam os rapazes, já não têm vergonha de nada.

O Jaime lá foi também para o café, deve lá estar a contar aquelas histórias sobre o Canadá que não pára de inventar. Sabes qual é a alcunha dele? O Canadiano. O Jaime Canadiano.

Vê lá, um homem sisudo e sério como o meu marido era, de repente, deu-lhe para aquilo. Passa a vida no café, a contar patranhas sobre as suas caçadas no Canadá, nem tu calculas a enxurrada de mentiras que lhe sai da boca, como se o Canadá fosse só um país de neve, de ursos e de esquimós. Só lhe falta dizer que foi ele que descobriu o pólo norte.

“Mas, ó homem, digo-lhe eu às vezes, tu que nunca tiraste os pés de Montreal, que tinhas um medo que te pelavas da neve e das florestas, como é que te atreves a dizer essas baboseiras?”

Ele ri-se-me na cara, com um descaramento que nem tu podes calcular. Já nem parece o mesmo homem. Deve ter o diabo no corpo, é o que é.

Há dias veio-me com a ideia maluca de escrever ao teu Zé, para que ele lhe enviasse umas cabeças embalsamadas de animais, de ursos, caribus, focas, sei lá que mais. Custou-me a tirar-lhe a ideia da cabeça. Começo a desconfiar que ele está mesmo levantado do miolo, que ele próprio já começa a acreditar nas mentiras que conta.

Olha, minha boa amiga, eu até já começo a ter vergonha de sair à rua. Porque as pessoas não são burras nenhuma, começam a desconfiar de tanta fruta e já começam a rir dele, pelas costas.

E se já tinha desejo de regressar ao Canadá, agora, com estas coisas, ainda é pior. Se conseguirmos resolver certos assuntos até lá, talvez a gente no Natal vá até aí para vos visitar e apalpar o terreno.

O nosso grande problema são os filhos, como deves calcular. Esses, agora, embora continuem a gostar do Canadá, já não querem ouvir falar em regressar. Parece que encontraram a carne das raparigas portuguesas mais gostosa do que a das canadianas, os malandros.

Recebe um grande beijo da tua amiga que nunca vos esquece,

Maria Cândida

REGRESSO

O tombar da noite trouxe uma brisa refrescante que baloiça a ramagem das palmeiras.

Passeiam na marginal. Dum lado, a correnteza interminável de restaurantes profusamente iluminados. Do outro, a orla da praia onde o mar se adivinha preguiçoso, quase adormecido.

O Açoriano acendeu um charuto. Soprou uma nuvem de fumo.

- Isto é que é vida!

A mulher não respondeu.

- O que é isso, corisco? Estás outra vez muda?

Há seis meses que se regalam ao sol da Flórida mas a mulher está, cada dia que passa, cada vez mais muda.

- Não te sentes feliz? Aqui tens tudo, não trabalhas, apanhas o sol que queres. Já te esqueceste do frio e da neve em Montreal?

Ela continua muda. Mas o Açoriano lê-lhe na alma como em livro aberto. Também ele tem saudades dos filhos, dos netos, dos amigos. Há calor e calor. O humano é o melhor, começa a compreender. Mas ainda se pretende enganar, mergulha numa enxurrada de palavras:

- Diz lá, mulher! Alguma vez imaginaste que terias uma vida assim? Este sol que é uma maravilha, um mar como uma piscina onde te podes banhar todo o ano... Trabalhámos muitos anos mas agora temos a recompensa, graças a Deus, vemos o fruto do nosso esforço.

De chofre, um encontrão quase o estatelou no meio da multidão. O charuto saltou-lhe da boca. Sente uma dor

aguda, quase insuportável no braço. A boca da mulher rasga-se num grito de animal ferido.

Alguém, um vulto que já lá vai em correria, num puxão, arrancara-lhe a bolsa do braço. Quer gritar mas as palavras inglesas embrulham-se-lhe na garganta. Em todo o caso, já é tarde de mais. O tecido da multidão já se refizera como se nada se tivesse passado.

Ficaram os dois ali, espedados, perdidos, vulneráveis, atarantados.

- Já viste esta pouca vergonha, mulher?

A noite continua tépida. A multidão engrossou. Dos restaurantes crescem aromas exóticos. O mar, esse, adormecera de vez.

- Já não se pode viver tranquilo em lado nenhum.

Foi quando a boca da mulher se descoseu:

- Isto não é terra para nós, homem. O que fazemos aqui, longe dos filhos e dos netos? O sol...o sol! Maldito seja este sol.

Um pranto, quase inaudível, subiu na noite.

O Açoriano, abraçou-se à mulher.

- Está descansada, mulher. Vamos regressar a Montreal. Está dito. Maldito ladrão. Se o agarrasse, torcia-lhe o pescoço.

E a mão descarnada, que se queria ameaçadora, ergue-se sobre as cabeças como uma pomba estonteada.

REMORSOS

A doença da Alzira progride a olhos vistos, não é preciso ser um grande entendido na matéria para farejar a desgraça que se aproxima com passos rápidos e determinados. Só uma vontade férrea, que ela vai buscar sabe-se lá onde, a mantém de pé e a faz cirandar por toda a casa como um espectro, as roupas, cada vez mais largas, a dançar naquele corpo mirrado, só pele e osso.

O Manuel Transmontano que sempre dormira como um justo, acorda agora a meio da noite, com uma espertina que lhe queima as pupilas e lhe esfrangalha os nervos. Ficam os dois, lado a lado, como estátuas, sem uma palavra, sem se tocarem, irremediavelmente perdidos nas garras da dor. Quando, finalmente, a alvorada clareia os *blinds* e os liberta do calvário da cama, o Manuel Transmontano mal tem coragem para encarar o rosto lívido da mulher, incapaz de engolir os soluços incontroláveis que lhe sobem das tripas à garganta.

Sem forças para suportar aquele martírio, inventa, amiúde, afazeres inadiáveis, pretextos mal cerzidos que lhe permitem sair de casa e o atiram para longos e solitários passeios pela montanha, como sempre a rebentar de vida: os jogadores de cartas, os pares de namorados, as cabriolas dos cães, o alarido das crianças, o murmúrio das árvores, o sol a rastejar sobre a relva.

Nesse dia, voltado para a cruz, que, lá no alto, se esbatia contra o céu profundo, rezou. Rezou em silêncio. Ele que se tinha esquecido de Deus, cego, durante tantos anos, a ganhar, a perder, a vida. E, como peixes gordos, os

remorsos sobem-lhe à tona da razão. Remorsos da vida sacrificada que dera à mulher, devorado por aquela febre de aferrolhar, de ser o homem de mais haveres lá na terra, que lhe envenenara, de ponta a ponta, a existência.

“Vou-lhe pedir perdão” decidiu-se. Enquanto era tempo. Antes que a foice da morte, que já rondava, ronqueira, se antecipasse e lha ceifasse irremediavelmente do convívio.

Foi encontrar a Alzira tranquilamente sentada no sofá da sala, quase bela, recortada na penumbra da tarde.

- És tu, Manuel? Senta-te aqui ao pé de mim. Estava a pensar na nossa vida, na sorte que tive em ter casado com um homem como tu....o que é isso, estás a chorar? Olha que a doente sou eu...!

- Eu...!

A Alzira pousou-lhe os dedos nos lábios..

- Cala-te!. Recordas-te do nosso primeiro beijo?

E ficaram, mãos nas mãos, entregues às recordações que vogavam pelos mares, ora procelosos ora plácidos, da vida que Deus lhes dera.

DOMINGO À TARDE

Há muito tempo que o Zé Biana não assistia, na televisão, a um Benfica-Sporting tão empolgante, até parecia como nos velhos tempos, quando o desporto era mesmo desporto e os jogadores davam o litro por amor à camisola.

Quase no fim da primeira parte, a meio-campo, o Mantorras desembaraçou-se dum cacho de jogadores, flectiu para a esquerda, driblou um defesa e cá de fora da grande área, até parecia o Eusébio dos bons velhos tempos, atirou um petardo que fez a bola entrar pelo canto esquerdo da baliza do Sporting, perante o olhar atónito do guarda-redes que mal tempo teve para voltar a cabeça. Era o empate.

- Viste aquele golão? – saltou no sofá o Zé, voltando-se para a Adelaide que, no outro sofá, folheava uma revista.

- Não, não vi nada.

O Zé nem se apercebeu da rispidez da resposta, engolfado no desenrolar frenético da partida.

- Aquilo é penalti – saltou indignado. - Viste?

- Já te disse que não vi nada.

- Raio de mulher. Não te interessas por nada.

- E tu? Já reparaste que lá fora está um belo dia de outono e que as pessoas normais saíram todas para os parques e para as montanhas, admirar o espectáculo das folhas coloridas?

Aquilo não eram palavras, eram pedradas arremçadas com uma raiva que o Biana nunca ouvira na

boca da Adelaide. Aprestava-se para se desculpar, para deitar água na fervura quando o novo golo do Benfica lhe cortou o fio das boas intenções.

- Grande Mantorras! Assim é que é jogar à bola.

BOFETADA

O Mário patina vertiginosamente. Recebe a *rondelle*, esquiva um adversário, esquiva outro, o vulto acocorado do guarda-redes cada vez está mais próximo, lobriga um buraco na barreira defensiva e desfere a *sticada*.

É golo! A multidão ulula. Ouve distintamente os gritos de alegria do pai. Volta-se para ele e ergue o *stick* numa saudação, numa oferenda.

Mas o jogo já recomeçou. Já tem outra vez a *rondelle* na sua posse. Investe de cabeça baixa. Com fúria, com raiva. Tudo se passa numa fracção de segundo. Aquele colosso barra-lhe o caminho e já não tem tempo para evitá-lo. O choque é frontal, terrível. Sente-se catapultado contra a barreira. Uma dor acerada perfura-lhe o ombro.

Através do véu espesso do suor, vê as bancadas a girar, sente o ringue ondular debaixo dos patins. O ulular da multidão rebenta-lhe com fragor na cabeça.

Amparam-no, retiram-lhe o capacete, sentam-no no banco. Queima-lhe a nuca o olhar desesperado do pai. Adivinha-o petrificado na bancada, lívido como um morto, alheio às peripécias do jogo que prossegue vertiginoso.

A caminho de casa, mal se falam. O Luís Negro conduz de mandíbulas cerradas, atento ao tráfico.

- Não o vi vir – diz o Mário.

O pai não responde.

- São coisas que acontecem – insiste o Mário.

Há um silêncio insuportável. Por fim, a bofetada tomba implacável:

- Se tivesses mais cinco centímetros e mais dez quilos, nada daquilo teria acontecido.

A VIZINHA

Desde o falecimento da Alzira, mal anoitece, o Manuel Transmontano não resiste ao peso das recordações. Sai para a rua, sobe a St-Laurent e acaba invariavelmente por entrar no Benfica. Encostado ao balcão, bebe lentamente uma cerveja, escuta as larachas dos presentes, bebe outra cerveja, deita uma olhadela à televisão e aos jogadores de sueca e regressa a casa, não poucas vezes, já com um grão na asa. Deita-se na imensidão do leito esfriado e adormece logo de seguida porque, graças a Deus, valha-lhe isso, recuperou o antigo sono de santo.

Apresta-se, mais uma vez, para sair de casa e cumprir o ritual, um pé já fora do apartamento, quando lhe barra o caminho a vizinha de cima, a Lise. É uma *quebecoise* já cinquentona mas ainda fresca como uma alface, com um corpo capaz de fazer inveja a muita rapariga e um par de olhos verdes, como pastagens sem fim, capaz de virar a cabeça de muito homem sério.

- *Bonjour, voisin.* Venho-te pedir o favor de me emprestares um punhado de sal.

Palavras redondas e cantantes como seixos, embrulhadas num sorriso que descobria a dentadura sã e branca e fazia tremeluzir o verde dos olhos.

Palavra puxa palavra, nem sabia como aquilo acontecera, acabaram confortavelmente afundados no sofá da sala de estar, em alegre e trivial conversa, esquecido o Benfica, esquecido o punhado de sal, a noite a avançar a passos largos sem lhes pedir contas.

- Ai que já é tão tarde! – gritou a Lise, consultando

o relógio quando já iam avançadas as 11 horas. E já de pé:
- Um dia destes vais lá ao meu apartamento beber um café comigo. De acordo?

Os olhos alegrotos e limpos dela beliscaram-lhe a cara com o calor duma chama.

- Talvez, qualquer dia.

Custou-lhe vê-la partir. A bem dizer, apercebia-se agora, era a primeira noite desde que a Alzira o deixara, que perdera a conta ao correr das horas.

E, no leito imenso, custou-lhe a adormecer, o sangue meio alvoroçado no corpo. Deveria ter ido ao Benfica em vez de ter ficado para ali a dar conversa à tagarela da vizinha, era o que era! Um homem, mesmo depois de velho, está sempre a aprender.

NOITE DE CONSOADA

Noite de Consoada. O Jaime e a Maria Cândida cumpriram a promessa e ali estão reunidos com os amigos naquela noite deslumbrante onde até a neve não se esqueceu de comparecer.

No regresso da missa do galo, à volta da mesa, as recordações estalam nas bocas, crescem mais vivas do que o fogo da lareira.

- Ó Zé, recordas-te daquela primeira noite em que foste passar a consoada lá a casa? – pergunta a Teresa, afoguada com o calor do lume, talvez dos portos já escorropichados à sucapa.

- Está aqui gravado como se tivesse sido ontem – responde o Zé Biana. – Foi a minha primeira noite de alegria neste país.

Uma neve miudinha polvilha as casas de branco e derrete-se ao calor da vidraça da janela em fugazes figuras de fina filigrana.

- E bonito a valer – confessa o Jaime encostando o nariz à vidraça.

- Mas, ó Jaime, tu odiavas a neve! – espanta-se o Luís saboreando uma filhó. - Já agora conta aqui à gente algumas dessas tuas histórias de caça em terras canadianas.

Há uma gargalhada geral. A Maria Cândida cora até à raiz dos cabelos.

- Que vergonha!

- Vergonha é roubar – atalha o Luís, enchendo os copos aos amigos.

Chegou finalmente a hora de abrir os presentes.

- Agora, sem as crianças já não é como dantes – ainda choraminga a Maria Cândida. Mas é submergida pela algazarra geral e pelo estralejar do esventrar dos embrulhos. - Este aqui é para o meu amigo Jaime – anuncia o Luís, com um sorriso de orelha a orelha, solevando uma caixa que jazia ao lado da árvore de Natal, um pouco à parte dos restantes presentes.

A caixa é enorme e pelo esgar do Luís, deve ser pesada a valer.

- Para mim? – desconfia o Jaime. – É algum pedregulho?

- Abre – ordena o Luís..

Quando, envolto por um silêncio intrigado, o Jaime conseguiu desembaraçar a caixa do emaranhado de cordéis que a envolvia e finalmente abrir a tampa, mal consegue engolir um grito de surpresa. Do fundo da caixa, os olhos vidrados duma enorme cabeça embalsamada de urso refulgem ferozes.

Uma enorme gargalhada rompe o silêncio e rebola pelo salão.

Duas lágrimas assomam aos olhos de Jaime que, num impulso convulsivo, abraçou o amigo.

E o Luís a fungar emoções:

- Este gajo é o Jaime? Um gajo feito de pedra, a chorar? Não acredito! Ó Teresa, passa daí a garrafa do bagaço que a gente tá a precisar de molhar as goelas.

DESAFIO

A Adelaide anda, mais uma vez, com os nervos esfrangalhados. Explode por tudo e por nada, desfaz-se em lágrimas à mínima contrariedade, já não sabe o que há-de fazer à vida. Encharca-se de calmantes e drogas que o médico lhe receita com mão larga, mas não há remédio que lhe valha. Tudo vai de mal a pior.

Quem lhe vale é a Teresa, ali ao lado, sempre com uma paciência de santa para lhe ouvir as lamúrias intermináveis.

- Mas, ó Adelaide – aflige-se a Teresa –, tu tens tudo na vida! Uma casa, um marido trabalhador, uma filha que é uma jóia...o que é que mais queres?

Talvez a Teresa tenha razão, talvez o mal esteja nela e não nos outros, talvez seja ela que não sabe reconhecer a riqueza que tem, talvez exiga demasiado da vida.

Hoje, lá no escritório, a Julie lançou-lhe à queimadura:

- Queres sair comigo esta noite, ir jantar aí a qualquer lado? Sem homens para nos atrapalhar.

E, num *coup-de-tête*, aceitara. Nem se dera ao trabalho de reflectir, de medir as consequências, que estavam agora ali à sua frente, esparramadas, como larvas, na cara enfurecida do Zé.

- Vais sair com essa puta da Julie? Uma gaja que se deita com qualquer um, a troco dum jantar? São essas agora as tuas companhias?

Perdera a cabeça. Já nem atinava com o que dizia:

- Quem és tu para criticar a Julie? Pelo menos
essasabe viver, saborear os prazeres da vida.

- Proibo-te de sair.

Ficaram ali na sala, arfantes, olhos nos olhos, como
duas feras num combate de morte.

Não és tu que me vais proibir de sair. O tempo da
escravidão já acabou.

E saíra. Mas já completamente exaurida. Sem
forças para ir ter com a Julie. Refugiou-se num recanto do
McDonald's mais próximo, com um copo de café entre as
mãos trementes.

NOITES INQUIETAS

“Conho! Dianho de mulher!” Estranho como agora, na recta final da vida, o lingüarejar mirandês, durante tantos anos amodorrado, esquecido, lhe salta à boca, nas horas de inquietação.

Tudo por culpa daquela tagarela da Lise que, quando se cruzam nas escadas, com aquela voz açucarada, está sempre a convidá-lo a subir, para tomar um café.

Mas resiste. Teima em resistir. Por fidelidade à memória da Alzira, o corpo ainda quente na sepultura. Por razões que ele próprio desconhece. Por medos que o deixam de sangue a ferver nas veias.

Ainda mal se apercebeu de que tudo se está a transformar nos seus hábitos. Já deixou de sair. Já deixou de ir ao Benfica. À noite, fica ali na sala, de orelhas espevitadas. Atento aos ruídos que descem do andar de cima.

Espia-lhe os passos, interpreta-lhe os movimentos: agora está a lavar a loiça, a água a gorgolejar nos canos; agora está a limpar a casa, o aspirador num ronco surdo; agora sentou-se no sofá, a televisão de goelas abertas.

- Quando sobes para tomar um café?- pergunta ela na encruzilhada das escadas.

- Qualquer dia será.

- Já sabes, é só subir.

Maldita mulher! E cada vez mais fresca. Até lhe custa a crer que não frequente homem. Desde que ela se mudara para ali, e já iam corridos um bom par de anos, nunca se apercebera da presença de nenhum.

- Quando sobes? Pode ser hoje?

O persistente convite martela-lhe a cabeça. Pregou-se em qualquer resquício do cérebro. Até já sofre de insónias. Logo ele que sempre dormiu como uma pedra, mesmo nas horas de tormento e aflição.

Hoje é sábado. Sobe o som da televisão e percorre os canais à procura dum bom filme que o distraia. Mas nada o contenta.

Vai até à janela. Uma neve esparsa, dilui-se ao calor das vidraças. Pega no telefone para falar à filha, ouvir o palrar do neto. Mas ninguém o atende. O clamor insistente do telefone crava-lhe a solidão na alma.

Nove horas da noite. Apaga a televisão. Ouve-lhe os passos leves a caminho da casa de banho, o jorrar da água para a banheira. Depois, outra vez os passos dirigem-se para o quarto. Há um silêncio prolongado. Deve estar a vestir o roupão. Talvez a pentear os cabelo curtos e aloirados.

Levantou-se do sofá. Tornou a sentar-se. Gotículas de suor perlam-lhe a fronte. Deve ter o aquecimento da casa muito alto. Levanta-se para verificar o termóstato. Tudo está normal.

Finalmente, os passos encaminham-no para a porta, para as escadas que já sobe furtivamente. Fustiga-se:

“Dianho de homem! Pareces uma criança da escola, com medo da mestra.”E, com mão trémula, foi bater à porta da Lise.

RECOMEÇAR

A St-Laurent rutila ao sol radioso de Maio.

O Açoriano respira como peixe em águas profundas. Atento às vozes, às cores, aos cheiros. Só agora é que compreende como Montreal lhe fazia falta.

A Flórida não era para ele. O sol tórrido, o mar quente como caldo, aquela vida de velho ocioso à espera da morte!

No cruzamento com a *Duluth*, deteve-se para acender um charuto. Largou uma baforada que lhe limpou a alma.

“Lá tá a fábrica a trabalhar” troçava dele o Luís Negro, nos tempos antigos. Que bela rapaziada aquela. Por vezes, basta uma cerveja bem bebida com os amigos para se ser feliz. Não é preciso correr atrás de quimeras.

Na *Rachel*, deteve-se. A tabuleta do *Petit Algarve* ainda continuava pendurada sobre a porta. Mas atrás do balcão estava um rosto desconhecido.

- *Monsieur Pedro est là ?*

O outro farejou o sotaque português e abriu-se num sorriso largo.

- É português? O senhor Pedro deve estar quase a chegar. Ainda deve estar no outro restaurante mas, geralmente, passa por aqui por volta das três horas. Quer que lhe sirva alguma coisa?

Pediu um copo de vinho e sentou-se na mesa rente à janela, entretido com o formigar da St-Laurent.

Quando o Algarvio chegou, abraçaram-se efusivamente.

- É corisco mal amanhado! A Flórida faz-te bem, estás dez anos mais novo.

- E tu estás mais gordo. Os negócios devem correr bem, calculo.

- Ando muito ocupado. O restaurante da Duluth dá-me muito trabalho. Até estou seriamente a pensar em trespassar isto aqui. Se não estivesses na Flórida, era bom para ti.

O Açoriano sentiu um baque no peito.

- Estás a falar a sério? Olha que começo a ficar interessado.

O Algarvio estava boquiaberto.

- E a Flórida?

O Açoriano acabou de beber o copo de vinho .

- Queres que te diga a verdade? A Flórida que se lixe. É aqui que quero acabar os meus dias. Nesta terra, perto dos meus filhos, dos meus netos, dos amigos.

O Algarvio estendeu a mão, num pacto.

- O *Petit Algarve* é teu. Com uma condição. Esta mesa estará sempre reservada para nós, para os amigos, para, de vez em quando, virmos aqui comer uma valente alcatra.

Riram como crianças. Nos olhos vogavam-lhes farrapos dos tempos antigos.

- Recordas-te dos tempos em que vocês se juntavam na minha loja para beber umas cervejas?

- Essas coisas nunca se esquecem.

EL PORTO

A curva harmoniosa da estrada. O barco rabelo encalhado no rio à espera duma brisa para sacudir o torpor e largar a bolinar por ali acima. Os socalcos das vinhas a trepar encosta acima até ao céu azul e puro. A poalha dourada do sol a pino. O véu violáceo e fremente da canícula.

- Pára aí – disse a Gisele, deslumbrada.

Encostaram o carro à berma da estrada e ficaram ali, sem palavras, liquefeitos nas cores estonteantes da aguarela.

A Giselle voltou-se para o Pedro, com a maré-cheia do olhar azul das horas de bonança.

- E se abrissemos um *bistrot* de vinho do Porto, em Montreal, em plena St-Laurent?

O Algarvio estirou o olhar até às encostas da outra margem.

- Olha que não é má ideia.

A Gisele entusiasmava-se. O olhar azul reflectia agora os tons esverdeados do rio, irradiavam chispas douradas.

- O vinho do Porto está na moda em Montreal. Imagina um *bistrot* decorado com arte, com azulejos portugueses, repleto com os melhores vinhos dos melhores anos, das melhores colheitas...um recanto confortável de encontro de artistas, intelectuais, homens de negócio....

Saiu do carro, trepou o paredão protector da estrada, abriu os braços ao sonho, as crinas soltas ao vento.

O Algarvio devorava-a com o olhar, fascinado. Quando ela regressou ao aconchego do seu abraço, aspirou-lhe o cheiro selvagem do cabelo.

- Acho que é uma excelente ideia.

- Vamos-lhe chamar El Porto.

- Alto lá! Isso é espanhol. Em português diz-se O Porto.

A Gisele soltou uma gargalhada. Nada a detinha;

- Montreal é uma encruzilhada do mundo. Uma cidade cosmopolita onde se cruzam todas as raças e culturas do mundo. El Porto tem mais força, mais musicalidade, fica no ouvido. Afinal, o rio Douro nasce em Espanha, não é o que disseste? *Vrai où pas vrai?*

O Algarvio riu até às lágrimas.

- És o diabo.

- *J'ai faim* – chamou-os à realidade o Manuel que, no banco traseiro, acordara estremunhado.

- Tens toda a razão, filho. Também eu já estou com uma fome de lobo. Disseram-me que aí mais à frente há um restaurante que serve um cabrito no forno capaz de ressuscitar um morto. Vamos experimentar?

FÚRIA

Aquela mulher que ali vai, que sobe dois a dois os degraus das escadas, impulsionada por forças cósmicas não pode ser a Teresa. A Teresa é uma camponesa pachorrenta, animal milenário que não precisa de se interrogar sobre o seu lugar no universo, que chora, grita e ri com a naturalidade duma nascente a brotar da rocha. A mulher que ali vai direita ao quarto do filho é outra, tem uma máscara horrenda cravada, em fusão, sobre o rosto.

- Mário!

Já está plantada no meio do quarto, como uma árvore enorme e ressequida, sacudida pelos ventos da tragédia.

O filho, acordou sobressaltado, procurou os olhos incendiados da mulher.

-Mãe!

-O que é isto?

O saquinho de plástico, empunhado pela mão resoluta, cresceu no coração do quarto.

- Mãe!

- Não negues. Eu sei tudo.

E sabia. Naquela casa não havia segredos para ela. O acabrunhamento do Mário, os seus súbitos saltos de humor não lhe passaram despercebidos, logo desde a primeira hora.

Passara a casa a pente fino, numa busca meticulosa, concentrada. Até que fizera a descoberta, num canto recôndito da garagem.

- É droga, não é?

O Mário deixou tombar a cabeça. Diante dos olhos da mulher ficou a mancha frondosa da cabeleira de azeviche.

- É sim, mãe. É cocaína.

Finalmente, a máscara estilhaçou-se e o rosto da Teresa inundou-se dum mar de lágrimas. Sentou-se na borda da cama, as mãos entrelaçadas sobre o regaço.

Silêncio. Lá fora, no quintal, balouçadas pela brisa outonal, as folhas em fogo do ácer sussurravam palavras inaudíveis, amigas, através da janela.

Finalmente, num sussuro, quase choro, quase prece, o Mário começou a falar. Dele, do pai, do hóquei, do peso insuportável dos seus medos.

Quando o fio de voz se extinguiu e ergueu os olhos, reencontrou a máscara tétrica colada sobre o rosto da mãe.

- Logo à tarde vamos falar com o teu pai. Vamos pôr tudo em pratos limpos.

- Mas...

- Não há mas nem meio mas. – Não havia na voz qualquer ponta de súplica, era uma sentença. – Logo que o teu pai chegue do trabalho.

Lá fora, as folhas do ácer continuavam o seu murmúrio. Algumas, tocadas por uma brisa mais forte, tombavam, sem pressas, sobre a relva, com a leveza de penas.

BARREIRAS

Desde aquela noite em que a Adelaide resolvera sair, poucas palavras se trocam naquela casa.

O Zé refugia-se na oficina, entregue a trabalhos intermináveis e sem fruto. A Adelaide deambula pela casa como uma sonâmbula. A filha, entregue a um idílio de fresca data, sai, alvoroçada, quase todas as noites, nem se apercebe das barreiras intransponíveis que se erguem abruptamente entre aquelas vidas.

Esta noite as horas rolam intermináveis. Da oficina sobe o rosnar insuportável do torno a abocanhar mais um osso de aço. A Adelaide já sacudiu o pó a todos os *bibelots*, já percorreu todos os canais da televisão, já foi colar o nariz a todas as janelas da casa. E ainda mal são nove horas da noite.

Agora, diante do espelho do roupeiro do quarto, prova, sem interesse, uma camisola. Ajeita a gola, alisa-a nas ancas, volta-se de perfil e franze a testa, agradada pela silhueta elegante que o espelho lhe devolve.

Impelida por impulso irresistível, começa a despir-se lentamente. A camisola, as calças, não tarda a ficar nua, diante do espelho, como Deus a pôs no mundo. As mãos, hesitantes, acariciam os seios, descem lentamente pelo ventre até à sombra da púbis.

Aos quarenta anos ainda é uma mulher de carnes rijas, capaz de fazer voltar a cabeça aos homens. Lá no escritório, o Benoit, o responsável do *marketing*,

divorciado de fresco, está sempre a lembrar-lho. Lança-lhe piropos, persegue-a todo o dia com aquele olhar perturbador de homem vivido, habituado a correr mundo. ‘*Salut, belle portugaise*’, é o seu crónico cumprimento matinal. Bastaria ela acenar a cabeça para ele se lhe rojar aos pés. E se é um homem que sabe saborear a vida: fins-de-semana de ski nas montanhas do Vermont, férias nas Caraíbas, carros do último modelo, jantares nos melhores restaurantes, mulheres sempre por perto.

A mão, agora febril, continua a percorrer o corpo, desliza pelas coxas elásticas, torna a subir até ao ventre firme.

“*Salut, belle portugaise*”, já não é um cumprimento, o piropo antigo transformou-se, nos últimos tempos, numa declaração inflamada, num convite evidente, não é preciso ser muito esperta para compreendê-lo.

Subitamente, na oficina, o torno deixou de rosnar e os passos do Zé, a subir as escadas, despertaram a realidade. Vestiu-se atabalhoadamente.

Ficaram os olhos, em fogo, no mar do espelho.

CONSELHO DE GUERRA

- **F**ala – ordenou a Teresa. – Fala, Mário.

Estão os três sentados à mesa da cozinha. O Luís de testa franzida, o olhar desconfiado, à espera de compreender o que diabo se passava naquela casa. O Mário de cabeça caída, a cabeleira de azeviche cheia de reflexos metálicos pela luz do candeeiro do tecto. A Teresa sempre com aquela máscara tétrica que lhe esconde o rosto bom de camponesa.

Há um silêncio desmedido, um interlúdio decisivo naquelas vidas.

Mas o Mário é um rapaz corajoso. Quem foi capaz de, de queixos cerrados, durante tantos anos, apanhar tanta porrada a jogar hóquei, também é capaz de erguer a cabeça de rapelão e de enfrentar o olhar do pai.

- Pai!

Falou, falou até à última gota. Encorajado pelas lágrimas que começavam a derreter a máscara afivelada sobre o rosto da mãe. Perante o olhar atónito do pai. Falou dos seus pesadelos. Dos seus medos. Daqueles anos de tormento em que a paixão pelo hóquei se transformara gradualmente num calvário que lhe abriera chagas profundas na alma.

Quando se calou e a luz do candeeiro se reapossou da cabeleira de azeviche, a Teresa voltou o rosto banhado de lágrimas para o marido.

- Tás a ver, Luís? Tás a ver o mal que fizeste ao teu filho?

O Luís abriu os braços, aturdido, contemporizador.

- Olha, rapaz, se não quiseres jogar mais hóquei, também não é o fim do mundo. Já podias ter dito isso há mais tempo, não era preciso chegar a este extremo. Que diabo, eu não sou carrasco nenhum.

- Prometo que nunca mais tocarei na droga – atalhou-o Mário, com voz glacial, erguendo a cabeça.

- Isso é que é falar, rapaz – exultou o Luís assentando-lhe uma palmada no cachaço. - Tás a ver, Teresa? Tá tudo arranjado. Afinal só a morte é que não tem remédio. E tu, Mário, com essa lábia davas um bom advogado, poderias ganhar mais dinheiro do que a jogar hóquei...- e já ia por ali fora, numa cavalgada, quando o olhar severo da Teresa lhe cortou a verborreia.

- Luís!

- Pronto, pronto. Já não falo mais esta noite. Um homem já não pode fazer planos para o futuro dos filhos...que tempos estes...!

DESABAFO

“Andas com a cabeça nas nuvens” – dizia-lhe a mãe quando, criança, se esquecia de levar a vaca a pastar no lameiro.

Regressava agora aos trilhos da infância. Até se esquecia de telefonar à filha e ao neto. Uma vergonha. Mas por mais que tente resistir à intrusão que lhe virou a vida de pernas para o ar, não há nada a fazer. Só pensa nela. Tudo em seu redor está impregnado dela. Do seu cheiro. Da sua voz. Da luz dos seus olhos. Da memória da primeira noite passada juntos, no mar imenso daquele leito onde quase se afogara como um catraio devorado pelas ondas do prazer.

“Isto é água demais para o meu moinho”- reconheceu naquela tarde. Precisa de assentar os pés em terra, de reencontrar o equilíbrio perdido, de vir respirar à tona da razão, de sair daquela furtividade que o envergonha, de desabafar, do conselho dum amigo.

Entrou no novo restaurante do Algarvio, ali na rua Duluth. Ficou feliz como uma criança quando o lobrigou.

- Tu por aqui?

O Algarvio saiu de detrás do balcão com duas cervejas na mão e encaminhou o amigo para uma mesa tranquila.

- Até me custa a acreditar, és mesmo tu?

O Manuel Transmontano sorria embaraçado.

- Eu sei que não tens tempo para aturar velhos.

Agora com os negócios...

O Algarvio afinou:

- Que raio de palavras são essas? Vocês é que enfiaram essa coisa nos cornos. Cá o Algarvio não troca os amigos pelos negócios. Olha que me zango a valer se te torno a ouvir dizer essas merdas. Não é coisa tua, um homem sensato como tu...

- Isso é o que pensas. Quem vê caras não vê corações...

Há um raio de sol que atravessou a vidraça da janela e que brinca sobre a mesa, reverbera nas garrafas. O Algarvio pousou a mão no ombro do amigo. Continuava com os olhos bovinos e amigos de sempre.

- Isso vai bem?

Contou-lhe tudo. Do princípio ao fim. Sem subterfúgios. Até onde conseguiu desemaranhar a meada da vida.

- Achas que isto fica bem num homem da minha idade, viúvo, com um neto já crescido?

O Algarvio ia rir, soltar uma laracha rude, à portuguesa. Mas retraiu-se a tempo.

- Sabes, Manel, tu és um homem. Ela é uma mulher. Onde é que está o mal?

- Achas?

O Algarvio tinha os olhos humedecidos. Ergueu a garrafa.

- À vossa felicidade. Passa com ela cá pelo restaurante, quando quiserem. Depois combinamos um jantar lá em casa. A Giselle terá todo o prazer em recebê-los.

CARTA DE PORTUGAL

Amigo Luís

Essa saúde vai bem? Claro que sim, que pergunta a minha! Tanto tu como a Teresa são feitos de aço dos bons velhos tempos, não há ferrugem que entre convosco.

Nós também não nos podemos queixar, para uns velhotes como nós, a máquina ainda não está muito emperrada.

Perguntavas na tua última carta quando é que nos decidíamos a regressar ao Canadá. Para te falar com franqueza, é ideia que já pusemos de parte. Tanto eu como a Maria Cândida, chegámos à conclusão de que já não tínhamos forças para recomeçar a vida nessas terras. A idade, quer a gente queira quer não, começa a pesar nas pernas e sobretudo na cabeça.

O que vamos é abrir um restaurante aqui em Pias. Já está tudo apalavrado e só falta assinar os papéis. E sabes o nome que lhe vamos dar? O Canadiano. Se aí estaria sempre marcado pelo ferrete de ser imigrante, aqui não me posso desvincular do rótulo de canadiano. E, como diz o ditado, a melhor defesa é o ataque. Seja, pois, o Canadiano. Que isso me seja de proveito nalguma coisa, já quanto mais não seja, nos negócios.

E já agora, aproveito para te pedir o favor de me arranjares aí mais umas cabeças embalsamadas de animais, capazes de dar um ar de verdade às minhas trapaças e também para enfeitar o estabelecimento. Sempre ouvi dizer

que nós não somos aquilo que realmente somos mas sim aquilo que os outros vêem em nós.

Continuarei pois, por aqui, a contar aos fregueses as histórias das minhas caçadas fabulosas em terras canadianas e encontrarei assim umas migalhas de felicidade para o resto da minha vida, isto é se o negócio correr bem e não for tudo por água abaixo.

Recebam um grande abraço de todos nós e cá os esperamos, nas próximas férias, para saborear no meu restaurante um ensopado de borrego como nunca vos passou pelos lábios.

Jaime

PAZ DE ESPÍRITO

Depois do almoço, enquanto prepara o café, o Michel, discípulo inveterado da informática, não desiste de tentar converter o sogro à sua religião e de iniciá-lo na arte de navegar na internet.

- Quando souberes mexer naquilo, não vais querer outra coisa, até podes ler os jornais portugueses quando te apetecer. Poderás mesmo encomendar por *e-mail* uma daquelas postas mirandesas lá da festa do Nazo. O que é que queres mais? *C'est mieux que faire l'amour, je te promet* – acrescentou o Michel, com uma piscadela de olho à Lise.

Com o neto encavalitado nos joelhos, regalado, o Manuel Transmontano sorri, incrédulo, com os esforços do genro.

- Talvez, qualquer dia. Quem sabe?

A filha e a Lise, lá para a ponta da mesa, tagarelam como duas boas amigas. O Michel acabou de preparar o café que escorre sem pressas para as chávenas.

Que belo dia! Lá fora, o sol outonal atarda-se sobre a relva, dá as últimas pinceladas de vermelho-fogo às folhas do ácer.

- Temos uma novidade para vos dar – anuncia o Michel, abrindo a garrafa do porto.

- Boa ou má? – pergunta o Manuel Transmontano

- Vais ser outra vez vovô – rebenta o Pierre, incapaz de guardar nem mais um minuto o segredo prometido.

Há gargalhadas, abraços, tilintam os copos.

Nessa tarde, amolecido por três ou quatro portos, o Manuel Transmontano pigarreou, como nas grandes ocasiões, para soltar as palavras que estrebucham lá pelo fundo do peito.

- Há dois ou três anos, quando a minha Alzira ainda era viva, pedi que, quando chegasse a minha hora de ajustar contas com Deus, me enterrassem em Portugal. Nesse tempo isso era importante para mim. Apavorava-me ser enterrado num buraco de gelo. Que parvoíce! Se o frio até conserva as carnes. - Esperou que as gargalhadas, ao redor da mesa, parassem. - Agora sem brincadeiras, desta vez, quero-vos dizer que esqueçam a promessa. A minha terra agora é aqui, junto das pessoas que amo, o que é que eu ia para lá fazer, digam lá?

DESGRAÇA

A Teresa tropeça nas palavras. O peito ameaça rebentar os botões da blusa, como um fole tresloucado. Os olhos deitam labaredas.

- Ó mulher, não estou a perceber nada do que estás para aí a dizer – protesta o Luís. – Deixa-me despir o casaco e já me contas tudo.

Finalmente, já sentados à mesa da cozinha, a Teresa lá conseguiu encarreirar as palavras para contar a desgraça.

- É inacreditável, Luís, é inacreditável. A Adelaide deixou o Zé. Foi-se embora com outro homem.

O Mar abana a cauda, à espera das festas do dono que tardam desta vez. Solta um latido, inquieto.

- Quietos, Mar! Raio de cão! - É a vez do Luís arregalar os olhos de espanto. - Deixou o Zé?!

Partilhado o segredo, a Teresa começa a assentar os pés em terra. Só as mãos é que ainda continuam a retorcer o avental.

- É verdade, Luís. Ainda eu mal acabara de chegar da fábrica, quando a Adelaide me veio bater à porta. Parecia mesmo que estava à minha espera. Sabes lá tu tudo o que ela para aqui me disse.! Que já não podia aturar mais o Zé e os jogos da bola. Que sentia que estava a perder a vida, enterrada viva neste buraco. Tanta parvoíce, tanta, tanta que a certa altura eu voltei-me para ela e dei um grito: tás maluca, Adelaide!? Ela sorriu e só me disse: não, Teresa, mas acabaria por ficar se continuasse mais tempo nesta vida.

O Mar continua a roçar a cabeça pelas pernas do Luís. Lá acaba por ganhar uma carícia distraída.

O Luís tem os olhos pregados na Teresa que chora como uma madalena.

- Que desgraça, Luís, que desgraça.

Por fim, o Luís consegue pôr um pouco de ordem no emaranhado de ideias.

- Acalma-te lá, mulher! E o outro, é português?

- Qual quê! É praí um *quebecois* qualquer, colega dela, lá no emprego.

Foi quanto bastou para o Zé poder dar vazão a toda a sua sanha.

- *Maudit quebecois!* Tás a ver, Teresa? Esses cabrões devem pensar que os portugueses são todos uns maricas da raça deles. Ai se eu fosse o Zé! Esse gajo haveria de saber o que é um português com eles no sítio. – A mão esmagou-se, raivosa, contra a mesa. - E o Zé, coitado, onde é que ele está? Vou já vê-lo, coitado. Pobre rapaz!

A DECISÃO

Prezado cunhado

Espero que esta carta vos vá encontrar com saúde e alegria.

Só depois de muitas noites em claro é que ganhei coragem para te escrever. Uma decisão destas não se toma assim do dia para a noite, precisa de amadurecer, como a fruta ao sol no pomar.

Para te falar com franqueza, depois da morte da tua irmã, da Alzira, que Deus tenha em descanso, já não tenho coragem para regressar aí à terra. O que iria fazer longe da minha filha e dos meus netos? O meu lugar é aqui, ao lado deles, para ajudá-los no que puder e gozar, enquanto Deus me der vida, do consolo da sua companhia.

É por tudo isto que te peço o grande favor de pôr à venda todos os meus haveres. Tudo, mesmo a casa. Eu sei que os compradores agora não abundam, os novos partiram, os velhos já não têm forças para tratar as terras mas, olha, faz o que puderes. Deixo tudo nas tuas mãos, o que fizeres está bem feito, tens toda a minha confiança, como sempre a tiveste e mereceste. Se quiseres escolher um par de hortas e lameiros, dos melhores, para ti, não hesites. Fica descansado que não irei regatear preço contigo.

Recebam muitos abraços e beijos de todos nós. E sempre que alguém perguntar por mim, digam que estou bem e que, apesar de me desfazer de todos os meus

haveres , nunca me esquecerei de vós todos, nem da nossa querida terra.

Um grande abraço do teu cunhado sempre amigo,
Manuel

*

Selou a carta e guardou-a no bolso do casaco. Sentia uma ponta de tristeza cravada na garganta.

“Parvoíces”. Passou a mão pelos olhos para afugentar a pieguice. Sabia que não dissera toda a verdade, que não levantara o véu completamente. Mas era melhor assim. Lá na terra, os amigos e a família não iriam compreender. Eram mundos diferentes. O tempo se encarregaria de tudo esclarecer.

Mas o melhor era apressar-se. A Lise esperava-o para ir ao restaurante do Pedro Algarvio que lhe prometera recebê-los com uma caldeirada como só ele sabia preparar.

A ESTATUETA

Desde o dia em que a Adelaide partira, aquela casa tem a imensidão dum convento onde o Zé flutua em silêncios de monge, longe dos olhares do mundo. Longe dos olhares da própria filha, sempre ausente, entregue de alma e coração, a um idílio devorante.

Mas uma desgraça nunca vem só. Nesta noite de sábado, foi a própria filha que o sentou à mesa da cozinha e lhe anunciou, de olhar relampejante, a firme intenção de ir viver com o namorado, aquele rapaz italiano com quem ela sai quase todas as noites nos últimos meses e que, diga-se a verdade, ele, entregue às suas dores, mal conhece.

O Zé olha-a atarantado, e só agora repara que a filha está uma mulher feita que lhe fala com voz decidida e exultante, animada pela força de vigorosos e inadiáveis planos tecidos para a vida a desabrochar.

Lá fora, o carro do rapaz italiano roncava nervoso.

- Tu é que sabes, filha. tu é que sabes - mal forças tem para balbuciar.

Refugiou-se na oficina e, do monte de sucata, agarrou, cego, um pedaço informe de ferro. Torneou, mandrilou, poliu, sem descanso, noite fora, até que a redentora luz da manhã o surpreendeu de supetão.

A obra, a estatueta, era esplêndida: um homem, uma mulher e uma criança, mãos dadas, cabeças erguidas, caminham resolutos, de olhar posto lá longe, talvez no largo horizonte da vida.

Pegou-lhe com cuidados redobrados e foi colocá-la no móvel, ao lado da televisão, onde, não tardava nada, iria começar aquele Braga-Boavista que prometia a valer.

Mas o Zé, mesmo com a televisão em altos gritos, já não deu por nada. Acabou por adormecer no sofá, morto de fraqueza, fadiga e desgosto.

INAUGURAÇÃO

No dia da inauguração, o El Porto estava um brinco. Cheio de luzes, azulejos, espelhos e veludos. Tal e qual como a Gisele idealizara.

A voz cristalina da Amália requebrava-se pelos recantos acolhedores. As bandejas, plenas de cálices e acepipes, vogavam, sem parança, naquele mar de convidados palradores entre os quais sobressaíam os rostos mediáticos de meia-dúzia de poeinentes políticos que de maneira nenhuma iriam perder aquela soberba oportunidade de demonstrar publicamente o seu acrisolado amor aos altos valores do multiculturalismo.

A Gisele, discreta e eficiente, atenta ao mínimo detalhe, zelava para que nada fosse descurado. Quanto ao Pedro, inquieto, de pescoço esticado, esse, só se preocupava com a comparência dos velhos amigos que, para sua tranquilidade, lá foram chegando aos poucos. Primeiro Manuel e a Lise, depois o Açoriano e a mulher que só a ferros o marido conseguira arrancar de casa. Por fim, apareceram o Luís e a Teresa, acompanhados pelo Zé.

- Lá consegui arrancar este ladrão lá da cave onde passa a vida às marretadas àqueles bonecos que até fazem arrepios a um homem - desabafou o Luís, apontando a figura amochada do Zé. – Agora, meteu-se-lhe na cabeça que é artista, podia-lhe dar para pior.

Um empregado abeirou-se com um telefone na mão.

- É para mim? – estranhou o Pedro.

E, logo, lá dos confins do Alentejo, chegou-lhe a voz do Jaime, embargada de felicitações e recordações à flôr-da-pele.

O Pedro, com as lágrimas a assomar, só balbuciava:
- Ora esta, ora esta.

E sempre a voz do Jaime:

- Ó Pedro, isso pode ser um luxo...mas olha que nada chegava ao prazer daquelas cervejas saboreadas na loja do Açoriano. Recordam-se?

Quando desligou o telefone, o Pedro Algarvio, a enxugar a testa com um grande lenço branco, voltou-se para os amigos:

- Quero-vos confessar uma coisa, para que não haja dúvidas nenhuma entre nós. De uma vez por todas. A vossa presença aqui, hoje, é mais importante para mim do que a dessa gente importante toda que aí está. Acreditam?

E, pela tremura da voz e pelo olhar ternurento, quem poderia duvidar?

FECHO DO LIVRO TERCEIRO

O Luís Negro será sempre aquele rapaz pacato e bonacheirão a quem basta, para ser feliz, um punhado de quase nada. De tempos a tempos, ele e a sua Teresa lá andarão roídos de saudades mas com uma ou outra escapadela a Portugal, tudo volta depressa a rodar nos eixos dos dias sem história.

O Açoriano, arrancado, *in extremis* ao cemitério dos vivos-mortos da Flórida, encontrou no Petit Algarve um óasis onde regularmente reúne os amigos em bem regadas petiscadas.

O Zé Biana por lá continua agarrado às suas estatuetas cada vez mais retorcidas, mas como não há dor que sempre dure, terá, mais dia menos dia, de regressar à vida. É até muito possível que regresse a Portugal onde um irmão montou recentemente uma serralharia e reclama insistentemente os seus talentos.

Ao Pedro Algarvio já não há vento que o detenha. Com a Gisele firmemente ao leme dos negócios, sobra-lhe cada vez mais tempo para se reunir com os amigos e ver crescer, dia após dia, uma barriguinha de prosperidade e bem estar.

O Manuel Transmontano encontrou a paz de espírito há muito procurada. As voltas que o mundo dá, pensa, quando, de tempos a tempos, um leve véu de tristeza o cobre de recordações.

O Jaime teimou e venceu. O café do Canadiano, repleto de cabeças embalsamadas, lá nas profundezas

alentejanas, começa a ganhar renome e para espanto da Maria Cândida, afastados os primeiros tempos de desconfiança, já ninguém duvida da veracidade das histórias do arco-da-velha que o Jaime, cada vez mais inspirado, se compraz em inventar para gáudio da clientela.

E para terminar, bem vistas as coisas, é caso para dizer que agora é que tudo vai começar.



